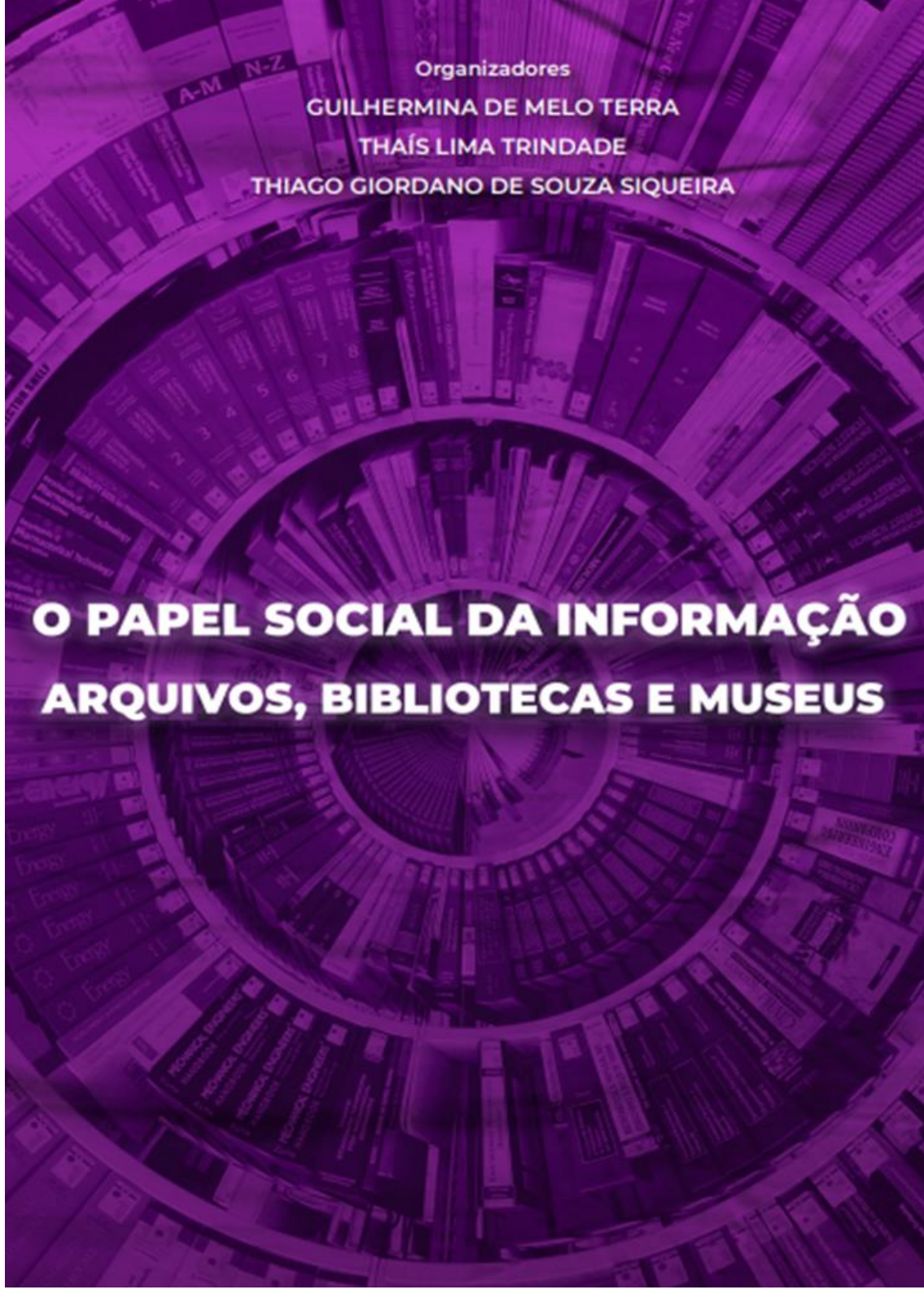




Organizadores

GUILHERMINA DE MELO TERRA

THAÍS LIMA TRINDADE

THIAGO GIORDANO DE SOUZA SIQUEIRA

# **O PAPEL SOCIAL DA INFORMAÇÃO**

## **ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS**

# O PAPEL SOCIAL DA INFORMAÇÃO

## ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS



**SÉRIE**  
Informação

**Grupo de Pesquisa em Informação  
e Comunicação - GRUPIC**



**Dados Internacionais de Catalogação na Fonte**

P214 O papel social da informação : arquivos, bibliotecas e museus / Organizadores: Guilhermina de Melo Terra, Thaís Lima Trindade e Thiago Giordano de Souza Siqueira. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2021.

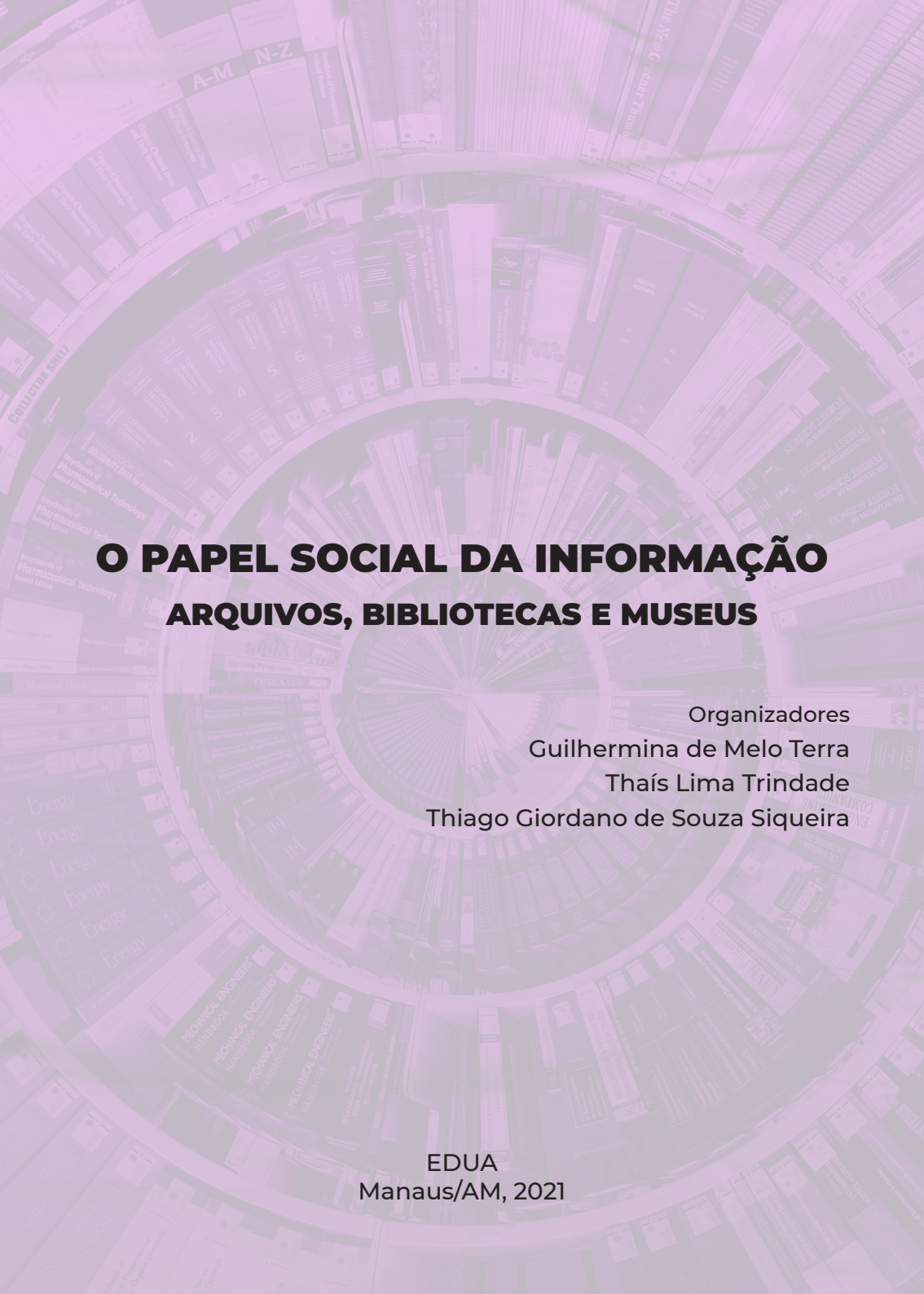
201 p.: il., color.; 21cm.

E-book.

ISBN 978-65-5839-035-0.

1. Organizações informacionais - Comunidade. 2. Papel social dos arquivos. 3. Papel social das bibliotecas. 3. Papel social dos museus. I. Terra, Guilhermina de Melo (org.). II. Trindade, Thaís Lima (org.). II. Siqueira, Thiago Giordano de Souza (org.).

CDD – 021.2



# **O PAPEL SOCIAL DA INFORMAÇÃO**

## **ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS**

Organizadores  
Guilhermina de Melo Terra  
Thaís Lima Trindade  
Thiago Giordano de Souza Siqueira

EDUA  
Manaus/AM, 2021

**Copyright© 2021 dos autores**

**Reitor**

Sylvio Mário Puga Ferreira

**Vice-Reitora**

Therezinha de Jesus Pinto Fraxe

**Editora**

Editora da Universidade Federal do Amazonas

**Revisão Técnica**

Guilhermina de Melo Terra

**Diagramação**

Thaís Lima Trindade

**Projeto Gráfico**

Valdeth Lima Rodrigues

**Imagens**

**Capa:** Imagem de Gerd Altmann por *Pixabay*

**Capítulos:** Arquivos - Imagem de Ag Ku por *Pixabay*

Bibliotecas - Imagem de Ahmad Ardity por *Pixabay*

Museus - Imagem de KirillProduction por *Pixabay*

**Apoio**



**UFAM**



Pró - Reitoria de Extensão



Programa  
**COROADOS**

## PREFÁCIO

Como qualquer outro empreendimento acadêmico, este livro ganhou vida com a generosidade de outras pessoas que acreditam no potencial da função social que perpassa a práxis dos profissionais da informação: arquivistas, bibliotecários e museólogos.

Tenho uma especial de gratidão para com os profissionais que, gentilmente, aceitaram o convite para compartilhar partes dos seus afazeres, das suas pesquisas e seus projetos desenvolvidos em suas respectivas instituições neste livro.

Agradeço à Guilhermina Terra pelo convite para escrever o Prefácio desta obra e aos colegas do Grupo de Pesquisa em Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (GRUPIC/UFAM) que se envolveram em atividades e debates frutíferos, ainda que de forma remota, e que inspirou a idealização desta obra.

De antemão, proponho-lhes as seguintes reflexões: Qual é o papel social da informação? O que conecta às instituições, pessoas a grupos, organizações e sociedades?

Responder a essas perguntas é fundamental para todas as ciências sociais, não apenas para a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia, ou as relações transversais entre elas, estudadas no âmbito da Ciência da Informação, enquanto áreas do conhecimento, orientada às necessidades de informação da sociedade e, por conseguinte, assumindo uma responsabilidade social à medida que preserva e busca assumir o compromisso de promover a democratização do acesso à informação a todos os indivíduos, independente de cor, raça, classe social e possíveis limitações.

Sobretudo com o cenário pandêmico e as medidas de restrição ocasionadas pela pandemia do Covid-19, observou-se o surgimento de demandas sociais (ou pelo menos tornaram-se mais evidentes) e como a informação se comporta junto às problemáticas emergentes no âmbito socioeconômico.

Apresento a seguir, uma ilustração sequencial das abordagens contidas na obra e como elas nos apresentam possibilidades para encontrar mais questionamentos e possíveis respostas.

Em *Para além de arquivar: reflexões sobre a função social e ações nos/dos Arquivos* traz à luz a importância de ter um lugar onde a sociedade possa depositar suas memórias, principalmente, as documentadas não só servir à administração ou como valor de prova, mas também como fonte de pesquisa e cultura e, sobretudo, à manutenção da viva história.

Em seguida, no capítulo *Arquivistas, arquivos e universidades: ações que perpassam a gestão documental*, conhecemos as atuações do Arquivo Central da Universidade Federal do Oeste do Pará que se ocupa de não ser o detentor da história e da memória, buscando atuar na promoção do conhecimento ao empreender ações de extensão que retratam a história e desenvolvimento local para e por santarenos.

No eixo das bibliotecas, o capítulo *Pensar (e repensar) a pandemia a partir da Biblioteconomia Social* reconhece a necessidade de agir para proporcionar informações confiáveis e fidedignas sobre saúde pública para informar às comunidades vulneráveis e, isso, deixa explícito o resgate da Biblioteconomia Social, à medida que as bibliotecas, diante o cenário de pandemia, buscaram promover serviços de acesso aos recursos de informação às suas, a formação de profissionais no espaço universitário para qualificar com o perfil emergente e que traz novas demandas e novos

protocolos para atuar nesse cenário.

Não de forma isolada, o trabalho em rede pode gerar excelentes frutos, é o que observamos em *Atuação da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias no contexto da pandemia* que agrega 115 bibliotecas comunitárias, que apresenta a característica de ser a mais próxima da comunidade onde está inserida e, por isso, propuseram-se a buscar solução para minimizar o sofrimento das famílias frequentadoras das bibliotecas. Oportunizando além das ações culturais, mediadas por tecnologia, conseguiram arrecadar doações financeiras para a compra de cestas básicas.

Nessa mesma tessitura, *Bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão e suas práticas socioprofissionais no contexto da pandemia do Covid-19* destaca uma ação de extensão idealizada a partir dos profissionais que atuam nas bibliotecas da UFMA e a solidariedade para promover práticas de redução do impacto ocasionado pelas desigualdades existentes na comunidade do entorno do campus, especialmente aquelas famílias que se encontravam em situação de vulnerabilidade social, articulando as necessidades básicas às necessidades literárias.

*A Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho do Solar Meninos de Luz em tempos de pandemia no ano de 2020*, com o seu belo trabalho diversificado de inclusão de hábitos de leitura e trabalho com as questões de respeito e valorização da comunidade negra, bem como as ações de mediação da leitura durante a pandemia, de forma a integrar escola, comunidade e biblioteca, utilizando plataformas digitais de comunicação e interação.

Não poderia esquecer dos museus, equipamentos culturais favoráveis à democratização, fomento e circulação de educação e

cultura. Assim, em *O Papel social dos museus e a pandemia do novo coronavírus* deixou claro que esse espaço precisa ser concebido como local para a comunidade e, essencialmente, com a comunidade. Isso não implica ações extraordinárias, mas saber como atuar em rede e articulando-se com a comunidade e lideranças e propor ações educativas e patrimoniais afirmativas. Destacando, ainda, que o momento da pandemia poderá ser preservado para guardar a história das perdas, dos aprendizados e das novas descobertas.

A aplicação dessa possibilidade pode ser notada em *Revivendo memórias #emcasa: minimizando o isolamento social com uma boa prosa* que estimula o compartilhamento dos processos de convívio social e as experiências afetivas de um grupo de idosos despertadas pelas imagens, vídeos, áudios e pensado pelo Núcleo Educativo do Museu do Futebol para favorecer o contato social, mediado por Tecnologia de Informação e Comunicação e, assim, estimular relembrar e compartilhar memórias dos participantes sem sair de casa.

Olhar para o território é fundamental, assim, *Como ser possível um museu atuar de forma integrada à comunidade?* apresenta uma percepção enriquecida da comunidade ao aproximá-la do museu, enquanto organização, por meio da construção de uma programação formada por atividades desenvolvidas pelos setores Educativo e da Biblioteca que levam em conta os visitantes, principalmente, aqueles de baixa renda que vivem próximo ao museu, despertando a noção de pertencimento, alcançando amplo envolvimento destes e, conseqüentemente, potencializando o impacto sociocultural das ações empreendidas. Diante deste contexto de sérios desafios em *Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento: a*

*arte do saber fazer, do Catiri para o mundo emergiu na comunidade do Catiri*, preservando e difundindo a memória e tradição dos migrantes nordestinos, especialmente, os maranhenses. Promovendo a inclusão cultural por meio da cultura popular, ainda no contexto de pandemia, onde a fome se tornou tão letal, quanto o vírus.

Com a publicação desta obra, espera-se contribuir para a difusão do rol social das atividades de arquivistas, bibliotecários e museólogos, assim como das instituições que estes desenvolvem os seus trabalhos em território brasileiro e argentino.

O presente volume é o resultado de um esforço conjunto. Inclui 10 casos editados para reunir vários pontos de vista e práticas desenvolvidas em diferentes localidades e por meio de tais práticas, apresentação argumentos coerentes, sendo, portanto, este um primeiro passo encorajador, no sentido de obter uma visão satisfatória da paisagem social diretamente refletida na sociedade, a partir da prática à teoria.

Espero que as questões ganhem importância, a partir da leitura, e quando você tiver em mãos a tarefa de gerenciar um novo serviço, introduzir serviços inovadores, você seja capaz de pensar no aspecto transformador presente, na sua formação e, assim, executar atividades orientadas para as pessoas.

Boa leitura!

**Thiago Giordano de Souza Siqueira**

Bibliotecário-Documentalista, Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação,

Universidade de Buenos Aires.

Doutorando em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista (PPGCI, Unesp-Campus de Marília)

# SUMÁRIO

---

Página

15

## CAPÍTULO 1: Informação x Arquivos

### 1.1 Para além de arquivar: reflexões sobre a função social e ações nos/dos arquivos

Jefferson Fernandes Dantas  
Faysa de Maria Oliveira e Silva

16

### 1.2 Arquivistas, arquivos e universidades: ações que perpassam a gestão documental

Jefferson Fernandes Dantas  
Sérgio Fredrich Rodrigues

36

Página

56

## CAPÍTULO 2: Informação x Bibliotecas

### 2.1 Pensar (e repensar) a pandemia a partir da biblioteconomia social

Julio Díaz-Jatuf  
Thiago Giordano de Souza Siqueira

57

### 2.2 Atuação da rede nacional de bibliotecas comunitárias no contexto da pandemia

Meibe Mascarenhas  
Mineia Braga  
Luana da Silva Araújo

75

## **2.3 Bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão e suas práticas sócio-profissionais no contexto da pandemia da COVID-19**

Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira  
Maria de Fétima Oliveira Costa  
Aureste de Sousa Lima  
Daniella Carvalho Pereira dos Santos

90

## **2.4 A biblioteca comunitária e escolar Paulo Coelho do Solar Meninos de Luz em tempos de pandemia no ano de 2020**

Eliana da Silva Rodrigues  
Phamela Lima Torres

104

Página

122

## **CAPÍTULO 3: Informação x Museus**

### **3.1 O cumprimento do papel social dos museus e a pandemia do novo coronavírus**

Simone Flores Monteiro  
Guilhermina de Melo Terra

123

### **3.2 Revivendo memórias #emcasa: minimizando o isolamento social com uma boa prosa**

Daniel Magnanelli de Araujo  
Thaís Lima Trindade

140

### **3.3 Como ser possível um museu atuar de forma integrada à comunidade?**

Eliene Dourado Bina  
Guilhermina de Melo Terra

160

### **3.4 Museu Casa Bumba Meu Boi Movimento: a arte do saber fazer, do Catiri para o mundo**

Auricélia Padilha Mercês  
Thaís Lima Trindade  
Luiz Augusto da Rocha Vaz

183

# APRESENTAÇÃO

Qual seria o papel social da informação? A quem, quando, como e onde ela pretende chegar? Na atualidade como atuam os espaços de acesso à informação? Tais perguntas propõe uma reflexão quanto ao uso e a importância da informação nos mais diversos contextos sociais, vivemos a chamada “Era da Informação”, onde a todo momento somos bombardeados pelos mais diversos canais de comunicação e informação. Porém a compreensão da informação e sua diversidade de significados e aplicações são mutáveis e pessoais, contextualizadas pela realidade e vivência de cada indivíduo.

A obra **O Papel Social da Informação: Arquivos, Bibliotecas e Museus**, é resultado das percepções de como esses espaços de informação podem e devem atuar nos diversos ambientes sociais. Foi idealizada a partir de uma série de *lives* apresentadas no canal do *YouTube* do Grupo de Pesquisa em Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (GRUPIC/UFAM), que reuniu em 3 episódios representantes de vários arquivos, bibliotecas e museus, que incluíram em suas rotinas ações voltadas redução de desigualdades e o combate ao Novo Coronavírus em suas comunidades durante o período de pandemia que teve início em março do 2020.

Com a repercussão da série *Papel Social: Arquivos, Bibliotecas e Museus*, observou-se uma crescente e emergente necessidade de adequação quanto a atuação desses espaços, aliar as questões técnicas e administrativas ao fazer social, ouvir e atuar diretamente nos anseios e necessidades de suas comunidades, ir além dos prédios e espaços físicos.

A pandemia mudou o mundo inteiro, tudo foi adaptado as no-

vas necessidades emergentes do isolamento social e das medidas de saúde recomendadas, e com esses espaços não foi diferente, como arquivos, bibliotecas e museus poderiam contribuir com a sociedade nesse momento caótico em que foram obrigados a fecharem suas portas? Como poderiam de alguma forma estar presentes na realidade de suas comunidades, com cumprirem sua missão diante tão cruel realidade? Era necessário se reinventar, buscar soluções que contribuíssem diretamente no exercício social e cidadão de seu público.

As ações que foram apresentadas durante a série motivaram outros profissionais a buscarem meios de atuarem durante o período de pandemia, e materializou possibilidades que até então poderiam ser tidas como sem relevância ou inviáveis. Por meio da observação de tais resultados o GRUPIC/UFAM idealizou a reunião de uma coletânea com textos que trouxessem a atuação desses espaços informacionais voltados também para as questões sociais. Tendo em vista que tal perspectiva já era implantadas em algumas instituições antes mesmo da pandemia, buscou-se reunir as duas realidades: arquivos, biblioteca e museus que atuassem como organizações abertas em prol da transformação social, antes e durante a pandemia.

Dito isto, foram convidados representantes e pesquisadores desses espaços que pudessem contribuir com a construção da obra, foram desenvolvidos capítulos que buscam retratar de forma realista esses desafios e seus resultados.

Essa coletânea destina-se a todos os atores que compõe os espaços de arquivos, bibliotecas e museus, desde seus gestores, equipe, visitantes, apoiadores e comunidade em geral. Mais do que um livro, **O Papel Social da Informação: Arquivos, Bibliotecas e Museus**, tem como proposta ser um norte para todos aqueles que bus-

cam compreender na prática o papel social desses espaços de informação, e qual a missão desses para com a transformação social.

Por fim, agradecemos a todos os colaboradores que permitiram a concretização desta obra: aos autores que aceitaram o convite para a construção desta obra e permitiram essa gratificante partilha de experiências; ao Programa Coroadado que nos abrilhantou com a bela diagramação da obra; à Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA) que tornou concreto nosso produto e aos leitores, haja vista que esta obra foi feita para vocês.

**Thaís Lima Trindade**

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas.

Especialista em Gestão de Arquivos Empresariais, pela Universidade Federal do Amazonas.

Mestre em Ciências da Comunicação, pela Universidade Federal do Amazonas.

Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (PPGCINF/ UnB).

# **CAPÍTULO 1**

## **INFORMAÇÃO X ARQUIVOLOGIA**

## 1.1 PARA ALÉM DE ARQUIVAR

### REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL E AÇÕES NOS/DOS ARQUIVOS

Jefferson Fernandes Dantas  
Faysa de Maria Oliveira e Silva

#### ARQUIVO, DOCUMENTO E POTÊNCIAS INFORMACIONAIS

Desempenhar a função de salvaguardar documentos é compreendida por alguns como sendo a única função desempenhada nos Arquivos ou Centro de Documentação, porém além de espaço propício para essa atividade podemos pensar funções e ações sociais que possam ser desenvolvidas pelos agentes que atuam nestes espaços informacionais, deste modo pretendemos aqui refletir sobre algumas ações já desenvolvidas por instituições Arquivísticas ou Unidades de Arquivos, gerando um mapeamento e socialização desses momentos, buscando provocar uma reflexão que possa aguçar o olhar ao arquivo para além da gestão documental.

Para melhor iniciar nossa reflexão é preciso compreender que o termo “arquivo” leva em si quatro possibilidades de uso. A depender do momento em que for empregado o termo poderá estar representando um conjunto de documentos, uma instituição edificada mantenedora de documentos, podendo ser, também, alguma sala ou espaço destinado para a finalidade de arquivo, assim como na perspectiva de interpretação, o arquivo também pode ser definido, enquanto móvel, com a finalidade de guarda documental.

As quatro possibilidades de uso supracitados são, quase, que ponto de partida para o início de estudos sobre arquivo. Após a percepção e entendimento das possibilidades de uso do termo é que se pode aprofundar sobre cada particularidade do termo em si. Para

melhor compreensão das definições, citam-se o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, o livro “Arquivos para quê?” de Bruno Delmas (2010), onde apresenta como o termo Arquivo com “A” maiúsculo, dirigindo-se às “instituições ou serviços que têm como missão reunir e conservar os documentos de arquivo, tornando-o acessíveis” (DELMAS, 2010, p. 56), o trabalho intitulado “A polissemia do termo ‘arquivo’”, de autoria de Margareth da Silva (2016), no qual ela reflete, historicamente, sobre a multiplicidade de sentidos que a palavra arquivo desempenha, ao apontar que

Partindo das conclusões postas pela autora, percebe-se em

Nas civilizações da Antiguidade clássica, os termos incluíam o lugar, os documentos e o responsável pela custódia. O conceito, portanto, era abrangente e inclusivo, não havendo diferenciação entre o lugar e os documentos ali custodiados, sendo que os documentos eram uma extensão do lugar, já que este era investido com um arsenal jurídico que incluía o responsável pela custódia. A existência de sinônimos não implicava significados diferentes. (SILVA, 2016, p. 16).

seu trabalho, a partir de estudos realizados por meio de dicionário, a possibilidade de compreensão da multiplicidade de sentidos que o termo arquivo foi carregando em si, evidenciando que o termo busca “abarcas, ainda que com ênfases e graus diferenciados, a relação entre os documentos, a organização produtora, a atividade e a custódia” (SILVA, 2016, p. 17).

Como registros e reflexos de acontecimentos, segundo Schellenberg (2006), os arquivos são detentores de informações que podem ser utilizadas com finalidades que permeiam área administrativa, cultural, pessoal e de ordem oficial, assim como defendido por Rousseau e Couture (1998), que asseguram que o arquivo pode deter múltiplos

tiplas abordagens, ao afirmarem que este apresente detalhes tanto de suporte em que a informação está registada, quanto de conteúdo, apontando vestígios de um período no tempo e refletindo sobre determinadas civilizações.

Isto implica frisar que os documentos surgem como embasamento ao exercício de poder, sendo criados, naturalmente, no sentido de servir como instrumentos de registros e provas. Por análises múltiplas, Rousseau e Couture (1998, p.33) afirmam que “eles [os documentos] desempenham sempre um papel na defesa dos direitos e instituições”, propiciando o registro e a preservação da memória, com vistas ao seu uso futuro.

Autores como Bellotto (2014) e Delmas (2010) afirmam que os arquivos são formados por documentos resultantes de ações, as quais podem ser de caráter público ou privado, sendo válido frisar que tais documentos independem de seu gênero, espécie, formato ou suporte. Nesta perspectiva, o documento passa a ser concebido como sendo um

Elemento gráfico, iconográfico, plástico, ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a correspondência, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário, enfim, tudo o que seja produzido, por razões funcionais, jurídicas, científicas, culturais ou artísticas pela atividade humana. (BELLOTTO, 2014, p. 38).

Sendo formados por uma diversidade de possibilidade informacional, os arquivos passam a ter um papel fundamental para a sociedade, pois são eles os responsáveis em manter vivas as informações

produzidas pela humanidade, independente de seu período histórico, servindo, portanto, como instrumento de suporte à administração, bem como como um instrumento de preservação da história humana, no que concerne aos arquivos permanentes.

Em nível histórico, afirma-se que os documentos arquivísticos, em sua maioria, nasceram com fins administrativos, a partir de uma necessidade específica. Por esta razão, estes passam a ser chamados de documentos de valor primário. À medida que o valor dos documentos deixa de ser de uso imediato, mas mantendo a possibilidade de uso, estes passam a ter um valor secundário, passando sua existência a servir a pesquisas históricas e/ou sociais, ganhando uma roupagem que Bellotto (2006) classifica como documento histórico.

## **O ARQUIVO INSERIDO NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

O arquivo para sociedade é a garantia de que sempre haverá um lugar onde a sociedade pode depositar suas memórias individual ou coletiva. Diante o exposto, frisa-se que na construção da sociedade informacional, a figura do arquivo se torna crucial para a guarda e acesso da memória de uma sociedade informacional. Corroborando com o citado, Bellotto (2014, p. 132), afirma que a existência dos arquivos na sociedade

[...] justifica-se pela necessidade que sempre tiveram as comunidades humanas, desde a mais remota antiguidade, de registrar, em suportes inteligíveis, as suas normas, ações, transações, direitos, deveres etc. de modo a preservar os testemunhos necessários ao andamento das relações entre governantes e governados, tanto quanto dos membros dessa mesma sociedade entre si.

Ou seja, à medida que a comunicação passou a ser falada, a sociedade percebeu que a quantidade do que era disseminado era infinitamente maior que a capacidade de retenção, necessitando de mecanismos capazes de registrar as informações e conhecimentos produzidos, surgindo, primeiramente, as escritas hieroglíficas e a cuneiforme, seguido dos alfabetos fenício, grego clássico, grego atual e latino. “A transmissão do conhecimento em suporte da escrita passou a permitir que a comunidade tivesse acesso ao conhecimento de alguém, mesmo depois de morto. A informação ganhou durabilidade.” (informação verbal)<sup>1</sup>.

Melhor dizendo, para além do lugar de guarda da memória da sociedade, que organiza, preserva e provém acesso aos documentos, o arquivo passa a ser concebido como um instrumento multifacetado, possuindo a finalidade de não só servir à administração, no sentido de auxiliar no processo de tomada de decisão, mas também de manter viva a história, sendo, portanto, uma rica e importante fonte de pesquisa e de cultura.

Ademais, o arquivo apresenta algumas funções complementares, pois, além das publicações de caráter técnico e cultural, cabe a ele organizar exposições temporárias ou permanentes, quando se trata de documentos históricos originais. Segundo Bellotto (2014), essas funções são primordiais, uma vez que cabem aos arquivos manterem a informação segura e acessível a todos que dela necessitam, no sentido de aproximar o cidadão ao constructo social do arquivo, em prol da sua transformação social.

Neste sentido, os arquivos deixam de atuar apenas como suporte informacional, passando a ser instrumentos de transformação

---

<sup>1</sup>Aula ministrada pela Profa. Me. Regina Lúcia de Souza Vasconcellos, na disciplina Seminário de Pesquisa em Biblioteconomia, em 2019, sobre a temática Sacralização das informações nos

social. Com a prerrogativa de servir à população, criando a identidade cultural de um povo, os arquivos passaram a ser valorizados como um bem social, que se configura em um patrimônio histórico, ao mesmo tempo que passam a ser concebidos como patrimônio local.

E, por assim se transformarem, tornou-se possível o cumprimento do seu papel social, por meio de ações, como “palestras, visitas, exposições, eventos, comemorações, atividades de teatro e de turismo relacionadas com os documentos do arquivo, tanto quanto em suas ações, junto aos ensinos fundamental e médio.” (BELLOTTO, 2014, p. 133).

O que se defende aqui é que as organizações arquivísticas não devem redimensionar suas práticas, de modo a atuar, exclusivamente, para a transformação social do público, sobretudo, dos que residem em seu entorno, pelo contrário, as funções tradicionais de recolher, custodiar, preservar e organizar fundos documentais, devem continuar, pois cabem aos arquivos atender aos usuários internos, externos e potenciais, como defendido por Santos *et al.* (2014).

Defende-se aqui a inclusão de novas ações ao contexto tradicional dos arquivos, pois em nível de gestão, no início do século XX, as organizações que trabalham com a informação (arquivo, biblioteca e museu) passaram a ser concebidas como organizações do Terceiro Setor, o que obriga a inclusão do “desenvolvimento do meio” em suas missões organizacionais (TERRA, 2013). Justamente por isso, os arquivos, mais do que nunca, necessitam integrar às suas tarefas, atividades culturais para certificar o seu cunho social.

Santos *et al.* (2014), entendem que as atividades de cunho social, são estratégias desempenhadas pelos arquivos, no sentido de agregar os usuários reais e potenciais nas programações ofertadas por eles, com o intuito de possibilitar a integração e o processo dialógi-

co entre a informação contida nas programações e os usuários onde, o encontro com patrimônio informativo e cultural, levará à mudança na forma dos usuários em ver e agir na sociedade, transformo-os, verdadeiramente, em cidadãos. Nesta perspectiva, Coelho (2001, p. 10-11) conceitua ação cultural como “um conjunto de conhecimentos e técnicas com o objetivo de administrar o processo cultural - ou sua ausência, como é mais comum entre nós... – de modo a promover, digamos, uma distribuição mais equitativa da cultura, de suas pregoadas benesses”.

Ao citar o termo “equidade”, caberá aos arquivos trabalhar com a comunidade interna e externa com o mesmo objetivo transformador. Mas, para isso, as ações a serem ofertadas necessitam estar em consonância com a necessidade informacional e cultural de cada grupo social a atender. Isto implica frisar que o discurso a ser dirigido pelo arquivo não pode ser algo estandardizado, pois a ação cultural só atingirá o êxito esperado, à medida que o usuário se identifique com ela. Caso contrário, o envolvimento entre os sujeitos do processo transformador (arquivo e usuário) não garantirá a construção do conhecimento e, portanto, a transformação social.

Afirma-se isso, pois, a transformação do indivíduo em cidadão só é possível à medida que o processo dialógico transforme a informação transmitida em conhecimento. Por esta razão que, para Ribeiro e Cunha (2006, p. 7) “a ação cultural é muito importante nos processos da educação e da cidadania. Deve estar presente no cotidiano das pessoas por facilitar uma ação cidadã na troca de saberes, no acesso e uso ao conhecimento acumulado da humanidade”.

Para que isso seja possível, é notório que o processo comunicacional a ser trabalhado nas organizações arquivísticas não pode se manter de forma unilateral. Pelo contrário, torna-se necessário

substituir os termos “emissor” e “receptor” por “sujeitos”, os quais, ao mesmo tempo em que recebem as informações, no sentido de transformá-las em conhecimento, acaba indicando o que será necessário ser ofertado e, sobretudo, o como ser ofertado. É por esta razão que Santos (2017), defende a ideia de que a comunicação arquivística precisa transformar o expectador em ator do processo.

Defende-se tal ideia, pois, a partir desta transformação, o usuário poderá se posicionar frente ao que lhe apresentado, expondo suas dúvidas e questionamentos, ao mesmo tempo em que receberá novos conteúdos, capazes de subsidiar suas próprias decisões. Justamente por isso que, as ações culturais a serem ofertadas pelos arquivos necessitam ser consideradas aquelas que conseguirão despertar o interesse e a motivação dos usuários em participar das mesmas. Em relação à participação progressiva dos arquivos na ação cultural, Bellotto (2014, p. 139), mostra-nos que esta

Reveste-se da possibilidade de uma aprendizagem da história e de uma tomada de consciência das identidades comunitárias por parte das populações menos letradas pelo conhecimento das tradições do patrimônio arquitetônico e da história local de forma lúdica e prazerosa. Tudo pode ser apreendido nas exposições nos espetáculos cênicos nos contatos entre escola e arquivo nas publicações e projetos de cunho cultural e na cooperação com museus e bibliotecas no sentido de proporcionar cultura e lazer cultural à comunidade.

A autora frisa a parceria entre arquivo, biblioteca e museu, justamente pela razão supracitada por Terra (2013). Nesta perspectiva, estas organizações necessitam ter consciência do seu papel social perante a sociedade. Por isso que as vivências da ação cultural necessitam ser capazes de transformar a realidade social dos usuários que se envolvem com as programações arquivísticas, tornando-os

agentes ativos, no processo de criação de novos bens culturais.

Afirma-se isso, pois, somente desta forma, é que será possível ao indivíduo se sentir parte integrante da sociedade, passando a atuar, enquanto ator no seu processo de inserção e reconhecimento da sua cultura, isto é, atuar enquanto cidadão. Quanto aos serviços de difusão do conhecimento nos arquivos, como ação cultural, citam-se:

Serviços de difusão cultural e pelos serviços de ação educativa dos arquivos públicos em vários países, sobretudo a partir de meados do século XX. As exposições temáticas, os espetáculos teatrais, palestras, oficinas e seminários que demonstrem e “trabalhem”, com apelo popular, os documentos de arquivo, têm atraído o chamado “grande público” que encontra neles ligações com o cotidiano atual e com o passado da sociedade em que vive. Essa área é mesmo considerada vital no mundo dos arquivos. (BELLOTTO, 2006, p.135).

Desta forma, a difusão cultural das instituições de memória deve ser realizada de forma que demonstre o lado mais lúdico do arquivo, tornando a interação do usuário mais satisfatória e produtiva. Atrelados à difusão cultural, estão as ações de educação, que tem por finalidade exposições, programações teatrais, palestras, oficinas, seminários e tudo mais que demonstrem a versatilidade do arquivo e que consiga atrair os usuários.

Com as ações voltadas para a cultura e para a educação, o arquivo se torna mediador cultural da informação, conseguindo alcançar um número de usuários antes inalcançáveis, isso devido à promoção de eventos culturais e educacionais. Cabe salientar que, esses eventos, são cruciais para que a sociedade possa ter contato

com os serviços desenvolvidos no arquivo e possa compreender, o que é um documento, qual o trâmite documental e como estes podem ser preservados.

Apesar de reconhecer o quão são importantes essas iniciativas sociais das organizações arquivísticas, algumas instituições ainda não conseguem ou não priorizam tanto as ações culturais, quanto as educativas, devido a várias razões. Todavia, é crucial que os arquivos entendam qual o papel social que necessitam cumprir perante a sociedade, pois somente a partir de tal consciência é que as ações culturais e educativas passarão a ser previstas nas legislações internas e reguladoras de suas ações nos arquivos (SANTOS *et al.*, 2014).

## **AÇÕES QUE PERMEIAM ATIVIDADES SECUNDÁRIAS**

Conforme exposto anteriormente, a prática arquivística concentram suas ações em atividades primárias e secundárias, haja vista que a documentação apresenta utilidades e aplicabilidades específicas. Nesta perspectiva, muitos, de forma equivocada, defendem a ideia de que a documentação secundária se destina, apenas, para fins de pesquisa ou acadêmico, sendo direcionada, como frisado por Bellotto (2014) apenas para a administração, juristas, pesquisadores ou historiadores. Corroborando com a autora, Rodrigues *et al.* (2018, p. 1027) defendem a ideia de que

Pensar em arquivo ultrapassa as visões administrativas e acadêmicas nas Universidades, ao passo que estes, os arquivos, detêm um poder de atuação social ao cumprirem o papel auxiliar na construção da cidadania, gerando uma interação direta com a sociedade, quando o conhecimento produzido e acumulado ultrapassa os muros de concreto das instituições mantenedoras de acervos documentais.

Isto implica afirmar que os arquivos necessitam passar a fazer parte do patrimônio local da comunidade que se localiza em seu entorno, bem como um instrumento importante aos usuários de fora de seu entorno. Para isso, a ideia de edifícios frios e distantes da comunidade precisa ser abolida. As pessoas necessitam se sentir convidadas a adentrar nos espaços arquivísticos, por se sentirem parte deles. Por esta razão que a atuação proativa precisa constituir a base do fazer arquivístico.

O arquivo precisa ir ao encontro da comunidade, no sentido de oferecer programações que, de fato, reflitam e atentam as suas necessidades e não atuar, exclusivamente, como um local de guarda da história. Em concordância, Bellotto (2014, p. 313) afirma que, ao “aproximar-se do cidadão, [o arquivo] estará possibilitando que este melhor conheça sua identidade cultural”, passando a atuar na sociedade, enquanto agente social e transformador.

Neste sentido aproximando-se do cidadão e pensando além das visões administrativas e técnicas, como defendem Rodrigues et al. (2018), buscou-se resgatar, por meio da pesquisa exploratória, algumas ações desenvolvidas pelos arquivos, no sentido de inspirar a transformação daqueles que ainda se mantêm, enquanto organizações fechadas, sobretudo, no planejamento de atividades secundárias, inclusive com algumas ações que envolvam o cenário atual de pandemia, ocasionado pela COVID-19, no qual o mundo está vivendo e que exige o distanciamento social.

Idealizado pelo Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), em 1994, muito antes da pandemia, o “*Chá de Memória*”, foi um projeto destinado ao público idoso. Seu objetivo era o de reunir os(as) idosos(as) que integraram a construção da cidade de Brasília, a fim de não só disseminar, por meio de aproximadamente 500 fotografias,

um importante momento histórico brasileiro, mas também de permitir “o reencontro de pessoas que estiveram juntas durante o período da construção de Brasília e após a sua inauguração” (CRESCENCIO, 2013, p. 6).

Este projeto transcendeu os limites territoriais, pois serviu de inspiração ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH). Com finalidade similar, o projeto “Cestas de Memória”, objetivou apresentar uma descrição mais assertiva do acervo fotográfico que estava sob sua guarda. Para a montagem da exposição, o arquivo decidiu envolver o público da terceira idade, no sentido de identificar e apresentar descrições precisas das fotografias.

Cabe salientar que, com tal ação, o arquivo conseguiu implantar o processo comunicacional que se defende, pois a participação voluntária dos(as) idosos(as) junto à equipe técnica do arquivo representou o envolvimento da população local, junto à programação a ser ofertada pelo arquivo, tornando todos em sujeitos da ação. Isto implica frisar que o resultado obtido foi algo muito maior do que esperado pelo arquivo, o qual segundo Parrela (2015), visava possibilitar um despertar de memórias. Afirmar-se isso, pois tal ação gerou na comunidade a sensação de pertencimento, transformando o espaço arquivístico patrimônio local.

O outro exemplo a ser apresentado, volta-se ao Arquivo Público do Estado do Pará, por meio do projeto “Arquivos de portas abertas”, o qual buscou oferecer palestras temáticas, bem como promover ações de educação patrimonial, junto ao público estudantil, como o ocorrido na Escola Estadual Eunice Weaver, onde na oportunidade os estudantes puderam ter contato com documentos que possuem relevância histórica e que estão sob a custódia do Arquivo, além de participar de uma série de atividades e dinâmicas. Nesta ação, o ar-

quivo levou até a escola o material a ser apresentado aos estudantes, fazendo uma rota contrária ao que comumente ocorre, isto é, o arquivo ficar à espera de seus usuários (MARQUES, 2019).

Seguindo a mesma rota, o Arquivo Público de Pernambuco também partiu para uma ação pró-ativa, indo até a escola, no sentido de disseminar a história local. Nesta perspectiva, a equipe do arquivo levou parte de seu acervo fotográfico, contendo fotos antigas da cidade de Recife para a EREM Santos Dumont. Intitulada “Caravana da Memória e da Cultura”, esta ação possibilitou aos estudantes e equipe da escola a oportunidade para compreender a história do bairro Boa Viagem, localizado na capital pernambucana, bem como entender os significados e simbolismos presentes em seus cotidianos muito antes de seus nascimentos, uma vez que além das fotografias, a programação envolveu vídeos, documentários e palestras. (EDITORIA DE CIDADES, 2019).

Cabe salientar, também, que este espaço arquivístico, busca atrair a população muito antes da pandemia. Tal fato pode ser encontrado em Teles (2017), o qual destaca que, em 2017, o arquivo público, em comemoração dos 60 anos da marcha Evocação de Nelson Ferreira, abriu-se ao público, por meio de uma exposição fotográfica sobre os antigos carnavais de rua, bem como sobre os jornais de agremiações carnavalescas e documentos dos arquivos do Dops.

A pesquisa demonstrou que os arquivos universitários também estão começando a ter consciência de seus papéis perante a sociedade, ultrapassando o viés administrativo. Para isso, citam-se Rodrigues e Dantas (2018), os quais relatam algumas das ações que o Arquivo Central da Universidade Federal do Oeste do Pará realizou.

Não se pode deixar de frisar são as ferramentas de tecnologia da informação e comunicação e redes sociais, as quais já eram utili-

zadas por algumas organizações arquivísticas muito antes do contexto pandêmico, como o Arquivo Público do Estado de São Paulo, o qual, em 2014, realizou uma exposição virtual, com o objetivo de interação virtualmente os usuários ao tema Segunda Guerra Mundial. Assim, por meio da programação “Segunda Guerra em Revista”, disponível no site do arquivo, alguns artigos de revistas e jornais do período de 1939 a 1945 foram disponibilizados, bem como alguns documentos ligados aos fundos DEOPS e da Defesa Passiva Antiaérea (PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO, 2014).

O Arquivo Público de Sergipe (Apes), também faz uso das redes sociais para a divulgação de seu acervo, só que na plataforma *Instagram*. Para isso, o arquivo criou um perfil, com o propósito de postarem documentos históricos, fotográficos e recortes de jornais, com vistas à integração da sociedade com as informações que estão sob sua guarda. Para a fidelização do público, semanalmente, o arquivo posta uma novidade do acervo, como relatado na entrevista dada pela gestora do espaço ao Portal G1 (2020).

Já o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina promoveu um atendimento no modo virtual às escolas públicas e privadas, por meio do projeto “Documentos Interessantes: Reflexos da República em Santa Catarina pela documentação do Arquivo Público”, via outra rede social, ou seja, *Facebook*. A ação fez parte da programação do Setor Educativo do arquivo, a qual foi realizada por meio de aulas virtuais, entre o período de 16 a 24 de novembro de 2020, onde foi apresentado aos estudantes

[...] documentos custodiados pelo Arquivo Público do Estado, [objetivando] contribuir com as práticas pedagógicas dos professores da área de humanidades e linguagens, oferecendo ferramentas e materiais didáticos para refletir sobre esse momento da história nacional e seus reflexos em Santa Catarina. (APESC, 2020, p.1).

Além das ações supracitadas, algumas foram direcionadas à temática COVID-19, onde os arquivos buscaram relatos cotidianos sobre a pandemia. Em nível internacional, citam-se os arquivos de Barcelona e o de Costa Rica. Em nível nacional, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, por meio do Projeto intitulado “Testemunhos do Isolamento”, o qual visou

[...] recolher informações sobre esse período histórico a partir da ótica dos indivíduos e seu cotidiano. Com esses relatos pessoais, acreditamos que poderemos contribuir para uma leitura mais abrangente desse evento. Nossa proposta é salvaguardar esses depoimentos e garantir acesso à essa documentação para pesquisadores que se interessem por estudar esse período. (AGCRJ, 2020, p.1).

Para isso, a equipe do arquivo disponibilizou em seu site um formulário, via *google forms*. Muitos outros exemplos e ações podem ser localizadas na *web*, seja nos sites institucionais, redes sociais dos arquivos ou em artigos científicos publicados nos diversos meios de comunicação, o que fortalece a esperança de que as organizações arquivísticas estão começando a se comprometer com seu papel social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este manuscrito foi pensado, no sentido de levar à necessidade de se pensar em ações concretas adotadas pelos espaços arquivísticos, no sentido de estarem cumprindo seus papéis sociais, sobretudo no contexto pandêmico que o mundo estar enfrentando. Por meio de exemplos, buscou-se difundir o potencial informacional que esses espaços detêm.

A divulgação de seus acervos, para fins administrativos não pode representar as atividades fins dos arquivos, pelo contrário, precisam ser concebidas como atividades meio, em prol da transformação social dos usuários que buscam satisfazer suas necessidades informacionais e culturais em tais espaços.

Nesta perspectiva, buscou-se explicar e provocar reflexão sobre as ações que são desenvolvidas pelos arquivos e que podem torná-los em espaços de interação, de aprendizagem, de construção de conhecimento, a partir do processo dialógico e, sobretudo, lugar de transformação social. Para isso, reafirma-se que é preciso tornar as organizações arquivísticas acessíveis e aberta a todos os membros da comunidade, sobretudo, a que se encontra em seu entorno, haja vista que o desenvolvimento do meio em que tais arquivos encontram-se inseridos necessita fazer parte de suas razões de ser.

É como afirma Bellotto (2014), torna-se necessário transformar o arquivo um espaço de uso popular, planejando suas ações de forma coletiva com a comunidade, no sentido de envolverem-se com os vários grupos sociais que constituem seu contexto social, atuando junto à população, pois somente assim, deixarão de ser locais abertos apenas aos gestores, historiadores, administradores, juristas e demais

grupos elitizados, passando a fazer parte da comunidade, passando a ser utilizados, verdadeiramente, como patrimônios locais, pois

A participação progressiva dos arquivos na ação cultural reveste-se da possibilidade de aprendizagem da história e de uma tomada de consciência das identidades comunitárias, por parte das populações menos letradas, pelos conhecimentos das tradições, do patrimônio arquitetônico e da história local de forma lúdica e prazerosa. Tudo pode ser apreendido nas exposições, nos espetáculos cênicos, nos contatos entre escola e arquivo, nas publicações e projetos de cunho cultural e na cooperação com museus e bibliotecas, no sentido de proporcionar cultura e lazer cultural à comunidade. (BELLOTTO, 2014, p. 134).

## REFERÊNCIAS

AGCRJ. **Testemunhos do isolamento**. 2020. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>. Acesso em: 3 fev. 2021.

APESC. **Arquivo público do estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 24 nov. 2020. Facebook: arquivopublicosc. Disponível em: <https://www.facebook.com/arquivopublicosc/posts/2335968216546522>. Acesso em: 3 fev. 2021.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.; 30cm. – Publicações Técnicas; nº 51. Disponível em: <https://www.gov.br/conarg/pt-br/centrais-deconteudo/publicacoes/dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021

BELLOTTO, H. L. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 477 p.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 320 p.

BELLOTTO, H. L. **Difusão editorial, cultural e educativa em arquivos**, em *Arquivos permanentes: tratamento documental*, 2. ed., Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004, p. 235-237.

COELHO, T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção primeiros passos, 216).

CRESCENCIO, I. E. **Chás da memória no arquivo público do Distrito Federal: experiências de rememoração da história e a construção de uma história pública**. 2013. In: XXVII Simposio Nacional de História.

DELMAS, B. **Arquivos para quê? Textos escolhidos**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

EDITORIA DE CIDADES. **Projeto leva história dos bairros do Recife a escolas estaduais**. 2019. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/10/18/projeto-leva-historia-dos-bairros-do-recife-a-escolas-estaduais-390791.php>. Acesso em: 2 fev. 2021

MARQUES, G. **Arquivo Público realiza ações de educação patrimonial no bairro da Pratinha**. 2019. Disponível em: <https://agencia-para.com.br/noticia/15324/>. Acesso em: 2 fev.2021.

PARRELA, I. D. Cestas da Memória: Identificação de documentos fotográficos do Arquivo Público da Cidade De Belo Horizonte, com o apoio de voluntários idosos. In: **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 2015.

PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO. Arquivo Público tem exposição virtual sobre a segunda guerra. 2014. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/arquivo-publico-tem-exposicao-virtual-sobre-a-segunda-guerra/>. Acesso em: 2 fev. 2021.

RIBEIRO, A. S.; CUNHA, V. A. **Ação Cultural e Biblioteca Pública, novos caminhos para educação e o desenvolvimento humano**. Artigo do Repositório Institucional UFBA. Salvador, 2006

RODRIGUES, S. F.; DANTAS, J. F. AÇÕES EDUCATIVAS EM ARQUIVOS: Relato de experiência em oficinas sócio-educativas na rede municipal de ensino em Santarém. **Revista Analisando em Ciência da Informação** - RACIn, João Pessoa, v. 6, n. especial, p. 1026-1041, out. 2018.

ROUSSEAU, J.-Y.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998

SANTOS, K.; BORGES, J. Difusão cultural e educativa nos arquivos públicos dos estados brasileiros. **ÁGORA: Arquivologia Em Debate**, n. 24, v. 49, p. 311–342, 2014. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/504>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SANTOS. S. L. F dos. **A ação cultural em arquivos universitários: Uma Análise do Arquivo Geral da Universidade Federal da Paraíba**. 2017

SHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SILVA, M. **A polissemia do termo” arquivo”**. In: XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2016. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/3071>. Acesso em: 2 fev. 2021.

TELES, J. **Arquivo Público abre hoje exposição sobre antigos carnavais**. 2017. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2017/02/21/arquivo-publico-abre-hoje-exposicao-sobre-antigos-carnavais-271617.php>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TERRA, G. de M. **Atuação do museu enquanto sistema aberto: uma realidade possível**. 2013. 372 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2013.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Jefferson Fernandes Dantas**

Arquivista na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Especialista em Gestão de Documentos e Informação. Mestrando em Ciência da Sociedade, pelo PPGCS/Ufopa.  
E-mail: jefferson.df2@gmail.com

### **Faysa de Maria Oliveira e Silva**

Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação (UFPE). Arquivista da Câmara Municipal do Recife.  
E-mail: faysaoliveira@gmail.com

## **1.2 ARQUIVISTAS, ARQUIVOS E UNIVERSIDADES AÇÕES QUE PERPASSAM A GESTÃO DOCUMENTAL**

Jefferson Fernandes Dantas  
Sérgio Fredrich Rodrigues

### **INTRODUÇÃO**

Busca-se neste ensaio apresentar algumas experiências de ações que foram desenvolvidas por servidores Arquivistas, Técnicos em Arquivos e Assistentes Administrativos do Arquivo Central da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), são algumas atividades que perpassam a gestão de documentos e que buscaram uma aproximação mais afínca com a comunidade.

Os arquivos são tidos, popularmente, como espaços que guardam papéis velhos e empoeirado estando lá um (a) funcionário (a) com cara fechada e birrento (a) para atender ao público, mas é preciso cotidianamente desconstruir essa imagem, mostrar que os arquivos podem ter atuação que ultrapassem visões administrativas e acadêmicas sejam elas em Universidades, Arquivos Públicos Municipais, Estaduais e Nacionais, Arquivos Privados, ao passo que estes, são detentores um poder de atuação social ao cumprirem o papel auxiliar na construção da cidadania, gerando uma interação direta com a sociedade, utilizando-se da gama de conhecimento produzida e lá sob custódia, ultrapassam os muros de concreto das instituições mantenedoras desses acervos documentais.

Partindo dessas reflexões iniciais, busca-se aqui relatar acerca de algumas atuações do Arquivo Central da Universidade Federal do Oeste do Pará, UFOPA, na instituição e além dela, apresentando projetos idealizados e realizados pela equipe, como a exemplo de proje-

tos que buscam difundir espaços de memória encontrados em Santarém-PA, a preservação de edificações consideradas históricas por Santarenos, a oferta de oficinas trabalhadas na conscientização de alunos participantes sobre a conservação e a preservação dos livros reutilizáveis nos anos de formação escolar, palestras educacionais e outras ações que serão apresentadas no decorrer deste escrito.

## **ARQUIVOS, ARQUIVISTAS E A EDUCAÇÃO**

É possível encontramos uma quantidade expressiva de documentos de todos os tipos e de diferentes épocas nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) mantenedoras de arquivos permanentes que formam um acervo rico de fontes para o assessoramento aos gestores, auxiliares à pesquisa e de base aos estudos histórico-educativos. Para além da utilidade administrativa e acadêmica, podemos inserir os conhecimentos de preservação desse patrimônio documental a ser explorado em outros espaços além Universidades, desenvolvendo ações que possam auxiliar a formação da cidadania. Freire (2009, p.01), nos apresenta o arquivo como possibilidade de atividades educativas e culturais, na medida em que os profissionais arquivistas atuam como apresentadores dessas atividades.

As atividades (visitação aos arquivos) poderão ocorrer em horários diferenciados das aulas regulares, pelo menos duas vezes por ano. Ao escolher as ações a serem implementadas, deve-se considerar as especificidades locais e a capacidade técnica dos profissionais disponíveis para a execução das atividades, assim como a importância de uma articulação da escola e do arquivo com outras instituições da sociedade. As atividades culturais e educativas desenvolvidas nos arquivos são as que melhor cumprem a função de transformá-lo num bem social, popular e da comunidade (FREIRE, 2009, p. 1).

As ações desenvolvidas pelos arquivos das Ifes, apresentadas na forma de oficinas e palestras, podem ser utilizadas para a promoção e incentivo a valorização de memórias e por consequência do conhecimento.

Observa-se que para além da preocupação com a Gestão Documental, Arquivos vêm atuando de forma educativa por meio de ações de conscientização sobre a importância da preservação da memória, tornando-se deste modo conforme Nora (1993, p. 7) um lugar propício para cristalização e refúgio da memória.

Portanto, as funções inerentes aos arquivos como dar apoio à administração, colaborar com o desenvolvimento científico e disponibilizar elementos de prova e informação estão bem definidas. Resta, no entanto, evoluir e ser acolhido pela sociedade como um instrumento de apoio à cultura, função essa que deve ser incentivada pelo gestor como instrumento no processo de disseminação da informação. (SANTOS; BORGES, 2014, p. 312).

Nesta perspectiva, Bellotto (2010, p. 33) afirma que os “Arquivos são criações sociais, no sentido de serem produtos da sociedade humana que, no seu evoluir, vai acarretando, formando e transmitindo características que naturalmente se refletirão na natureza de seus produtos, os arquivos, entre eles”. Desta forma o Arquivo sendo considerado lugar que além de detentor da história e da memória, deve atuar na promoção do conhecimento, o que já vem se apresentado desde a década de 1980, conforme Freire (2009, p. 2)

A ideia de transformar os arquivos em espaços educativos não é nova, pois desde a década de 80 do Século XX, quando ocorreram importantes transformações nas práticas e nos instrumentos didáticos-pedagógicos, o uso de fontes diferenciadas, entre elas o documento manuscrito, tem se tornado uma possibilidade na abordagem de assuntos ligados à Educação e à História da Educação.

A partir do que é apresentado, pode-se considerar que as atividades desenvolvidas nos e pelos arquivos ajudam a prover a transformação de espaços sociais, buscando uma aproximação intensa com a sociedade na qual está inserido. Sendo assim, segundo autores aqui expostos, os arquivos, além de repositórios de prova, pesquisa histórica e memória, devem ser responsáveis e apropriar-se como lugar de formação cidadã, agregando valores aos ensinamentos das atividades.

## **UM OLHAR PARA ALÉM DOS DOCUMENTOS O ARQUIVO CENTRAL DA UFOPA**

Localizada no Estado do Pará mais precisamente na região do Baixo Amazonas a Universidade Federal do Oeste do Pará, UFOPA, é a primeira Universidade com sede do interior da Amazônia, institucionalizada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009 (BRASIL, 2009) sua criação deu-se a partir do desmembramento de Campus da Universidade Federal do Pará - UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA existentes em Santarém-PA.

A criação da UFOPA fez parte do programa de expansão das universidades federais e foi fruto de um acordo de cooperação técnica firmado entre o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), no qual se previa a ampliação do ensino superior na região amazônica, a instituição tem como missão a produção e socialização de conhecimentos que venham a contribuir para a cidadania e inovação na Amazônia. Com sede em Santarém-PA e estruturada em três unidades sendo Unidade Rondon, Unidade Tapajós e Unidade Amazônia, a UFOPA também dispõe de mais seis campus universitários pela região, estando nas cidades de Alenquer, Itaituba,

Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná.

O Arquivo Central, da UFOPA atualmente é composto por cinco servidores com formação em Arquivologia, sendo dois deles ocupantes do cargo de Técnico em Arquivo e três no cargo de Arquivista, bem como uma Assistente em Administração com formação em Biologia, é importante destacar que passaram também pela equipe servidores com formação superior em História e Serviço Social, o que foi de grande valia para o desenvolvimento de alguns projetos.

Consolidando-se de forma gradual o Arquivo Central vem desconstruindo a ideia de que o Arquivo é apenas um local de guarda documental, indo além, buscando parcerias com a Secretaria Municipal de Educação de Santarém-PA, além de demais órgãos e setores da própria instituição, a exemplo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, Cursos de graduação, Estúdio Encontro das Águas, Centro Cultural João Fona, entre outros.

Ao buscarmos escritos da área arquivística é comum encontrarmos que os arquivos têm como funções a gestão da organização e uso, a guarda e a difusão das informações que estão nos documentos, que sejam recebidos e/ou produzidos por instituições públicas ou privadas, apontando também sobre temáticas de assessoramento a gestores bem como a pesquisadores e aos cidadãos em geral. Olhando além dessas atribuições, o Arquivo Central da UFOPA vem buscando desenvolver atividades que perpassam a gestão documental, o que se podem considerar atividades além-documento.

Contando com três projetos aprovados pela Pró-reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão (PROCCE), sendo “A conservação e Preservação da Memória Institucional”, “Santarém, uma viagem pelos espaços de memórias” e “Santarém, a história em seus patrimônios” além de eventos, cursos, oficinas e palestras que buscaram agregar

peessoas interessadas nas temáticas abordadas, estando participando das ações estudantes da rede básica de ensino, de graduação e pós-graduação, além de servidores públicos bem como a sociedade interessada.

O Projeto “A Conservação e Preservação da Memória Institucional” foi cadastrado em 2016 sob a Coordenação de Sérgio Fredrich Rodrigues, arquivista, que fez ocorrer algumas ações voltadas para o público infantil da rede básica de ensino em parceria com escolas municipais.

Dentro do que se pretendia com o Projeto de Extensão, foram ofertadas oficinas nas escolas municipais na cidade de Santarém, no estado do Pará, tendo a oficina “Confecção de Blocos de Notas e Agendas” a participação de alunos da Escola Municipal de Nível Fundamental Nossa Senhora de Fátima, cerca de 40 alunos matriculados no 4º ano do nível Fundamental I, a oficina aconteceu nas dependências da Unidade Amazônia, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFO-PA), a proposta da oficina era explicar para os alunos o processo de produção do papel, desde a plantação, manejo e corte de árvores, transporte para a fabricação do papel, com o intuito de provocar uma reflexão para que os alunos pudessem cuidar de seus livros cedidos durante o ano letivo para que no ano seguinte os livros pudessem ser utilizados por outras crianças.

Tendo como produto final da oficina o bloco de notas e agendas produzidas pelos participantes, foram apresentadas as formas adequadas para ações com uso de bisturis, facas, estiletes, tesouras com ponta e agulhas, vale destacar que os alunos não fizeram usam desses materiais, os mesmos foram substituídos por colagem, utilizando-se apenas tesouras sem ponta para o corte do papel e do tecido, bem como todo o material utilizado, a exemplo de colas, papéis e

tecidos de algodão, foram selecionados observando-se serem livres de propriedades tóxica, além também de utilizarem cartolinas para folhas de guarda, papel jornal reforço de lombada, papel cartão para a capa e tecidos para a cobertura da capa, lápis, borracha e régua.

Imagem 1 - Oficina Confeção de Blocos de Notas e Agendas.



Fonte: Sérgio Fredrich (2016).

Imagem 2- Produção da Oficina Confeção de Blocos de Notas e Agendas.



Fonte: Sérgio Fredrich (2016).

Como se pode ver nas imagens acima, em uma das oficinas com alunos da rede municipal de ensino cada participante recebeu 01 kit de equipamento de proteção individual (EPI) contendo luva, máscara, touca e jaleco descartáveis, como forma de demonstrar e despertar os cuidados com a saúde na confecção de blocos e agendas e recuperação de livros, o que despertou também ainda mais interesse e curiosidade dos alunos.

Em 2019 a PROCCE lançou a proposta para submissão de projetos em formatos audiovisual, algo novo para Jefferson Fernandes Dantas e Jacqueline Dias da Silva, ambos Arquivistas lotados na Coordenação de Arquivo Central da UFOPA, não detinham de muito conhecimento na área do áudio visual, mas que ao analisarem o edital escreveram os projetos e lançaram-se nesse novo desafio, abriram seleção para formar a equipe, o que possibilitou a participação de alunos da graduação e pós graduação, bem como de servidores da UFOPA.

Inicialmente foram ofertadas oficinas pela PROCCE onde os participantes dos projetos aprovados pudessem aproximar-se da temática de audiovisual, conhecendo e apreender sobre a utilização dos equipamentos e dos programas de edição, deste modo foram ofertadas cinco oficinas, sendo elas:

**a) Linguagem, técnica e produção de documentários** - onde se foi apresentado sobre a visão geral sobre as estruturas narrativas para fazer uma entrevista, gêneros textuais, escrita criativa para TV, experiências de documentários etc.;

**b) Como fotografar?** – na oportunidade tiveram-se aulas práticas sobre tipos de enquadramento, iluminação e áudio, regras da linguagem fotográfica e os recursos para melhor aproveitamento da imagem. Informações gerais sobre uso e cuidados bá-

sicos com as câmeras;

**c) Produção de roteiros para audiovisual** – onde se buscou apresentar princípios e noções básicas de roteiro, linguagem e técnica de cinema, televisão e vídeo, além de desenvolver olhar e reflexão crítica sobre produções audiovisuais;

**d) Como organizar uma produção audiovisual (da ideia à finalização)** – teve como objetivo proporcionar orientações sobre como pensar o projeto audiovisual, decupagem de um roteiro, o que é necessário no dia de gravação, exercício práticos e cases;

**e) Noções gerais sobre edição e finalização de vídeos** – buscando aprender a utilizar recursos audiovisuais do *Premiere* e *After Effects*. Conteúdo oral e prático. Possibilitando a equipe a criação vídeos usando a edição linear ou não-linear, aprendendo a integrar voz, imagem, música e pós-produção para um trabalho audiovisual. As oficinas serviram para nortear o processo criativo e de amadurecimento dos envolvidos nos projetos aprovados.

Sendo o projeto “Santarém, uma viagem pelos espaços de memória”, coordenado pelo arquivista por Jefferson Dantas, detinha o interesse disseminar e divulgar espaços memórias existentes em Santarém-PA, apresentando-os como fontes seguras de informações por terem documentos impressos ou artefatos que retratam a história e desenvolvimento local. Na primeira fase do projeto foi apresentado o Centro Cultural João Fona, que se encontra numa edificação que fala por si só, a edificação arquitetônica inaugurada em 1868, o local já sediou o Fórum de Justiça da cidade, o presídio e os poderes legislativos e executivos; hoje como museu preserva um acervo que conta a história por meio da galeria de prefeitos além do mobiliário e documentos históricos pertencentes a Câmara Municipal de Santarém.

Também o projeto “Santarém, a história em seus patrimônios”,

coordenado pela arquivista Jacqueline Dias, tinha o objetivo de difundir sobre a história de algumas edificações, a partir das falas de moradores de Santarém-PA bem como de Professores (as), Arquiteta, Historiadores e Pesquisadores, assim para o momento foram selecionadas as seguintes edificações o Solar do Relógio, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Solar do Barão de Santarém, Solar dos Branco, que ficam localizadas no centro a cidade traz algumas memórias sobre as rotinas da cidade provocando também algumas inquietudes no que se refere a falta de manutenção, conservação e restauração de algumas edificações.

A dedicação ao projeto era de oito horas semanais, sendo divididas entre planejamento de roteiro, gravações e edições, assim, devido à carga horária bem como a divisão de tarefas ambos os projetos passaram por algumas mudanças na equipe possibilitando a entrada de outras pessoas também interessadas nos projetos, o resultado final da primeira parte dos projetos pode ser encontrado na plataforma YouTube no perfil do Estúdio Encontro das Águas <sup>2</sup>.

Imagem 3 - Registro das gravações externas.



Fonte: Jacqueline Dias (2019).

---

<sup>2</sup>O produto dos dois projetos está disponível na plataforma do YouTube, bem como os demais audiovisuais que foram contemplados pelo edital da PROCCE.

Imagem 4 – Registro das gravações externas.



Fonte: Jefferson Dantas (2019).

Na região do Baixo Amazonas, onde a UFOPA é localizada, não encontramos o curso de graduação em Arquivologia, os cursos mais próximos estão localizados na Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém-PA e também na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) na cidade de Manaus-AM, mas isso não impossibilita a existência de eventos que abordem temáticas que possam dialogar com a Arquivologia, Ciência da Informação e áreas de formação existentes região, pensando nisso surgiu a Conferência de Arquivos do Oeste do Pará (CAOP).

Tendo a primeira edição realizada em 2018 a CAOP buscou provocar uma reflexão sobre a importância dos arquivos na sociedade, trazendo como tema central “Arquivo: fonte para a formação da cidadania”, a edição buscou inserir assuntos que pudessem se relacionar com a Pedagogia, Geologia, História, Direito; contou com palestras, mesa redonda, exposição, caminhada por lugares de memória pelo centro de Santarém-PA, observatório de restauração de documentos e apresentação de teatro.

Imagem 5 - Cartaz de divulgação da I Conferência de Arquivos do Oeste do Pará.



Fonte: UFOPA (2018).

Imagem 6 - Registro da Exposição de documentos históricos.



Fonte: CAOP (2018).

Imagem 7 – Registro do Observatório de Restauração.



Fonte: CAOP (2018).

Imagem 8 - Registro da Exposição Fotográfica.



Fonte: CAOP (2018).

A segunda edição, em 2019, teve como tema “Direitos Humanos e Direito à Verdade na era das Fake News”, estruturado entre palestras, exibição de documentário, mesa-redonda e apresentações culturais o evento contou com a participação de alunos dos cursos de graduação em Jornalismo, Letras, História e Direito, além de estudantes de programas de Pós-graduação. Com todo evento organizado a equipe de coordenação do evento, liderada pelo arquivista Jefferson Dantas, se deparou com a possibilidade de Greve Geral para o dia 14 de junho e tiveram que reestruturar todo evento alterando para as novas datas, assim o evento ocorreu nas dependências do Auditório Wilson Fonseca, na Unidade Rondon nos dias 04 e 05 de julho.

Imagem 9 – Cartaz de divulgação da II Conferência de Arquivos do Oeste do Pará.



Fonte: CAOP (2019).

Imagem 10 – Registro de uma da mesa composta por Jornalistas da região na II Conferência de Arquivos do Oeste do Pará.



Fonte: Pêrsio Scavone Andrade (2019).

Em 2020 teve início um surto pandêmico da Sars-Cov-19, as unidades da UFOPA, assim como outras instituições, tiveram que se readaptar a nova rotina e modo de trabalho, por tal motivo não tivemos a CAOP no ano referente, porém este ano de 2021 o evento ocorreu em formato virtual nos dias 14, 15 e 16 de junho, norteado pelo tema “Empoderando Arquivos: (re) conhecendo e (re) visitando espaços informacionais na/da Amazonia”, o evento propiciou uma discussão que possibilitava aos participantes conhecerem um pouco sobre alguns espaços informacionais que estão localizados na região da Amazônia ou que tratasse de assuntos relacionados à região.

O evento contou com a participação de algumas instituições a exemplo do Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas, Centro de Memória e Documentação do Boi Caprichoso, Serviço de Arquivo e Memória Guilherme de La Penha do Museu Paraense Emílio Goeldi, entre outros espaços.

Com a participação de especialistas das áreas de Arquivologia, Antropologia, Museologia, Arquitetura, Arqueologia e Turismo, que compartilharam experiências e promoveram discussões sobre os diversos espaços de memória da região norte.

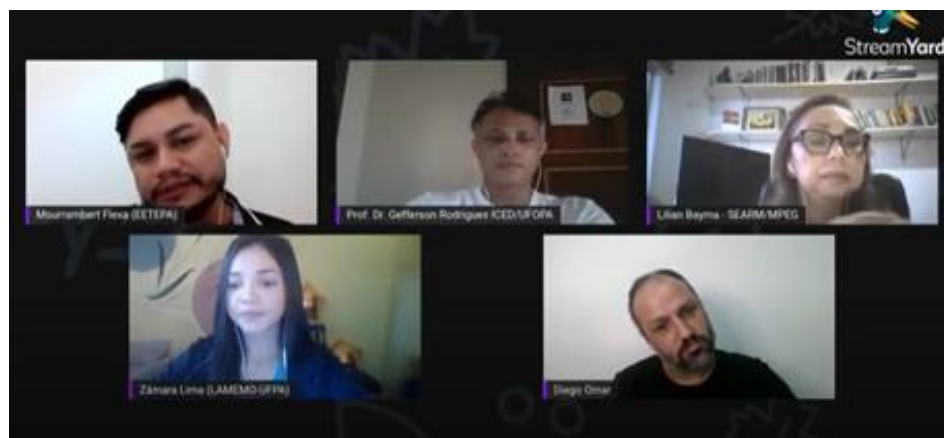
Idealizado e realizado em três dias, o evento contou com duas mesas virtuais, “Entre espaços, documentos, lembranças e memórias” e “Arquivos e documentos: olhares e perspectivas”, além do lançamento do livro “Arqueobotânica: investigando a domesticação por morfometria das sementes e palmeiras”, obra da arqueóloga e pesquisadora Natália Pinheiro. Disponível na plataforma do *YouTube*, no canal Estúdio Encontro das Águas, os vídeos dos três dias de eventos já conseguiram um alcance de 378 pessoas.

Imagem 11 - Cartaz de divulgação da III Conferência de Arquivos do Oeste do Pará.



Fonte: CAOP (2021).

Imagem 12 – Registro da mesa virtual de abertura da III CAOP.



Fonte: CAOP (2021).

## ALGUMAS REFLEXÕES

A possibilidade de atuação do Arquivista e Técnico em Arquivo depende do espaço que ele dispõe, oportunidades podem surgir por meio de parcerias e é importante que a equipe setorial do Arquivo esteja integrada, que haja parceira dentro setor para juntos conseguirem desenvolver atividades que ultrapassam as visões da gestão documental, indo além.

Neste ensaio buscamos relatar algumas ações que foram desenvolvidas pela equipe do Arquivo Central da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), a primeira instituição pública de ensino superior do cede do interior da Amazônia, para isso fizemos um recorte de algumas ações que foram desenvolvidas entre os anos de 2016, 2018-2021.

Para o desenvolvimento é importante o trabalho em equipe, deste modo os servidores que integram uma unidade devem estar alinhados e com mesmo objetivo, felizmente os servidores que já passaram pelo Arquivo Central estiveram com pensamentos que caminharam juntos o que ajudou no desenvolvimento de atividades além do gerenciamento de documentos e informações.

Outros eventos foram apresentados e refletidos por Dantas (2020) numa *live* que se encontra na plataforma *YouTube* intitulada “PARA ALÉM DOS DOCUMENTOS: atuação de arquivos e arquivistas na sociedade”, você é convidado a assistir conhecer mais sobre a atuação dos Arquivos e Arquivistas na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BELLOTTTO, H. L. O sentido dos arquivos. In: **I Ciclo de Palestras da Diretoria de Arquivos Institucionais (DIARQ)**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Geral, 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009**. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, por desmembramento da Universidade Federal do Pará - UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/lei/l12085.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.085%2C%20DE%205,UFRA%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12085.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.085%2C%20DE%205,UFRA%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs). Acesso em: junho de 2021.

DANTAS, J. F. **Para além dos documentos: atuação de arquivos e arquivistas na sociedade**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEOheURHLY8&t=2959s> . Acesso em: junho de 2021.

FREIRE, L. G. L. Difusão educativa em arquivos. **Histórica: Revista on line do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 34, n. 05, p. 50-58, jan. 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 7-28.

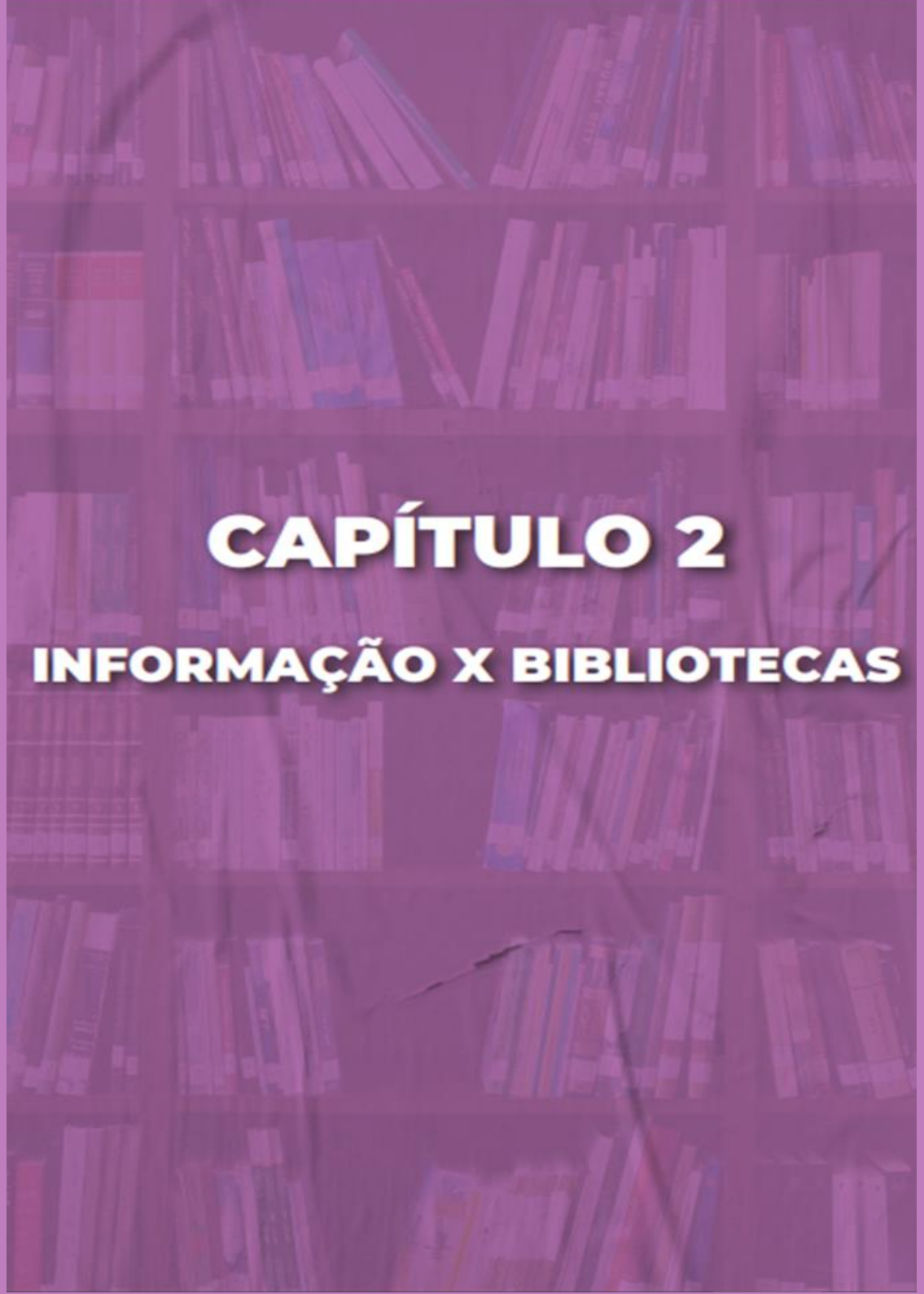
## **SOBRE OS AUTORES**

### **Jefferson Fernandes Dantas**

Arquivista na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Especialista em Gestão de Documentos e Informação. Mestrando em Ciência da Sociedade, pelo PPGCS/Ufopa.  
E-mail: jefferson.df2@gmail.com

### **Sérgio Fredrich Rodrigues**

Arquivista na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPb). Especialista em Gestão Pública, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
E-mail: sergio.rodrigues@ufopa.edu.br



# **CAPÍTULO 2**

## **INFORMAÇÃO X BIBLIOTECAS**

## 2.1 PENSAR (E REPENSAR) A PANDEMIA A PARTIR DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL

Júlio Díaz-Jatuf  
Thiago Giordano de Souza Siqueira

### INTRODUÇÃO

Como ponto de partida destacam-se os acontecimentos provocados pela pandemia global por meio da propagação de um novo vírus COVID-19, com características de síndrome respiratória aguda em humanos, originada na cidade de Wuhan (China) e que foi notificada pela primeira vez em dezembro de 2019 (ZHOU; YU; DU; FAN; LIU; LIU; XIANG; WANG; SONG; GU, 2020), que se expandiu rapidamente, por todos os continentes, sendo necessário que muitos países decretando o confinamento obrigatório.

Somado a isso, o crescimento exponencial de casos e contágios ocasionou um sério problema sanitário acompanhado do econômico, social e cultural, derivando uma crise múltipla que afetou todo o planeta, principalmente, de iniquidades e desigualdades sociais, questionando os parâmetros ocidentais e capitalistas dominantes.

Sua rápida multiplicação, levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar, oficialmente, uma pandemia global, acompanhada por uma campanha massiva de saúde pública global para desacelerar a disseminação do vírus, por meio do aumento da lavagem das mãos, da redução do contato com o rosto, do uso de protetores de queixo e máscaras, bem como pelo distanciamento físico obrigatório entre os indivíduos. Tais normas sociais, acabaram por exigir mudanças significativas no comportamento da humanidade.

A necessidade de informações confiáveis e fidedignas sobre saúde pública, mais especificamente para ajudar a informar as comunidades vulneráveis e violadas (povos indígenas, população afro-descendente, comunidade GLTTIBQ, pessoa em estado de pobreza e miséria, etc.), contribuiu, notavelmente, para a prevenção da propagação do vírus e evitar gerar discriminação e violência contra grupos estigmatizados por meio da comunicação; e aqui as redes sociais ajudaram a expandir, positivamente ou negativamente, comportamentos e reações à pandemia.

Toda essa situação trouxe consigo, entre os múltiplos problemas, novas terminologias, algumas já existentes e outras novas para esclarecer o panorama da saúde e informacional como se vê a seguir:

- **Desinformação:** pode ser definida como a difusão intencionada de informação não rigorosa e que visa minar a confiança pública, distorcer os fatos, transmitir uma certa forma de perceber a realidade e explorar vulnerabilidades com o objetivo de desestabilizar uma situação social.
- **Covid-19:** Segundo define a OMS, “é a doença infecciosa descoberta mais recentemente causada pelo coronavírus. Tanto o novo vírus quanto a doença eram desconhecidos antes do surgimento do surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019”. A origem do léxico do Covid-19 provém de ‘co’, em alusão a forma de coroa solar do vírus, ‘vi’ corresponde a palavra vírus e ‘d’ faz referência a doença (disease, em inglês). Finalmente, alocou-se o número 19 pelo ano em que se detectou em seres humanos” (NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA, 2020, n.p., tradução nossa).

- **Epidemia:** “é uma enfermidade que se propaga em um país durante um tempo determinado e que afeta simultaneamente a muitas pessoas. Chama a atenção das autoridades sanitárias porque se propaga de repente, de forma muito rápida, e afeta a muito mais gente do normal comparado com outras enfermidades”. (NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA, 2020, n.p., tradução nossa).
- **Notícias falsas:** é o conteúdo que apresenta deliberadamente uma mentira como verdade. Seu objetivo é confundir as pessoas, fazendo-as acreditar que certos dados fictícios são reais.
- **Infodemia:** “Este curioso termo é normalmente utilizado para se referir à superabundância de informações (sejam elas rigorosas ou falsas) sobre um tópico específico, neste caso o coronavírus” (NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA, 2020, n.p., tradução nossa).
- **Infoxicação:** refere-se ao excesso de informação que existe e à incapacidade de focar em informações específicas, ou de se aprofundar nesses dados devido ao bombardeio contínuo que existe na mídia.
- **Pandemia:** “Conforme estabelecido pela OMS, a disseminação em alta velocidade e mundial de uma nova doença é chamada de pandemia. O que o diferencia da epidemia é o grau de aumento dos casos e seu alcance internacional. A OMS declarou a pandemia quando o coronavírus se espalhou por seis continentes e as infecções foram certificadas em mais de 100 países ao redor do mundo”. (NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA, 2020, n.p., tradução nossa).

- **Pós-verdade:** Pode ser definido como a distorção deliberada da realidade a fim de criar e moldar a opinião pública e influenciar as atitudes sociais por meio da mídia.
- **Sindemia:** termo acunhado pelo antropólogo e médico Merrill Singer nos anos 90 onde se refere quando dois ou mais enfermidades interagem de forma tal que causam um dano maior que a mera soma destas duas enfermidades e se desenvolvem baixo inequidade sanitária, causada pela pobreza, o estresse ou a violência estrutural.

Apresentam-se conceitos atuais gerados pela nova situação social e pelo cenário de uma pandemia, e todos eles revelam muitas coisas, como a falta de empatia que tem ocorrido entre os sujeitos em relação às prioridades de vida para idosos ou comunidades vulneráveis, atendimento médico em grupos de risco, a comunicação de resultados de pesquisas científicas, a fragilidade dos sistemas democráticos de muitos países, entre outros, considerando que o mais importante é que os cidadãos precisam de informação e conhecimento para tomar decisões vitais.

Para que uma sociedade cresça, deve ter as informações necessárias e comprovadas para fazê-lo e, assim, garantir o direito de acesso à informação aos diversos grupos e países. O livre acesso à informação favorece a transparência em seus governos, à informação para gerar novos conhecimentos, aprender e tomar decisões, além de favorecer e fortalecer o desenvolvimento social, cultural, econômico e político que os indivíduos necessitam. O direito de acesso à informação é uma necessidade social urgente que não pode ser evitada.

Não existem receitas infalíveis contra a manipulação da informação, mas a Biblioteconomia não está isenta de suas lutas contra ela por meio de suas ferramentas de validação informacional e de seu espírito crítico, ajudando a buscar a verdade para a vida pública por meio do compromisso e da responsabilidade social.

## **A BIBLIOTECONOMIA SOCIAL, AS BIBLIOTECAS E OS NOVOS OLHARES NECESSÁRIOS**

Com o vírus Covid-19 se espalhando rapidamente pelos países, foi necessário que as organizações desenvolvessem atividades remotas. Estabelecendo prioridades nas atividades, sobretudo, as bibliotecas escolares e universitárias que atendem a um público que apenas apresentou uma mudança no formato do ensino.

Nesta perspectiva, tornou-se necessário definir qual seria o foco do trabalho e como seriam desempenhadas as tarefas que possibilitassem o acesso ao acervo digital (quando existente) e, principalmente, como seria o atendimento à comunidade de usuários e encontrar soluções viáveis, uma vez que na grande maioria dos casos não foi possível ter um planejamento adequado para esse momento que surgiu de forma abrupta.

A prestação de serviços por e-mail, via chat nos sites das bibliotecas ou nas redes sociais disponíveis foram algumas das atividades mais comuns desempenhadas. Também houve maior empenho na divulgação dos repositórios institucionais e a elaboração de guias de fontes de informação eletrônicas disponíveis.

As reflexões sobre as práticas profissionais apresentadas por Díaz-Jatuf *et al.* (2015) de que são necessárias novas estratégias de formação, novas competências que possam garantir a não discrimi-

nação e da igualdade de oportunidades, em função da formação da cidadania dos indivíduos.

Apesar de ser colocada como grande aliada, lidar com as questões tecnológicas, compreendidas por equipamentos, disponibilidade de internet é algo que vem sendo o grande desafio na adaptação do espaço de trabalho que invadiu a casa dos bibliotecários. Do ponto de vista dos usuários, a pandemia do Covid-19 nos forçou a reflexões sobre a desigualdade e invisibilidade social existente, e os desafios em relação a informação e à própria sustentação da vida. Nesse sentido, a Biblioteconomia Social se estabelece como:

[...] Como corrente, tendência ou manifestação crítica e teórico-prática da técnica ou disciplina denominada biblioteconomia [...] existem duas coisas (ou muitas englobadas em duas, pelo menos): de um lado, uma análise do panorama biblioteconômico, bibliotecário e informacional e documental em seus aspectos sociais e políticos [...] e, por outro lado, é uma revisão crítica da metodologia e dos conteúdos doutrinários da técnica ou disciplina bibliotecária tradicional para alimentá-la de uma episteme inter e transdisciplinar. (FOIS; GIMENO PERELLÓ, 2008, p. 2, tradução nossa).

Na mesma linha de considerações, Lindemann (2014) afirma que,

A Biblioteconomia tem em sua natureza o cunho social, isto é, ela pode ir além das paredes da biblioteca e ser utilizada para realizar atividade de caráter humanitário com projetos ou programas que visam dar resposta a uma ou mais questões sociais (LINDEMANN, 2014, p. 13).

Assim, como bibliotecários, sensíveis às questões das diferenças socioeconômicas existentes, devemos assumir um importante papel na capacitação dos indivíduos, além de incentivar o desenvolvimento do senso crítico como auxílio na autonomia no acesso, na busca e no uso da informação.

Ademais, não podemos deixar de considerar uma importante característica existente na sociedade e sob o ponto de vista da Biblioteconomia, devemos apreciar alguns aspectos muito importantes: as pessoas não dispõem da mesma condição de acesso e conhecimento desse mundo on-line mediado pelas telas; o acesso à internet é essencial para promover o acesso à informação; apesar de que nem todas as informações que estão na internet nos interessam ou nos servem.

As relações entre as práticas de ensino e de acesso democrático à informação são materializadas quando ocorre o fomento do aprendizado no uso de ferramentas e aplicativos, com a disponibilização de aparelhos, ou com a questão da disponibilidade de infraestrutura de acesso à internet, uma vez que com o preço alto dos serviços muitas pessoas não conseguem dispor de conexão à internet, ainda que esse acesso seja feito pelo celular.

A biblioteca que antes era considerado um lugar fechado e orientado ao desenvolvimento das coleções ou a preservação de acervos, hoje, devemos pensar na promoção de serviços orientados para o bem-estar dos usuários, visto que hoje a nossa estrutura social necessita estar orientada muito mais para serviços do que para os produtos (DÍAZ-JATUF et al., 2015).

Necessitamos de uma Biblioteconomia Social e Humana. Ser empáticos para aplicar ao exercício profissional, sabendo que informação se firma como um instrumento essencial para o exercício da cidadania, à medida que possibilita ao indivíduo compreender seu ambiente e as transformações no mundo, de modo a agir de forma consciente nele e, no contexto atual, a pandemia coloca-se como um campo de atuação prática da competência social do bibliotecário para que o outro (os usuários) existam e se efetivem de forma crítica e transformadora.

No Brasil, tivemos casos de diversas bibliotecas que promoveram serviços de acesso ao acervo por meio da digitalização, disponibilização de obras em mídias removíveis, realização de treinamentos a distância, criação de vídeo-tutoriais e podcasts para atingir de modo efetivo as comunidades que atendem.

Três relatos que merecem destaque, no que concerne a relação da biblioteca com a comunidade externa, no sentido de esta sair da estrutura física do edifício de forma remota e indo atuar além dos seus muros e dos processos técnicos são: a Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Biblioteca do Campus Sapucaia e a Biblioteca Comunitária Paulo Coelho.

O primeiro é o Projeto “Bibliotecas UFMA Solidária” que surgiu a partir de uma reflexão coletiva da Diretoria Integrada de Bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que arrecada e doa cestas básicas, materiais de higiene pessoal, roupas em boas condições para as pessoas em situação de vulnerabilidade, em especial os discentes da instituição, servidores terceirizados que tiveram redução de salário e comunidade que vive no entorno do campus universitário. A ação estabelecida, demonstrou o quanto é possível uma biblioteca universitária agir voltada para o social, para a ação humanizada e integrada à comunidade. É notório que o projeto causou impactos positivos à sociedade (UFMA, 2020).

O segundo “Projeto Fome de Leitura”, realizado Biblioteca do Campus Sapucaia, em parceria com o Banco de Livros da Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais, incluiu livros de literatura nas cestas básicas distribuídas aos discentes em vulnerabilidade social previamente cadastrados em levantamento realizado pela Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul). Com a proposta de estimular a leitura durante a

quarentena, proporcionando às famílias não apenas o alimento, mas uma opção de entretenimento no período de distanciamento social. Associado a ele a **“Campanha Multa Solidária” possibilitou aos usuários que possuíam multas na biblioteca** reverter o valor em doação diretamente no site, o Banco de Alimentos do Rio Grande do Sul fia responsável pela distribuição (IFSUL, 2020).

Tal ação, também, foi estabelecida pela Biblioteca Comunitária Paulo Coelho, do Solar Meninos de Luz, localizada na comunidade carioca Pavão-Pavãozinho e Cantagalo (PAPEL, 2020), onde algumas famílias do entorno receberam cestas básicas com um livro junto, no sentido de alimentar o corpo e a alma das crianças e adolescentes frequentadoras do espaço, o qual se viu obrigado a fechar as portas, mas não suas ações, em prol da melhoria da qualidade de vida da comunidade em que é parte integrante.

## **AÇÕES UNIVERSITÁRIAS DURANTE A PANDEMIA UM CASO ARGENTINO**

A educação é um dos principais fatores de mudança e transformação. Na Universidade de Buenos Aires (UBA), na Faculdade de Filosofia e Letras, a necessidade de transformação disciplinar surge, de acordo com as indagações de um dos autores, como docente nesta instituição, a partir de contextos reais de atuação através de três espaços fundamentais:

1. Dentro do marco da extensão universitária, surgem os cursos gratuitos de “Biblioteconomia Social: da teoria à prática”, sendo as edições: 1ª (2012), 2ª (2013), 3ª (2014), 4ª (2015) e 5ª (2016)”, principalmente para adaptar conteúdos tangíveis às novas neces-

sidades sociais na Argentina, América Latina e no panorama internacional. Através deste meio, foi possível capacitar 1.978 profissionais, estudantes e partes interessadas a nível nacional e em outros países. (DÍAZ-JATUF, 2016).

2. Conjuntamente com esta ação e na mesma instituição, surge em 2014 a “*Cátedra Libre Bibliotecología Social (CaLiBiSo)*”, amparada pela Resolução do Conselho Diretivo nº 503, de 24 de junho 2014, tendo em conta que as Cátedras denominadas ‘Livres’ são aquelas criadas para difundir áreas da cultura e do saber que não encontram lugar específico no currículo institucional de forma oficial e que as diferentes universidades oferecem, com o direito de exercer a docência em absoluta liberdade. Sendo, esta cátedra livre, a primeira a constituir-se dentro da disciplina biblioteconômica no marco de dita instituição, a qual tem como missão:

[...] constituir-se como dispositivo de formação na cooperação e o compromisso com a comunidade que atende, proporcionando pesquisas, assessoria e docência, com o empenho ativo de seus integrantes, por meio do desenvolvimento de projetos baseados em estudos acadêmicos para dar respostas aos interesses da comunidade e a troca de experiências, por meio da Informação e do Conhecimento e que permitam a divulgação dos avanços científicos e tecnológicos a diferentes tipos de comunidades; para ajudar a resolver e / ou amenizar de forma objetiva e racional os problemas da sociedade, dar dimensão social às experiências acadêmicas e facilitar sua excelência [...] (DÍAZ-JATUF, 2015, n.p., tradução nossa).

3. A partir do 2º semestre do ano de 2018 surge a Diploma Virtual em Biblioteconomia Social, do espanhol *Diplomatura<sup>3</sup> Virtual en Bibliotecología Social* (DiViBiSo), transformada a partir de 2020

em *Capacitação Universitária Extracurricular*, do espanhol *Capacitación Universitaria Extracurricular Virtual en Bibliotecología Social* (CUEXBS), atualmente em sua 5ª edição, com mais de 260 egressados em diversos países.

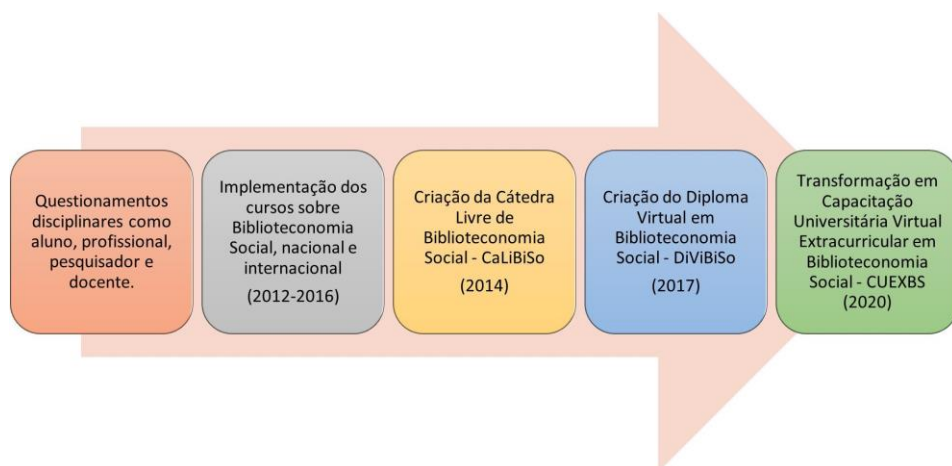
O objetivo da Capacitação Universitária Extracurricular Virtual em Biblioteconomia Social é transmitir conhecimentos e desenvolver os fundamentos e princípios da Biblioteconomia Social, para o atendimento de diferentes comunidades, principalmente as mais vulneráveis. É realizada por meio de uma abordagem social e humana no contexto em que o indivíduo está inserido, para o qual se aplica ao estudante a perspectiva educacional da pedagogia da problematização. Desta forma, pretende-se garantir uma lógica indutiva de abordagem à realidade de cada aluno durante o desenvolvimento dos diversos conteúdos temáticos. Trata-se de gerar as várias capacidades aplicando o modelo pedagógico da problematização, com uma abordagem construtivista; que tem como foco o processo de construção do conhecimento nos participantes. Professores e tutores virtuais acompanham os alunos e acionam processos de análise por meio de ferramentas didáticas adequadas, sempre considerando o conhecimento prévio e o potencial dos participantes para gerar e sistematizar conhecimentos e propor soluções. (DÍAZ-JATUF, 2020, p. 64-65, tradução nossa).

Espera-se que o perfil do egresso dessa formação tenha como base a aquisição de competências fundamentada nos elementos essenciais da Biblioteconomia Social. A evolução desta capacitação está estruturada da seguinte maneira, conforme ilustra a Figura 1:

---

<sup>3</sup>A Diplomatura é considerada um primeiro ciclo do ensino universitário, um curso mais técnico. É um termo utiliza em países de idioma espanhol para denominar programas de formação de extensão universitária.

Figura 1 - Evolução da Capacitação Universitária Extracurricular Virtual (CUEX): das ideias à implementação.



Fonte: Os autores (2021).

O grande marco evolutivo ocorreu a partir do segundo semestre de 2017 com a criação do Diploma Virtual em Biblioteconomia Social (DiViBiSo) solicitada pelo diretor da Cátedra Livre de Biblioteconomia Social (CaLiBiSo), transformando-se a partir de fevereiro de 2020 em um curso Curso Universitário Extracurricular (CUEX) em Biblioteconomia Social, com duração de 6 meses e constituído por 4 matérias e 2 seminários conforme a Tabela 1, cada um com um mês de duração.

Tabela 1 - Matérias, seminários, carga horária e composição docente da Capacitação Universitária Extracurricular Virtual em Biblioteconomia Social da UBA.

| Módulos                           |                                                                  | Quantidade de horas |
|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 1                                 | Biblioteconomia Social (BSO) [matéria]                           | 25                  |
| 2                                 | Bibliotecas Multiculturais e Resilientes (BMR) [matéria]         | 21                  |
| 3                                 | Serviços Informativos em Comunidades Vulneráveis (SIC) [matéria] | 21                  |
| 4                                 | Informação e Saúde (ISA) [matéria]                               | 21                  |
| 5                                 | SEM-1: Informação e Gênero (IYG) [seminário]                     | 20                  |
| 6                                 | SEM-2: Informação e Idosos (IAM) [seminário]                     | 20                  |
| Total de horas                    |                                                                  | 128                 |
| Corpo docente: 2 docentes-tutores |                                                                  |                     |

Fonte: Os autores (2021).

Como forma de atualização de conteúdos, formação e retorno à sociedade, os aprendizes da CUEXBS dentro da matéria “Informação e Saúde” têm desenvolvido e colaborado no desenvolvimento de dispositivos sobre formas de prevenção do COVID-19 dirigidos a diversas comunidades vulneráveis do seu ambiente: presídios, povos indígenas - elaborados em sua própria língua, idosos, entre tantos outros com informações confiáveis e fáceis de transmitir para que cheguem às diferentes comunidades. Da teoria à prática é a melhor forma de aprender e servir a comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, é necessário que o debate seja inserido nas seguintes perspectivas:

As mudanças abruptas, resultaram em mudanças no perfil profissional e o surgimento de novas demandas e novos protocolos. Observa-se ainda que houve maior visibilidade as questões sociais e humanitárias além do fortalecimento de ações colaborativas e cooperativas necessárias para facilitar o trabalho e economizar recursos financeiros.

Levar em consideração a humanidade e a empatia como fator fundamental que é sempre necessário para uma melhor convivência, porém, ainda mais nestes tempos difíceis e que deve estar sempre presente em nossos serviços bibliotecários nos leva a seguinte reflexão: Como poderíamos ajudar a melhorar nossas relações humanas em nossas bibliotecas, físicas ou virtuais?

O desenvolvimento igualitário é necessário para que exista uma sociedade onde os Direitos Humanos, a saúde, sejam respeitados de forma democrática, abrangente e solidária. Como os bibliotecários ajudamos neste processo de forma eficiente? Esta é a indagação que fica para alcançar o que Rubin (2010, tradução nossa, p.547) estabelece que “[...] bibliotecários e bibliotecas não devem apenas sobreviver para cumprir seus propósitos específicos, mas precisam servir as pessoas e à sociedade em geral”.

A consciência total da Biblioteconomia Social e a sua responsabilidade de compromisso é necessária para o desenvolvimento humano através da informação e do conhecimento, especialmente para vencer em época de pandemia a: infoxicação, a infodemia e as notícias falsas ajudando a validar, como sempre tem realizado a disci-

plina, as fontes de informação e os canais de comunicação; surgindo a partir disso a reflexão: Que novas ferramentas podemos adquirir continuar validando essas informações e lutando contra a desinformação?

Não podemos esquecer da educação como fator fundamental para transformar e educar em novos ambientes, principalmente nos desafios cotidianos que os tempos modernos nos impõem. A experiência incorporada na formação em Biblioteconomia Social expressa claramente que a partir da convicção e do compromisso mudanças significativas podem ser alcançadas na educação bibliotecária e, assim, alcançar uma Biblioteconomia ágil e rica em soluções. A possibilidade da mudança começa em nós.

## REFERÊNCIAS

DÍAZ JATUF, J. Implementación del primer curso universitario sobre Bibliotecología Social en Argentina: promoviendo los recursos, concientizando los servicios. In: ENCUENTRO DE DIRECTORES Y VIII DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 9., 3-5 out. 2012. **Anais** [...]. Montevideo, Uruguai: EUBCA, 2012. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/17796/1/EUBCA.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DÍAZ-JATUF, Julio. Cátedra Libre Bibliotecología Social (CaLiBiSo) en Universidad de Buenos Aires: la extensión universitaria cómo dispositivo de formación en la cooperación y el compromiso. In: XI JORNADA NACIONAL DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y III JORNADAS REGIONALES METROPOLITANAS, 2015, Lanús (Argentina). Buenos Aires: Universidad Nacional de Lanús, 2015. 10 p. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/27968/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

DÍAZ-JATUF, Julio. Curso “Bibliotecología Social: de la teoría a la práctica”: cinco años generando contenidos y prácticas en la enseñanza no convencional. In: XII JORNADA DE LAS BIBLIOTECAS Y CENTROS DE DOCUMENTACIÓN DE LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES, 2016, Buenos Aires. **Anais** [...]. Buenos Aires: UBA, 2016. p. 1-1. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/29877/1/CursoBS.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

DÍAZ-JATUF, Julio. Bibliotecología social en la Universidad de Buenos Aires: una diplomatura virtual disidente. **Informatio**: Revista del Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación, [s. l], v. 25, n. 1, p. 58-78, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35643/Info.25.1.3>. Acesso em: 11 mar. 2021.

DÍAZ-JATUF, Julio; BIZZOTTO, Mabel Silvia; SIQUEIRA, Thiago Gior-dano de Souza; BERASA, Vanesa Elisabeth. El rol social del profesional de la información: un punto de vista desde Argentina. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 52-71, 2015.

FOIS, S.; JIMENO PERELLÓ, Javier. Una aproximación a la Bibliotecología crítica, sociopolítica, progresista y alternativa. In: IV CONGRESO NACIONAL DE BIBLIOTECOLOGÍA, DOCUMENTACIÓN, ARCHIVÍSTICA Y MUSEOLOGÍA, 2008. **Anais** [...]. Potosí, Bolívia, 2008. Disponível em: <https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/252>. Acesso em: 29 fev. 2017.

IFSUL. **Biblioteca promove ações solidárias durante a pandemia**: projeto fome de leitura e campanha de multa solidária são realizados em parceria com a fundação gaúcha dos bancos sociais e visam atender famílias carentes durante a pandemia. 2020. Disponível em: <http://www.sapucaia.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/1759-biblioteca-promove-aco-es-solidarias-durante-a-pandemia>. Acesso em: 23 mar. 2021.

LINDEMANN, Catia Rejane. **A busca pela Biblioteconomia social por meio da ciência da informação**. 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Biblioteconomia), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC ESPAÑA (Espanha). **Glosario del coronavirus**: todos los términos que rodean al covid-19. todos los términos que rodean al Covid-19. 2020. Disponível em: [https://www.nationalgeographic.com.es/ciencia/glosario-coronavirus-listado-todos-terminos-que-rodean-covid-19\\_15314](https://www.nationalgeographic.com.es/ciencia/glosario-coronavirus-listado-todos-terminos-que-rodean-covid-19_15314). Acesso em: 11 mar. 2021.

PAPEL Social das Bibliotecas: como continuar na pandemia?. [Produzido por] Grupo de Pesquisa em Informação e Comunicação: Manaus, 15 set. 2020. 1 vídeo (139 min.) **Webinar**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a0ixkntJw8E>. Acesso em: 03 mar. 2021.

RUBIN, Richard. **Foundations of library and information science**. New York: Neal-Schuman Publishers, 2010.

UFMA. **Campanha “Bibliotecas UFMA Solidárias” distribui 130 cestas básicas a famílias vulneráveis**. 2020. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=56567>. Acesso em: 23 mar. 2021.

ZHOU, Fei; YU, Ting; DU, Ronghui; FAN, Guohui; LIU, Ying; LIU, Zhibo; XIANG, Jie; WANG, Yeming; SONG, Bin; GU, Xiaoying. Clinical course and risk factors for mortality of adult inpatients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. **The Lancet**, [S.l.], v. 395, n. 10229, p. 1054-1062, mar. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30566-3](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30566-3). Acesso em: 23 mar. 2021

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Julio Díaz-Jatuf**

Director Cátedra Libre Bibliotecología Social (CaLiBiSo), Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Argentina.

E-mail: [juliodj@filo.uba.ar](mailto:juliodj@filo.uba.ar)

### **Thiago Giordano de Souza Siqueira**

Bibliotecário-Documentalista, Universidade Federal do Amazonas.  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,  
da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

E-mail: [thiago.giordano@gmail.com](mailto:thiago.giordano@gmail.com)

## 2.2 ATUAÇÃO DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Meibe Mascarenhas  
Mineia Braga  
Luana da Silva Araújo

### INTRODUÇÃO

A leitura no Brasil, atualmente, ainda é um fator que requer atenção e medidas de estímulo. Sabe-se que hoje a leitura é um dos maiores meios para se combater as *fakenews*; obter autonomia informacional e; auxiliar na tomada de decisões fundamentais para a sobrevivência, pois por meio da leitura, é possível obter o pensamento crítico do ser humano, necessitando, portanto, ser trabalhada desde a fase infantil. Afirma-se isso, pois, “o contato com os livros, o ato de sentir o cheiro, as texturas e interagir com as histórias auxilia no desenvolvimento psicomotor, cognitivo e intelectual das crianças” (SILVA, 2019, p.1), auxiliando, positivamente, para a construção da visão reflexiva e, portanto, crítica.

Sem dúvida, o desenvolvimento do hábito de leitura acarreta inúmeros benefícios ao indivíduo, mas tal prática obterá resultados mais rápidos, à medida que for praticada desde sempre. Não se pretende aqui afirmar que a pessoa na idade adulta que não desenvolveu tal hábito não mais poderá desenvolver, pelo contrário, não existe idade para iniciar o processo leitor.

Todavia, será exigido dessa pessoa uma dedicação maior, pois inúmeros obstáculos da vida cotidiana tornará o desenvolvimento da prática de leitura um desafio, no sentido de transformar o ato de ler em um hábito. É por isso que “[...] a leitura na educação infantil é um

importante hábito a ser desenvolvido, porque gera grandes benefícios no desenvolvimento do indivíduo” (NOVOS ALUNOS, 2021, p. 1), além de tornar o ato de ler um hábito, quando este indivíduo chegar à fase adulta.

Ademais, não se pode deixar de frisar a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em conjunto com o Itaú Cultural, a qual visou averiguar o nível de leitores brasileiros. O resultado do estudo demonstrou que no Brasil, o indivíduo que apresenta o hábito da leitura ainda é ínfimo, haja vista que em dados estatísticos, notou-se que em média, os brasileiros leem apenas cinco livros ao ano. Ademais,

O Brasil perdeu, nos últimos anos, mais de 4,6 milhões de leitores [...]. De 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 5 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente acerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros. (TOKARNIA, 2000, p. 1).

Ainda segundo a pesquisa, um dos maiores obstáculos para os brasileiros, no que diz respeito à leitura, é o acesso aos livros. Em muitos contextos, a população mais vulnerável não possui condições financeiras para investir na compra de livros, haja vista que outras necessidades básicas e mais urgentes sugam o pouco dinheiro que recebem. Um fator que poderia contribuir com o aumento do número de leitores em áreas periféricas do nosso país, seria, sem dúvida, a existência de bibliotecas comunitárias ou escolares abertas, também, para a comunidade de uma forma em geral.

É notório que o contexto escolar não apresenta condições para nem manter uma biblioteca escolar, nem a abrir à comunidade, bem como em grande parte dos bairros brasileiros inexiste bibliotecas comunitárias, obrigando a população a se deslocar para as bibliotecas públicas, que ficam, geralmente, na parte central dos municípios, tornando, praticamente, impossível o deslocamento até elas, haja vista que o dinheiro, caso seja aplicado a tal destino, desfalcará para o sustento familiar.

Por esta razão, as bibliotecas comunitárias são instrumentos, extremamente, relevantes para o desenvolvimento da comunidade, sobretudo, as mais periféricas, pois além de servir como um espaço informacional, muitas vezes, acabam sendo um suporte para os pais, no que tange à proteção de seus filhos, pois é sabido que o contexto de violência, drogas e outros males é uma triste realidade.

Em nível conceitual, afirma-se que as bibliotecas comunitárias correspondem aos espaços voltados ao atendimento dos membros de uma comunidade, no sentido de servir como espaço de leitura, lazer e cultura. Tais espaços foram surgindo, pelas mãos dos próprios moradores, em decorrência das dificuldades de acesso aos serviços ofertados pelas bibliotecas públicas. Parafraseando Machado (2009, p. 5), este tipo de bibliotecas

[...] surgem como práticas espontâneas, idealizadas e implementadas por agentes individuais ou coletivos; cidadãos comuns, com ou sem instrução formal, com ou sem apoio institucional. Surgem normalmente em lugares periféricos, em função da dificuldade de acesso aos bens culturais e da total ausência do Estado. Esses novos espaços de leitura e informação, em sua maioria, são criados por pessoas que não estão vinculadas à área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e objetivam a reunião de uma coleção de livros que possibilite, principalmente às crianças e aos jovens, o acesso ao livro e à leitura.

Nesta perspectiva, o papel social que as bibliotecas comunitárias exercem junto ao meio em que se encontram inseridas é fundamental para a melhoria da qualidade de vida da população que faz uso de tais espaços, pois não só levam aos cidadãos menos favorecidos oportunidades de acesso à informação, mas também constituem espaços seguros e propícios ao lazer e cultura.

Hoje, o Brasil conta com uma vasta rede de bibliotecas comunitárias espalhadas por todo o território nacional que, por sua vez, divergem entre si. Enquanto algumas bibliotecas buscam atender ao público infantil da comunidade que a cerca, outras procuram atender toda a população jovem e idosa. No entanto, isto depende além do público-alvo, da forma como é mantida, isto é, por meio de doações literárias, patrocínios, doações financeiras, entre outros.

## **REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS**

Em 2006, foi criado pelo Instituto C&A, um programa de formação denominado Programa Prazer em Ler (PPL). Inicialmente, o PPL surgiu com o objetivo de apoiar projetos de formação de leitores. Todavia, aos poucos o foco foi sendo ampliado, estendendo-se ao apoio às bibliotecas comunitárias existentes em alguns estados brasileiros. Assim, em 2007, o PPL inicia ações voltadas para as bibliotecas presentes na Região Metropolitana do Recife (Olinda, Recife e Jaboatão), de Salvador e de Porto Alegre.

Estas ações se voltaram para a elaboração de uma metodologia que fosse aplicada ao espaço, acervo, mediação e gestão, no sentido de contribuir com a formação das pessoas que realizavam as atividades nas respectivas bibliotecas comunitárias. Sensível a essa estratégia, em 2009, o PPL passa a apoiar projetos articulados em redes locais, denominados polos.

E com isso, em 2015, tem-se a criação da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Cabe salientar que o PPL foi apoiado pelo Instituto C&A entre os anos de 2006 e 2018. Hodiernamente, o programa é apoiado pela Fundação Itaú Social, que segue apoiando e fortalecendo o desenvolvimento dessa articulação em Rede.

Figura 1 - Biblioteca Comunitária da RNBC.



Foto: RNBC (2020).

A RNBC conta, atualmente, com 11 Redes Locais, agregando 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Mobilizamos, diretamente, cerca de 60 mil pessoas com formações, eventos literários, atividades de mediação de leitura e, indiretamente, mais de 190 mil pessoas. As Bibliotecas Comunitárias, articuladas entre si, promovem a circulação de um acervo de mais de 221 mil livros por meio de empréstimos, dando visibilidade às ações promovidas nas comunidades.

Figura 2 - Roda de leitura - Biblioteca Comunitária da RNBC.



Foto: RNBC (2020).

A RNBC busca contribuir para que as bibliotecas comunitárias sejam locais de referência na garantia do direito à leitura, do direito à disseminação do conhecimento e, sobretudo, do direito à cultura, tomando-as reconhecidas pela sociedade civil e poder público como espaços de desenvolvimento humano.

Ademais, a RNBC procura ser referência na representação das bibliotecas comunitárias e na disseminação de conhecimentos que fundamentam a atuação desses coletivos, haja vista que se acredita e se defende a bandeira do direito humano à leitura e por uma política pública para a biblioteca, livro, leitura e literatura. Compartilha-se ainda o desejo de transformar o Brasil em um país de leitores.

## REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A atuação das bibliotecas comunitárias sempre representou um grande desafio, pois não é fácil arrecadar recursos financeiros e capital intelectual para atuar, voluntariamente, nesses espaços, bem como o processo de atração da comunidade para frequentar essas bibliotecas exige uma relação de cumplicidade e conquista, como se a comunidade fosse um diamante a ser, cuidadosamente, lapidado e, carinhosamente, cuidado.

Isto implica frisar que o uso das bibliotecas comunitárias como espaços informacionais não ocorre do dia para a noite. O processo pode ser mais lento do que se espera. Mas, à medida que se consegue despertar nos moradores locais o sentimento de pertencimento, tudo se torna mais fácil. Cada biblioteca que faz parte da RNBC desenvolve suas ações com todo o carinho e respeito para com a comunidade.

No mês de março de 2019, o mundo virou de cabeça para baixo, devido a invasão feroz de um vírus, levando muitas pessoas a óbito e muitas ao desemprego e, conseqüentemente, à fome. Com o propósito de minimizar o sofrimento das famílias frequentadoras das bibliotecas comunitárias, a RNBC lançou a campanha “RNBC em apoio às comunidades”. Esta campanha, visou arrecadar doações financeiras para a compra de cestas básicas.

Assim, foi arrecadado o valor de R\$ 7.380,00 (sete mil, trezentos e oitenta reais) em doações na conta corrente da Rede. Diante do valor obtido, foram distribuídas 8 cotas de R\$ 600,00 (seiscentos reais) para as Redes de Bibliotecas: Amazônia Literária (Pará), Ilha Literária (Maranhão), Jangada Literária (Ceará), Releitura (Pernambu-

co), RBCS (Bahia), Tecendo Uma Rede de Leitura (Duque de Caxias – RJ), Rede Baixada Literária (Nova Iguaçu – RJ) e Sou de Minas, Uai! (Minas Gerais).

Figura 3 – Campanha Solidária em Ananindeua – Pará.



Foto: RNBC (2020).

Posteriormente, essa campanha ganhou apoio de um financiador, que com a sua campanha de ir às comunidades em tempos de pandemia, possibilitou expandir o alcance da campanha para as outras redes da RNBC. Em relação aos recursos recebidos, são as equipes das bibliotecas que definem a forma de usá-los, a partir das necessidades e características de suas comunidades.

Ademais, foi criada a Comissão de Bibliotecárias Frente ao COVID-19, no sentido de estar realizando ações, em nível nacional e local, ou seja, nas redes nacionais e redes locais, tais como:

- **Redes Nacionais:** pelo “Protocolo de Reabertura das Bibliotecas”, documento norteador a ser utilizado por cada biblioteca em sua

reabertura frente ao COVID-19, serão programadas as seguintes ações:

- Repertório de Literatura em comunidades tradicionais (Elisa Machado), com seguimentos de criação de Wikilivros<sup>4</sup>;
  - Levantamento bibliográfico em catálogo online das bibliotecas (literatura indígena e africana) e Terminologia sobre povos e comunidades tradicionais;
  - Debates e formações sobre gênero e diversidade, racismo e colorismo, e gêneros literários. Essas formações acontecem através da plataforma *Webex* e têm a participação de todas as bibliotecárias da RNBC e de mediadores de leitura das redes locais.
- **Redes Locais:** em nível local, as ações serão mais pontuadas. Dentre elas, destacam-se:
    - Distribuições de cestas básicas;
    - Realização de saraus *online*;
    - Mediação de leitura *online*;
    - Contação de história (vídeo);
    - Rodas de debates;
    - Criação e atualização de manuais de procedimentos de todas as bibliotecas e;
    - Participação em reuniões de grupos de trabalhos nas redes locais e nacionais.

---

<sup>3</sup> Comunidade do movimento Wikimedia que desenvolve de modo colaborativo livros, manuais, apostilas e textos.

É importante que haja essa orientação para as bibliotecas que se encontram inativas momentaneamente ou até mesmo desnorteadas sobre como prosseguir com suas atividades diante do momento enfrentado pelo País. Desta forma, as bibliotecas comunitárias que trabalhavam em conjunto, buscaram estreitar esta união a fim de prestarem auxílio entre si.

O mapa abaixo representa a rede locais de bibliotecas comunitárias espalhadas no território nacional:

Figura 4 – Mapa da localização das RNBC.



Fonte: Mascarenhas (2020).

Apesar do País contar com a diversidade de bibliotecas comunitárias mencionadas no mapa acima, alguns estados ainda não possuem estes espaços vinculados à RNBC. Isto em muitas vezes ocorre, devido a pouca visibilidade que determinadas bibliotecas possuem. Como mencionado no início deste capítulo, algumas bibliotecas são

mantidas por pessoas físicas, que, por vezes, preferem manter-se no anonimato, buscando apenas atender um público mais restrito.

## **PRINCIPAIS ATIVIDADES REALIZADAS PELA RNBC NA PANDEMIA**

Devido a pandemia do novo Coronavírus, muitos estabelecimentos precisaram se reinventar, precisando se reajustar à decretos locais e medidas de segurança para evitar a propagação do vírus. Em decorrência disso, muitas bibliotecas fecharam suas portas durante este tempo e, para retomar seu serviço, precisaram se adequar a esta nova realidade a fim de continuar suprimindo as necessidades de seus usuários.

Em maio de 2020 a Coordenação Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas lançou novas orientações para as bibliotecas públicas e comunitárias como forma de preservar a saúde e garantir a segurança do público que frequenta, bem como a de seus colaboradores, além de sugerir cuidados específicos, a citar: separe uma estante para recebimento do material devolvido; receba o livro sempre com luvas; acomode o material recebido na estante separada para esse fim; não coloque esse livro no acervo nos próximos 5 dias, como também não o libere para empréstimo; higienize suas mãos com água, sabão e álcool gel; após o período de 6 dias, usando equipamentos de proteção individual, higienize a capa com álcool e papel toalha, descartando o papel toalha em seguida; higienize novamente suas mãos seguindo o protocolo (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2020, p. 1).

Desta forma, dentre as principais atividades pensadas para este reajuste, destacam-se: a mediação (áudios e vídeos), contação de histórias (vídeos), *lives*, roda de debates, sarau *online* (local e nacional), seminários de leituras, encontro nacional da RNBC, articulações e campanhas em torno das leis que estão em debate atualmente, com foco principal nos: PL 1075 - Lei Aldir Blanc, FUNDEB na Câmara e no Senado, estudo da aprovação e dos vetos à PL 1.066/2020 – RENDA MÍNIMA, revogação da EC 95/2016, levantamento e estudos sobre as medidas provisórias, decretos federais emitidos a partir de março/2020, que atingem diretamente a população mais vulnerável, taxaçoão do livro no Brasil e Adia Enem.

Figura 5 - Contação de história antes da pandemia.



Foto: RNBC (2020).

É importante ainda destacar, que no momento atual, as redes sociais são fortes aliadas ao processo de mediação da informação, divulgação de atividades e da própria biblioteca comunitária.

Nesta perspectiva, há a necessidade de levar a informação da existência desses espaços a um público cada vez maior, estendendo seu atendimento a todo e qualquer tipo de usuário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A biblioteca comunitária surge com o intuito de atender ao público que, por vezes, não consegue fazer uso de bibliotecas públicas, seja pela localização, baixa renda para locomoção, falta de instrução e até, muitas vezes, por falhas dessas próprias bibliotecas. Assim, as bibliotecas comunitárias buscam alcançar este público, a fim de suprir suas necessidades informacionais e socioculturais.

De modo geral, percebemos a disposição dos idealizadores desses projetos em apresentar a biblioteca comunitária como algo diferente da biblioteca pública, vinculada à esfera governamental, almejando constituir bibliotecas que tenham a cara de suas comunidades, que sejam espaços de acolhimento e de convivência e que tenham suas ações e serviços organizados com base na realidade e conhecimento locais. (MACHADO, 2009, p. 5).

Apesar das características em comum, as bibliotecas comunitárias podem divergir entre si, uma vez que são criadas e mantidas por figuras diferentes, sejam elas pessoa física, ONGs, a própria comunidade, entre outros. Foi pensando nesta vasta variedade de bibliotecas, que surgiu a RNBC que, além de proporcionar maior visibilidade à biblioteca comunitária, tem buscado estipular políticas públicas para seu uso e manutenção, a fim de transformar o Brasil em um país que lê.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <http://repositorios.questoe-semrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/104?show=full>. Acesso em: 19 mar. 2021.

NOVOS ALUNOS. **Entenda a importância da leitura para o desenvolvimento da criança**. 2021. Disponível em: <https://novosalunos.com.br/entenda-a-importancia-da-leitura-para-o-desenvolvimento-da-crianca/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **RNBC: redes locais**. 2020. Disponível em: <https://rnbc.org.br/2020/05/12/apoio-co-meca-pela-regiao-norte/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SILVA, Gabriele. **A importância dos livros e da leitura na educação infantil**. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/a-importancia-dos-livros-e-da-leitura-na-educacao-infantil>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Novas Orientações a Bibliotecas Públicas e Comunitárias COVID-19**. 2020. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/novas-orientacoes-a-bibliotecas-publicase-comunitarias-covid-19/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

TOKARNIA, Mariana. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos#:~:text=O%20brasileiro%20%C3%AA%2C%20em%20m%C3%A9dia,tamb%C3%A9m%20como%20o%20mais%20marcante>. Acesso em: 10 mar. 2021.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Meibe Mascarenhas**

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará.  
Especialista em Gestão em bibliotecas Públicas pela Faculdade Unyleya.  
Bibliotecária Assessora da Rede Amazônia Literária.  
Mediadora de Leitura no Espaço Cultural Nossa Biblioteca.

### **Minéia Braga**

Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Programus.  
Mediadora de Leitura no Espaço Cultural Nossa Biblioteca.

### **Luana da Silva Araújo**

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas,  
Bibliotecária do Centro Literatus Educacional – Manaus-AM.

## 2.3 BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO E SUAS PRÁTICAS SÓCIO-PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira  
Maria de Fátima Oliveira Costa  
Aureste de Sousa Lima  
Daniella Carvalho Pereira dos Santos

### INTRODUÇÃO

Já se foram trinta anos desde que o professor Oswaldo Francisco Almeida Júnior publicou o ensaio intitulado “*Vale mais uma informação do que um prato de feijão?: balelas bibliotecárias II*” no Boletim da Associação Paulista de Bibliotecários (APB), republicado em antologia de Almeida Júnior (1997). O escrito faz alusão a uma palestra proferida em evento de bibliotecários onde um dos convidados expunha a supracitada pergunta. Na ocasião do evento, segundo o texto publicado no Boletim da APB, a questão-pergunta constituído título do ensaio não obteve resposta apaziguadora.

No referido ensaio, o autor contesta a pergunta por má formulação, segundo o qual, dois itens de diferentes naturezas não podem ser postos em comparação ante a variação de suas representatividades para diferentes grupos em diferentes contextos. No entanto, o autor vai além: fala da questão social, reprodução do sistema e faz crítica a este, evidenciando argumentos do senso comum de quem elege, de forma acrítica e alternativa, “uma informação” ou “um prato de feijão” como algo balanceável em relação ao outro, no caso da pergunta específica. Ao final, o ensaísta argumenta com aguda ironia que nas bibliotecas, cujos serviços e produtos são usados para reproduzir

a realidade de exclusão social e manutenção da classe dominante, vale mais um prato de feijão que uma informação ideologizada.

Em que pesem a anomalia comparativa colocada entre os objetos da pergunta, o período em que ela foi feita e a conclusão de Almeida Júnior (1997), reconhecemos que, ainda assim, a pergunta é, no mínimo, instigante por nos remeter à reflexão sobre dilemas éticos de implicações socioprofissionais aos quais, recorrentemente, somos conclamados a nos manifestar por meio de ações, ainda que em maior ou menor grau de engajamento.

A Biblioteconomia, campo interdisciplinar eminentemente social, está inexoravelmente implicada politicamente, inclusive pelos insumos com que trabalha e recursos informacionais que oferece com fito na transformação do meio; é ainda afetada pela economia e pode (deve) afetar a cultura e outros campos numa relação em que toda ação (ou falta de ação) não pode ser vista como neutra, mas como tomada de posição ou indiferença com o meio. Esta última, não corresponde à finalidade da ética disciplinar na conjuntura em que se apliquem as práticas biblioteconômicas.

Assim é como tem sido refletidas as ações que dão sentido às práticas profissionais no seio das bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que, organizadas em rede, e sob o comando de uma Diretoria Integrada de Bibliotecas (DIB), têm descoberto e explorado potencialidades em um momento em que, por força do fenômeno de ordem global – a pandemia da COVID-19, os bibliotecários foram expropriados da proximidade física daquilo que, numa visão tradicional e limitante, mais representa esses profissionais: os acervos físicos e o espaço da biblioteca.

O desafio para a *práxis* profissional dos bibliotecários no contexto do isolamento físico e social, impostos pela pandemia, ganha

novas formas, ainda que persistam velhos desafios, inclusive os oriundos de ordem socioeconômica que respingam na cultura informacional, tendendo para a infoexclusão.

A pandemia da COVID-19 trouxe para o mundo consequências que afetam todos os campos da vida social e o *modus operandi* das organizações, academias científicas, padrões e até modelos econômicos, cujas bases têm sido estremecidas. No campo das profissões não foi diferente, e na Biblioteconomia e Ciências da Informação e Comunicação, em especial, a discussão em torno da ética da informação tem ganhado reforço frente ao fenômeno paralelo à pandemia do coronavírus, a “infodemia”.

Criada para designar um “[...] aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico” (GARCIA; DUARTE, 2020, p. 1), a infodemia propicia terreno fértil para o fenômeno da desinformação, que ora conta com novos e velhos procedimentos de manipulação da informação e diminuem as possibilidades de emancipação dos sujeitos, tornando-as cada vez mais distantes (DUARTE, 2018), o que desperta nas bibliotecas a busca por novas alternativas para minimizar tais impactos trazidos pela pandemia.

Diante desse cenário, para atenuar o avanço das ameaças de maior infoexclusão da comunidade estudantil e propiciar mediação tecnológica e educacional da informação pelas bibliotecas e programas de ensino, as bibliotecas da UFMA passaram a atuar com o empréstimo de tablets em alinhamento com o Programa de Assistência Estudantil, que também distribuiu *chips* com *internet* de dados móveis para discentes em situação de vulnerabilidade social, dentre outras ações.

Apresentamos aqui o relato da prática social que as bibliotecas da UFMA estão realizando nesses tempos de pandemia. Inicialmente, destacamos a história e a estrutura funcional da DIB; em seguida, mencionamos as ações desenvolvidas antes e durante a pandemia com ênfase no Projeto Bibliotecas da UFMA Solidárias.

## **HISTÓRIA E ESTRUTURA FUNCIONAL DA DIRETORIA INTEGRADA DE BIBLIOTECAS (DIB)**

O Sistema de Bibliotecas da UFMA nasceu com a criação da Fundação Universidade do Maranhão, instituída pela Lei Nº 5.152, de 21/10/1966, a qual agregou diversas faculdades isoladas, juntamente com seus respectivos acervos bibliográficos.

A partir dessa data, o Sistema de Bibliotecas acompanhou não só os processos de estruturação da Universidade ao longo dos anos, como também passou por várias mudanças de endereço, até se instalar no Campus Universitário do Bacanga, hoje Cidade Universitária Dom Delgado.

Desde a sua criação, o Sistema de Bibliotecas da UFMA foi estruturado como um sistema centralizado, formado por uma Biblioteca Central, responsável pelo gerenciamento e execução dos serviços técnicos e administrativos e pelas bibliotecas setoriais, que executam os serviços de referência.

Acompanhando o processo de expansão da Universidade para o continente e, conseqüentemente, a criação de bibliotecas setoriais nos *campi* dessas localidades para atender aos cursos ofertados, o Sistema de Bibliotecas da UFMA, atualmente denominado DIB, conforme a Resolução Nº 226-CONSAD/2020, que atualizou a estrutura organizacional da UFMA, está vinculada à Reitoria e é composta pela Biblioteca Central e pelas 19 (dezenove) Bibliotecas Setoriais existen-

tes na cidade de São Luís e nos *campi* do continente, funcionando de forma descentralizada para os serviços técnicos e administrativos.

Dessa forma, a DIB continua responsável pelo processo de aquisição dos materiais informacionais e pela coordenação das políticas de padronização dos serviços do Sistema, ficando sob a responsabilidade das Bibliotecas Setoriais a execução do serviço tanto de processamento técnico dos materiais informacionais adquiridos, quanto do serviço de referência.

## **AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA DIB ANTES DA PANDEMIA**

Como parte do seu planejamento anual, a DIB desenvolve algumas ações voltadas para o cumprimento da sua missão, que consiste em “fornecer suporte informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFMA, auxiliando na geração, preservação e difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, culturais e da inovação, visando ao desenvolvimento intelectual e social”, dentre as quais destacamos:

- a)** Treinamentos e capacitações de usuários quanto ao uso dos serviços e dos recursos informacionais disponibilizados;
- b)** Campanhas de preservação do acervo com promoção de palestras, exposições, apresentação de trabalhos acadêmicos dos bibliotecários e servidores, feira de permuta de livros, lançamento de trabalhos de alunos do Curso de Biblioteconomia;
- c)** Manifestações culturais no período junino com o intuito de envolver e integrar a comunidade acadêmica e o entorno;
- d)** Clube da leitura: programa que tem como objetivo estimular o

hábito da leitura literária no espaço acadêmico, de forma lúdica e interativa entre os clubistas;

**e)** Rodas de conversas sobre temas em evidência tais como: câncer de mama, prevenção ao suicídio, *fake news*, questões de gênero, inclusão ou outros temas sugeridos pelos usuários;

**f)** Palestras sobre os serviços desenvolvidos nos setores administrativos da DIB para os alunos do Curso de Biblioteconomia, proporcionando uma aproximação entre teoria e prática, mediante relato do cotidiano profissional e das rotinas vivenciadas na Biblioteca.

Na semana de 3 a 17 de março de 2020, operacionalizamos o projeto “Quem somos e o que fazemos” com o objetivo de dar visibilidade aos bibliotecários da nossa universidade, bem como mostrar os serviços oferecidos pelas diversas bibliotecas que compõem a DIB.

## **A DIB EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19**

Em 17 de março, a Universidade suspendeu as atividades presenciais, atendendo aos protocolos e determinações institucionais, em virtude da pandemia da COVID-19. Assim, serviços e produtos foram reformulados, criados e implementados pelas diversas bibliotecas que compõem a DIB da UFMA, tais como

**a)** O “Clube da Leitura” da Biblioteca do Centro de Ciências Humanas (CCH) na cidade universitária Dom Delgado, que encontrou na “videoconferência” uma nova ferramenta para compartilhar as virtudes de uma boa leitura;

**b)** A Biblioteca Central, criou um novo canal de interação com seu público por meio da rede social Instagram (@ufma\_dib), cujo

perfil vem sendo alimentado com videotutoriais e diversas dicas sobre ferramentas de pesquisa online oferecidas pela Biblioteca;

**c)** Práticas inovadoras como as da Biblioteca do Campus de Codó que, além de lançar videotutoriais, lançou o “Projeto *LiveRead*: Leitura Ao vivo de cada dia”, que busca catalogar e disseminar, diariamente, os principais eventos online (lives, webinários etc.) de acordo com o perfil de interesse dos professores, técnicos e discentes cadastrados em linha de transmissão de aplicativo específico que alerta, automaticamente, na hora do evento;

**d)** Mais inovação na mediação de serviços pode ser vista no exemplo da Biblioteca do Campus de Imperatriz, que aderiu à produção de *podcasts* para instrução na utilização de recursos e serviços da Biblioteca;

**e)** Além dessas iniciativas, os profissionais de todas as bibliotecas seguem com a orientação remota pelos canais disponibilizados em suas unidades, orientando em questões pontuais de normalização, pesquisas em bases de dados, levantamentos bibliográficos, emissão de termos de quitação etc.;

**f)** A busca por formação e atualização, pelos profissionais bibliotecários, nesse período tem sido marcante. Relatos e compartilhamento de informações sobre cursos, participação em webinários, webconferências, *lives* etc., tem sido recorrente em nossa rede profissional;

**g)** As produções de vídeos e *lives* realizadas pelos setores administrativos da DIB, como o Portal de Periódicos Eletrônicos e a Biblioteca Digital, esclarecendo aos usuários sobre suas rotinas de trabalho e os conteúdos digitais de suas plataformas durante este período de pandemia;

- h)** A Divisão de Formação e Controle do Acervo (DFCA), que deu continuidade às atividades de aquisição do material informacional, conforme determinadas pelo Processo de Licitação iniciado antes da pandemia;
- i)** O Serviço de Processamento Técnico da Informação, que prosseguiu, em *home office*, com as atividades de inserção dos materiais adquiridos ao acervo, reavaliação dos catálogos, simultaneamente à construção da política de tratamento técnico da informação.

Por outro lado, ao refletir sobre as práticas e ações sociais promovidas pelas Bibliotecas da UFMA, ações que só podem ser concebidas conscientemente após o questionamento: “informação para quê?”, entende-se que tais intervenções abrem canais de diálogo entre a universidade e a comunidade que está além dos muros da universidade. É na realidade da extensão universitária que as bibliotecas podem ver um espelho, através do qual todas as suas práticas devem enxergar e, a partir disso, voltarem-se para o desafio cotidiano de pensar a informação, tendo como foco o desenvolvimento humano e social. Para isso, o papel da informação no apontamento das questões sociais e ambientais é primordial.

A promoção de atividades extensionistas das bibliotecas, junto às comunidades, tornam-se ainda importantes, à medida que permitem que esses dispositivos de informação possam melhor refletir a construção de aplicações técnico-profissionais pautadas no modelo sociocognitivo e interacionista de usuários que, por sua vez, privilegia a construção da informação “com”, e não apenas “para” os usuários (SILVA, 2012), avançando, assim, sobre o “paradigma do interagente”.

De acordo com Gomes (2019, p. 19), “[...] o trabalho consciente com a informação coloca o protagonismo social e a mediação na centralidade deste fazer”. Concebido assim, o protagonismo social tem forte relação com o objeto informação. E complementa:

O protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação. (GOMES, 2019, p. 11).

O protagonismo social defendido por Gomes é visto sob a perspectiva gramsciana onde a práxis profissional deve se constituir como ação revolucionária com vistas à transformação do meio.

Dessa forma, e, sendo a informação: substrato para a produção da vida, tecida nas relações sócio-históricas e condição para a constituição da memória (JESUS; SOLEDADE; TOUTAIN, 2018, p. 94) e cidadania, defende-se que toda prática bibliotecária socialmente engajada deve defender, à luz da teoria crítica da informação e sob mediação consciente, uma ética onde o “feijão e sonho” possam dividir o mesmo espaço, numa relação metafórica em que a informação seja o meio para alcançar mais equidade e justiça social.

## **O PROJETO BIBLIOTECAS DA UFMA SOLIDÁRIAS**

O projeto Bibliotecas UFMA Solidárias surgiu de uma reflexão pessoal da Gestora da DIB, que por ocasião da proximidade do rito de passagem de seu aniversário se perguntara sobre: “o que fazer para ajudar as pessoas nesse momento de pandemia?” No primeiro mo-

mento, resolveu-se que se faria doação de cestas básicas e, então, compraram-se algumas e começaram a serem doadas para alguns discentes que se encontravam em vulnerabilidade social, mas, não se contentando, pensou-se: “porque não pedir de presente à familiares cestas básicas para distribuir às pessoas carentes?”. Assim, começou o processo de arrecadação das primeiras cestas básicas.

Durante um reunião com os colaboradores da DIB, a gestora externalizou e lançou sua ideia e a seguinte proposta: “Vamos fazer dessa ideia o nosso projeto solidário?” A aceitação foi geral e, assim, nasceu esse grande projeto, cujo objetivo é ser solidário para com famílias em situação de vulnerabilidade social. A primeira campanha, consistiu na doação de cestas básicas e, para isso, a equipe que compõem a DIB se dispôs a arrecadar e, também, doar materiais para serem distribuídos.

Sabendo-se da realidade social de muitos discentes, bem como da população que reside nas áreas circunvizinhas ao Campus Bacanga, no primeiro momento, decidiu-se por dividir as cestas entre a comunidade estudantil do Curso de Biblioteconomia em situação de vulnerabilidade social, Associação de Moradores do Bairro Jambeiro, Creche “Deus é amor”, localizada no bairro Sá Viana e dirigida pela D. Terezinha, bem como aos funcionários terceirizados do Centro de Ciências Sociais da UFMA e da DIB.

A segunda etapa do projeto consistiu em doar, além das cestas básicas, brinquedos, roupas e kits de higiene pessoal para não só os discentes do Curso de Biblioteconomia, para a Creche Cristo-Rei e outras instituições, ms também para as famílias que tiveram suas casas arrastadas pela ventania e temporal que aconteceu em São Luís, no mês de julho de 2020.

Para se chegar até as instituições receptoras, além da pesqui-

sa que foi realizada, contou-se com a indicação do Magnífico Reitor da UFMA, Profº. Drº. Natalino Salgado, que compartilhou o contato das instituições atendidas e para viabilizar as entregas, recebeu-se o apoio da Superintendência de Infraestrutura da UFMA.

O enlevo dos momentos de encontro com as comunidades envolvidas na ação social, frequentemente, despertava ainda mais empatia e fazia aflorar testemunhos afetivos, como é o caso relatado na cobertura promovida pela Assessoria de Comunicação da UFMA, em que a Profa. Cenidalva Teixeira, frisou:

A universidade é minha vida, já estou aqui há muitos anos, desde quando entrei como aluna em 1982, então sinto um enorme prazer de retribuir, ajudar as pessoas. Neste momento de pandemia, muitos estão precisando de apoio, de uma palavra amiga, de alimento, de carinho, e a Universidade está de mãos dadas para ajudar essas pessoas. (TEIXEIRA, 2020 apud SANTOS, 2020, não paginado).

O projeto assumiu fluxo contínuo para arrecadação e doação de itens, tais como, cestas básicas, roupas, kits de higiene pessoal e brinquedos, enquanto perdurar a situação de isolamento social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cenário atual nos permite observar o quanto o aprendizado em todos os setores de nossa vida está de mãos dadas com a oportunidade. Durante esse período de pandemia, renovamos-nos por dentro e por fora e deixamos fluir o que estava bem escondido dentro de nós, comprovando que “atitude e ousadia você encontra na Biblioteca” (TEIXEIRA, 2020, p. 65) e que uma equipe unida é capaz de alavancar uma sociedade afetada pelo mundo e pela incerteza do

que é digno de crédito ou não, em meio à avalanche informacional em torno das questões sociais.

Essas questões sociais nos permitiram vislumbrar algo maior e refletir sobre como nós bibliotecários, estudamos e chegamos até aqui, numa situação considerada confortável, e como nos sensibilizamos com o que a pandemia trouxe de ruim para muitos da nossa sociedade, como a falta de alimentos, vestuário, materiais de higiene pessoal, dentre outros insumos e recursos essenciais para manutenção de uma vida digna.

Apesar de tudo, temos a esperança de que este lúgubre capítulo da história da humanidade nos conduzirá para uma revisão da sua forma de escrita, e que doravante se desenhe uma sociedade mais sustentável e democrática e que o “novo normal” nos seja mais generoso. É válido sonhar; mais do que nunca! Mais necessário ainda, é construir a realidade sonhada. Sejam protagonistas!

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis: APB, 1997. 129 p. (Coleção Palavra-chave, 7).

DUARTE, Yaciara Mendes. A sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da biblioteconomia social. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.) **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: IPEA, 2018. 99 p.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, 2020, p. 1-4. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/ress/2020.v29n4/e2020186/pt>. Acesso em: 15 set. 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019>. Acesso em: 15 set. 2020.

JESUS, Mirleno Lívio Monteiro de; SOLEDADE, Pablo; TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. A informação como substrato da vida: memória e contra- esquecimento. In: JESUS, Mirleno Lívio Monteiro de; MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos (org.). **Olhares em movimentos sobre a transversalidade dialógica da biblioteconomia e ciência da informação**. Teresina: IFPI, 2018. p. 80-97.

SANTOS, Luciano. **Campanha “Bibliotecas UFMA Solidárias” distribui 130 cestas básicas a famílias vulneráveis**. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=56567>. Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, Jonathas Luiz. Necessidades de informação e satisfação do usuário: algumas considerações no âmbito dos usuários da informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 102-123, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48656/52727> . Acesso em: 15 set. 2020.

TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa. **Memorial acadêmico**: retrospectiva histórica da minha experiência acadêmica/profissional na Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2020.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira**

Professora Titular do Departamento de Biblioteconomia e Diretora da  
Diretoria Integrada de Biblioteca da UFMA.  
Email: [cenidalva.teixeira@ufma.br](mailto:cenidalva.teixeira@ufma.br).

### **Maria de Fátima Oliveira Costa**

Bibliotecária-Documentalista, Chefe de Divisão de Processamento  
Técnico e Informação Digital da Diretoria Integrada de Bibliotecas  
(DIB-UFMA).  
Email: [maria.fatima@ufma.br](mailto:maria.fatima@ufma.br).

### **Aureste de Sousa Lima**

Bibliotecário-Documentalista da Diretoria Integrada de Bibliotecas  
(DIB). Campus de Codó-UFMA.  
Email: [aureste.lima@ufma.br](mailto:aureste.lima@ufma.br)

### **Daniella Carvalho Pereira dos Santos**

Bibliotecária-Documentalista da Diretoria Integrada de Bibliotecas da  
UFMA.  
Email: [daniella.santos@ufma.br](mailto:daniella.santos@ufma.br)

## **2.4 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA E ESCOLAR PAULO COELHO DO SOLAR MENINOS DE LUZ EM TEMPOS DE PANDEMIA NO ANO DE 2020**

Eliana da Silva Rodrigues  
Phamela Lima Torres

### **INTRODUÇÃO**

Trata-se da mediação do bibliotecário de referência diante do público de uma biblioteca escolar-comunitária. Utiliza-se a contação de história como recurso de aproximação do bibliotecário com o aluno-leitor de tal modo que favoreça o empoderamento do público infanto-juvenil, trazendo também a aproximação com os familiares e, conseqüentemente, acolhendo a comunidade onde a ONG se localiza, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

O bibliotecário é um mediador nessa relação entre os alunos leitores e futuros leitores e a ênfase dada a esse relato é a de compartilhar a vivência de como é possível uma biblioteca contribuir para o empoderamento e autoestima de populações carentes, negras e desvalidas, mesmo em situações adversas como a Pandemia por COVID-19 (Coronavírus) que atingiu todo o mundo em 2020. Esse bibliotecário tem competência e responsabilidade para ser o mediador no encaminhamento do leitor ao conhecimento em tempos difíceis, como Reyes (2010) esclarece que a leitura necessita ser estabelecida a partir de um trabalho integrado, onde o adulto passa a exercer a ação condutora.

Compartilhamos as experiências da contribuição da biblioteca através de um ambiente acolhedor, mesmo que virtual, pois tornar-se

ou não leitor, em grande parte, é uma questão de meio social:

Mas os determinismos sociais não são absolutos; [...] não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário, que levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. (PETIT, 2008, p. 139).

Durante o período de isolamento social imposto pela Pandemia, devido ao COVID-19 (Coronavírus), de março até os dias de hoje, deparamo-nos com as bibliotecas fechadas. Assim, as atividades presenciais foram suspensas, mas as necessidades de atendimento aos usuários continuaram e os bibliotecários tiveram que reinventar suas rotinas, a fim de continuar prestando seus serviços, como foi o caso da Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho.

## **HISTÓRIA E ESTRUTURA FUNCIONAL DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA E ESCOLAR PAULO COELHO**

A Biblioteca Escolar e Comunitária Paulo Coelho encontra-se localizada na Instituição Solar dos Meninos de Luz, o qual é uma ONG, coordenada pelo Centro Espírita Paulo de Tarso. Fundado há 29 anos, o Solar recebe crianças da comunidade, desde o berçário (a partir de 03 meses) até a conclusão do Ensino Médio, funcionando em horário integral, totalizando o atendimento a 430 crianças, em 05 casas.

Figura 1 - Instituto Solar dos Meninos de Luz.



Fonte: MENINOS DE LUZ (2020).

A qualidade do serviço é a marca do Solar. Assim, nossos o ensino ofertando apresenta a marca de gratuidade e qualidade sempre. Para isso, formou-se um complexo educacional, sob a égide “10 horas na Escola, Dez horas longe das ruas”. Além dos nossos alunos e seus familiares, atendemos, também, a comunidade do Pavão/Pavãozinho e Cantagalo, multiplicando, assim, o número de usuários frequentadores do nosso espaço informacional.

A Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho, do Colégio Solar dos Meninos de Luz, fica localizada na Comunidade do Pavão/Pavãozinho/Cantagalo, no Rio de Janeiro, existe há mais de 10 anos, sobrevivendo de doações de toda a espécie, ou seja, desde o mobiliário até seu acervo, o qual foi formado e é atualizado por doações advindas das mais diferentes formas e, assim, é até hoje.

Após algum tempo inativa, a biblioteca foi reestruturada, por meio da ação de um grupo de voluntários de visão e garra de traba-

lho. O grupo foi formado por uma arquiteta, uma escritora, uma artista plástica, um estudante de Biblioteconomia e pelos padrinhos do coração, os quais formaram uma força tarefa e reativaram a biblioteca, selecionando, limpando o acervo bom que existia e contrataram uma bibliotecária de referência.

## **RETOMADA DAS AÇÕES DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA E ESCOLAR PAULO COELHO**

Antes de iniciarmos com as apresentações das atividades, cabe salientar que a biblioteca foi nomeada Paulo Coelho, com o intuito de homenagear nosso grande escritor brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), pois sem ele nosso sonho não se tornaria possível. O casarão em que nos encontramos instalados foi doado pelo escritor, sendo uma das mais lindas e melhores bibliotecas comunitária e escolar do Rio de Janeiro, além de ser em um espaço privilegiado, foi estruturado a partir de cada indicação do projeto doado pela arquiteta que compôs o grupo de voluntários, em prol do resgate do espaço informacional.

Pois bem, em 1997 foi montada de forma improvisada o primeiro espaço da pequena biblioteca, que atendia os alunos escola de ensino fundamental. Anos depois após o trabalho árduo da equipe de voluntários e parceiros, a Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho, enfim, reabriu suas portas em 2004, cuja ação de reinauguração foi realizada pela bibliotecária, a partir da ação: Contação de História, tomando por base a obra “Bicos Quebrados”, de Nathaniel Lachenmeyer e Robert Ingpen.

Figura 2 - reinauguração da Biblioteca Comunitária Escolar Paulo Coelho.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Atualmente, a biblioteca conta com um acervo de 11.000 livros, voltados para o público infantojuvenil e adultos. Assim, a ênfase das coleções se volta para a área da literatura específica para as faixas etárias da clientela que frequenta nossos espaços. A partir do momento em que a biblioteca voltou a funcionar, o Solar passou a desenvolver a prática da leitura, por meio da biblioteca.

Tal prática passou a ser estabelecida não só com os alunos da instituição, mas também com as pessoas pertencentes à comunidade do entorno da Escola, por acreditarmos que o papel social da biblioteca perpassa seus muros, atingindo o meio em que esta faz parte. Sem dúvida, abrir as portas à comunidade representou um grande desafio à bibliotecária. Mas, com a intenção de dar vida a essa biblioteca, bem como cumprir sua missão, buscamos leituras,

experiências em bibliotecas públicas, além de cursos de Mediação da Leitura.

Ademais, com o propósito dos frequentadores do nosso espaço se sentirem partes dele, tivemos a ideia de manter uma Estante Temática. Esta estante, encontra-se em constante mudança, no sentido de despertar a sensação de pertencimento da nossa comunidade, junto ao espaço, que também, é deles. Diante da realidade de 90% dos alunos do Solar serem negros, iniciamos as atividades com a estante temática homenageando o dia de Zumbi dos Palmares, usando uma data importante no calendário carioca.

Novas visitas à Biblioteca foram organizadas, juntamente com a coordenação pedagógica, criando um calendário de visitação por turmas, por ano de estudo, propiciando aos nossos alunos oficinas de máscaras com a temática das religiões de matriz africanas, conduzidas por voluntários, professores de arte e professores de cada série que decoraram a estante de exposição dos livros sobre a temática Negritude e acompanhamento do aprendizado didático relativo à cada turma. Através de oficinas contemplando a moda, com estilo histórico e atual de vestimenta dos negros, turbantes trabalhando a autoestima com espelhos para que percebessem o quanto são belos.

A Contação de histórias tornou-se tarefa cotidiana, pois os professores se revelaram ótimos leitores e contadores de história, auxiliando sobremaneira a tarefa da contação para todas as turmas (antes e durante a Pandemia).

Figura 3 – Atividade na Biblioteca Paulo Coelho.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Nas férias escolares, abrimos a biblioteca para a comunidade. Chegamos a receber diariamente de 25 a 30 crianças, durante todo dia, de meados de janeiro a fevereiro de 2019. Percebemos que essas crianças, advindas de escolas públicas ou nenhuma escola, diferentemente dos nossos alunos, não sabiam como era uma biblioteca ou o que é possível apreender e desfrutar em tal espaço.

Desenvolvemos ativamente a motivação da leitura, utilizando nossa Gibiteca e orientando-os no comportamento dentro de uma biblioteca lúdica. A Contação de histórias não se limitou à oralidade, fizemos uma oficina de pipas nas nossas quadras, em pleno Rio 40

graus, com apresentação teatral, brincadeiras e ensinamentos básicos de higiene e convivência.

Lendo histórias motivamos a leitura e o amor ao outro, trabalhando para dirimir todas as desigualdades, independente de raça, raça, idade, sexo e situação econômica, como preconiza a Agenda 2030 da ONU, da qual o Brasil é signatário. Criamos uma ação chamada Leitor do mês para incentivar os empréstimos dos livros. A leitora do mês de março de 2019, que não era nossa aluna, foi uma moradora da comunidade que começou a frequentar a biblioteca nas férias de janeiro do mesmo ano, quando abrimos a Biblioteca Paulo Coelho à comunidade, o que demonstra que nosso trabalho está gerando os frutos que desejávamos. Aluna de uma escola pública, cursando a 6ª Série, retirou em empréstimo 38 livros durante o mês. Ela gostava muito do escritor Augusto Cury, cujas obras ainda não tínhamos, mas que conseguimos disponibilizar online, fazendo com que ela viesse, frequentemente, ler em nossos computadores. Hoje em dia existe o acervo físico desse autor, que é leitura frequente de um dos nossos funcionários do apoio.

A Biblioteca oferece o serviço de empréstimo domiciliar, através do Gerenciador de acervos da Biblioteca Nacional (BNWEB). Para o acesso à *internet*, dispomos de dois microcomputadores em que nossos usuários acessam jogos que foram criados por nossos voluntários e, também, os jogos comerciais livres, utilizam a pesquisa online, assistem *YouTube* e ouvem música alta e dançam.

Figura 4 – Atividade de pesquisa online na Biblioteca Paulo Coelho.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Em horário predeterminado, nossas crianças assistem filmes das centenas de DVDs que ganhamos. Os alunos adolescentes utilizam muito o DVD e a televisão. Temos muitas almofadas coloridas no espaço que é muito confortável ao qual chamamos de “cantinho do ócio”.

Figura 5 – Sessão de Cinema na Biblioteca Paulo Coelho.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Orientamos no comportamento diferenciado a cada tipo de biblioteca, sobre o silêncio e respeito aos outros leitores, explicando o porquê nas bibliotecas que têm espaços lúdicos como a nossa podemos falar, rir, dançar e ler, criando a ideia de que a biblioteca é um espaço de cultura, de pesquisa e de lazer, aumentando, assim, os empréstimos e a leitura na própria biblioteca.

A Biblioteca é de livre acesso, assim, nossos frequentadores podem fazer uso tanto do acervo, quanto das atividades lúdicas oferecidas por meio de vários jogos de mesa, como Gamão e Xadrez, por exemplo, que são os mais procurados pelos adolescentes. Para a organização e reposição dos DVDs, jogos e livros a biblioteca conta com a ajuda imprescindível dos voluntários externos e do programa de aluno solidário, que consiste na cessão de atribuir 10 horas complementares aos alunos que integram à equipe da instituição, e trabalho voluntário. Esta ação, além de nos ajudar, contribui para a formação humanitária desses jovens que aprendem, na prática, o significado do termo solidariedade.

A coordenação pedagógica incluiu a biblioteca nas reuniões e grupos de *Whatsapp*, desde o ensino fundamental ao ensino médio, além da participação no grupo de pais, como forma de integração escola, comunidade e biblioteca. 80 professores utilizam o acervo normalmente, além da Administração do Solar que busca livros de pedagogia, de literatura e outras fontes de informação. Contamos com mais de dez pais da comunidade cadastrados como leitores, avós que ministram evangelização no Solar e que utilizam nosso acervo.

Figura 6 – Usuário da comunidade de Copacabana na Biblioteca Paulo Coelho.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Criamos o Clube de Leitura, semanal e direcionado ao Ensino Médio, através de um voluntário que é artista plástico. Tivemos a ideia de trabalhar os livros sugeridos pela UERJ para o ENEM de 2019. O primeiro livro trabalhado foi “Hora de Alimentar Serpentes” da Marina Colasanti. A primeira visita de um autor presente na biblioteca foi justamente a Marina, que aceitou nosso convite e veio falar com nossos jovens sobre sua obra no mês de maio de 2019.

Figura 7 - Primeira ação do Clube de Leitura em 2019.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Torna-se relevante frisar que, aos poucos, nosso espaço passou a ser conhecido e frequentado por algumas pessoas ilustres, como a Cantora Anitta, a qual participou das nossas atividades com nosso público-alvo.

Figura 8 – Cantora Anitta visitando a Biblioteca Paulo Coelho em 2018.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Quando o mundo se tornou vítima da COVID-19, assim como as demais bibliotecas, a nossa foi obrigada a fechar as portas, em prol da segurança da equipe e dos nossos usuários. Contudo, o espírito solidário não foi fechado, conforme descrito a seguir.

## AÇÕES QUE ESTÃO FAZENDO DURANTE A PANDEMIA

Como mencionado, devido a Pandemia, o Solar Meninos de Luz fechou suas portas, em respeito ao isolamento social proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), inviabilizando o acesso dos alunos e da Comunidade à Biblioteca, mas se partiu do dever de fechar as portas para o uso, mas abri-las para a saúde e a vida.

Trabalhando em *home Office* desde março de 2020, a biblioteca passou a executar as tarefas remotamente, proporcionando contação de histórias em vídeos. Esta ação acontecia semanalmente para o Ensino Básico (creche e pré-escola) e para os alunos do Ensino Fundamental I e II.

Dentro desse novo contexto, passamos a utilizar diferentes formas de livros, desde os livros transformados em histórias contadas (*audiobooks*) até os *e-books* que “são publicações digitais ou livros eletrônicos e estão disponíveis na *web* em vários formatos que podem ser descarregados para o computador através de *downloads*” (MESQUITA; CONDE, 2008, p.3).

Uma outra ferramenta que utilizamos são os vídeos mobiles temáticos, onde é ativada nas datas comemorativas, como no Dia Nacional do Livro (aniversário de Monteiro Lobato), no Aniversário de Paulo Coelho (Patrono da Biblioteca) e, recentemente, para o dia da Amazônia. Esses vídeos foram disponibilizados através de grupo de *WhatsApp* e nas redes sociais do Solar (*Facebook* e *Instagram*). Divulgamos ainda, ludicamente, os cuidados essenciais para a prevenção da Covid-19, observando que

A pandemia tem proporcionado uma nova arquitetura social; e, com isso, o serviço de biblioteca tem se inserido num contexto de interação todos para todos [...]. Além disso, o conteúdo disponibilizado necessita de uma mediação pedagógica, pois a biblioteca se insere num projeto de escola e contribui para suas práticas pedagógicas. (SALDANHA; LOCATELLI, 2020, p. 9).

Em maio de 2020, iniciamos, com a colaboração da escritora infantojuvenil Anna Cláudia Ramos, nas suas redes sociais, a arrecadação de livros novos para o Solar e, assim, a Biblioteca passou a distribuí-los nas cestas básicas que são doadas pelo Solar para as famílias dos alunos e comunidade neste tempo de Pandemia.

Figura 9 - Distribuição das Cestas Básicas e Livros



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Essa ação gerou reflexos positivos nas famílias. Um exemplo marcante, foi o vídeo postado por uma de nossas mães, no grupo de WhatsApp dos pais, no qual a bibliotecária interage. Neste vídeo, ela mostra que, a partir do livro que ganhou na Cesta Básica, fez em sua casa o “Cantinho da Leitura”. Detalhe, essa mãe foi nossa aluna do Solar e, hoje, é leitora da Biblioteca do Solar, cujo filho, com esse exemplo familiar, certamente, tornar-se-á leitor assíduo e, portanto, mais preparado para enfrentar, de forma crítica, o cotidiano que enfrentará no futuro. A partir de exemplos como este é que a equipe da Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho passa a fortalecer a convicção de que estão fazendo corretamente seu trabalho e tornando este espaço, cumpridor de seu papel social.

Importante frisar que o Solar continuou a ministrar aulas *online*, através do *Google Classroom* e dos aplicativos que possibilitam aulas remotas, em um trabalho “hercúleo” e de extrema qualidade no acompanhamento, passo a passo, a cada aluno (família), o que facilitou a inserção da biblioteca, que adaptou suas rotinas com grande sucesso.

O trabalho conjunto entre bibliotecária e professores, compartilhando angústias e anseios, com a finalidade de alcançar propósitos definidos, anteriormente, à realidade da Pandemia, resulta em atividades criativas e eficazes, mesmo diante de tantas adversidades, como as precárias condições tecnológicas (computadores, celulares, *internet*, *softwares*) em ambiente de favela, no estado do Rio de Janeiro.

Acreditamos que a maior utilização do livro eletrônico na Biblioteca do Solar, deverá contribuir para diminuição das desigualdades, bem como que, com o compartilhando de literatura e afeto, através da contação de histórias levará ao conhecimento, fazendo com que todos saibam que é possível tornar esse sonho em realidade.

Ademais, o tempo de pandemia serviu para entendermos da importância das nossas ações, pois em decorrência do nosso trabalho, a Biblioteca Comunitária e Escolar Paulo Coelho foi convidada para participar de *lives*, com o objetivo de divulgar suas ações. Dentre tais ações, citamos a realizada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio da Profa. Leila de Faria, bem como do Grupo de Pesquisa em Informação e Comunicação (GRUPIC), por meio da Profa. Guilhermina Terra.

Figura 10 – Participação da Biblioteca Paulo Coelho em eventos *online*.



Fonte: SOLAR MENINOS DE LUZ (2020).

Sem dúvida essas *lives* demonstram, em definitivo, que a equipe da biblioteca do Solar Meninos de Luz vem cumprindo seu papel social junto à comunidade do Pavão/Pavãozinho e Cantagalo. Esperamos poder contribuir com as demais instituições que, assim como nós, possuem uma bela função perante a sociedade.

## REFERÊNCIAS

IFLA. Federación Internacional de Asociaciones de Bibliotecarios y Bibliotecas. Carpeta de herramientas: Las bibliotecas y la implementación de la Agenda 2030 de la ONU. **Las bibliotecas y la implementación de la Agenda 2030 de la ONU**: Programa de Acción para el Desarrollo a través de las Bibliotecas (IFLA/ALP). Disponível em: [http://www.fesabid.org/sites/default/files/repositorio/2015\\_bibliote-casyagenda2030.pdf](http://www.fesabid.org/sites/default/files/repositorio/2015_bibliote-casyagenda2030.pdf). Acesso em: 8 jul. 2020.

MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. **A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Teresina: UES-PI, 2008.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

REYES, Yolanda. **Mediadores de leitura**. Glossário CEALE, Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2010. Trad. Elizabeth Guzzo de Almeida. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SALDANHA, Patrícia; LOCATELLI, Ederson Luiz. Transformação Digital de Bibliotecas Escolares: Do Local para a Rede Online. In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 5., 2020, Evento Online. **Anais** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020.p. 540-549. DOI: <https://doi.org/10.5753/ctrl.2020.11432>.

SOLAR MENINOS DE LUZ. Biblioteca Comunitária Paulo Coelho. 2020. Disponível em: <https://www.meninosdeluz.org.br/biblioteca-comunitaria-paulo-coelho/>. Acesso em: 20 dez. 2020

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Eliana da Silva Rodrigues**

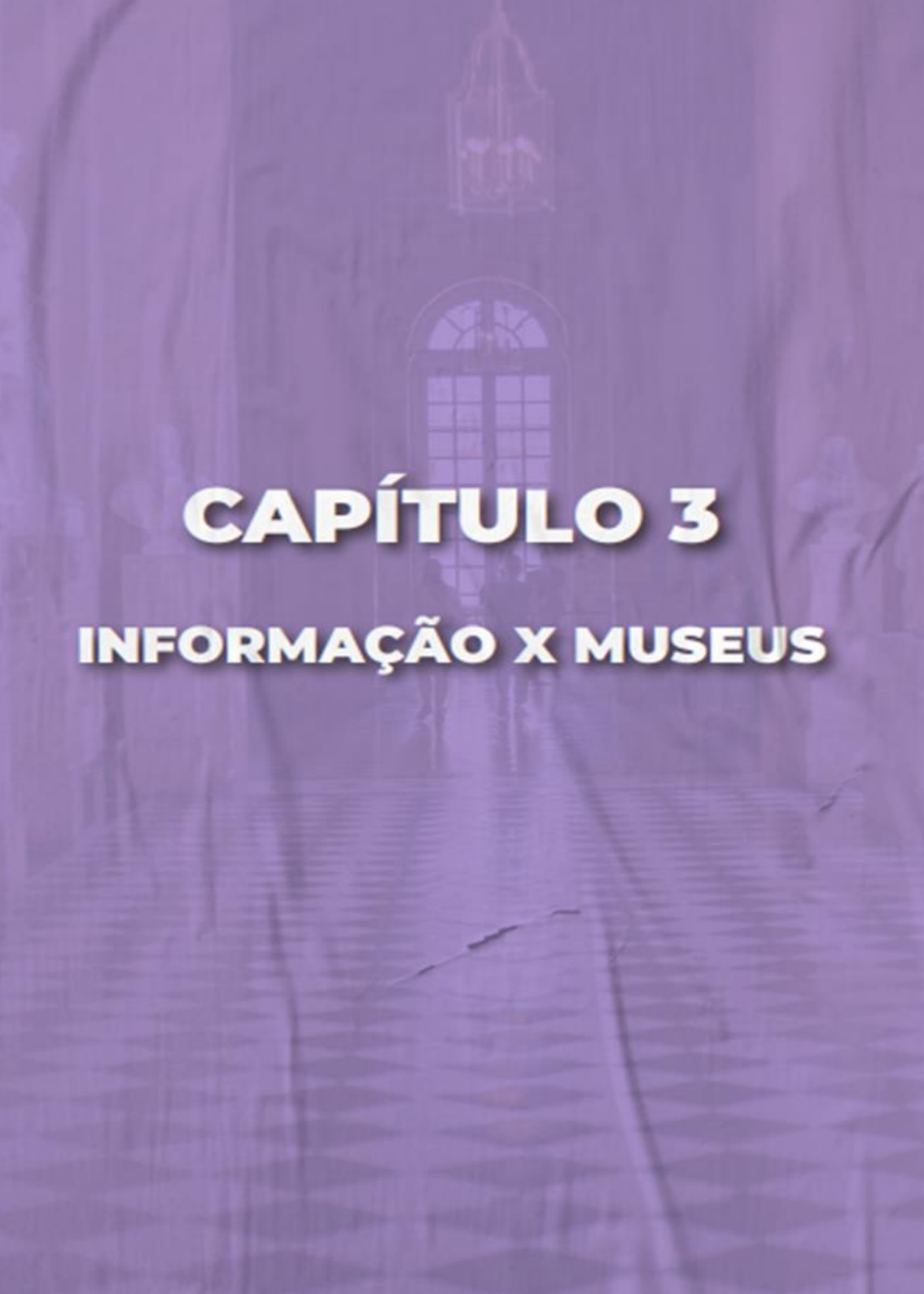
Possui graduação em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Bibliotecária do Solar Meninos de Luz – Rio de Janeiro/RJ.

### **Phamela Lima Torres**

Graduada em Biblioteconomia. Especialista em Gestão de Bibliotecas Escolares, ambos pela Universidade Federal do Amazonas.

Bibliotecária da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED).



# **CAPÍTULO 3**

## **INFORMAÇÃO X MUSEUS**

### 3.1 O PAPEL SOCIAL DOS MUSEUS E A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Simone Flores Monteiro  
Guilhermina de Melo Terra

#### INTRODUÇÃO

O mundo enfrenta acerca de 1 ano a pandemia do novo coronavírus<sup>5</sup>, momento que assola inúmeros países e suas comunidades. Estamos cercados por um vírus altamente transmissível e complexo, que sobrecarrega os sistemas de saúde em várias partes do mundo, gerando sofrimento, angústias e crises econômicas.

Na tentativa de conter o vírus, os órgãos de saúde recomendam, maciçamente, o isolamento social como uma das principais estratégia de contenção da pandemia, o que tem gerado um quadro ainda mais evidente e preocupante em torno das desigualdades sociais. Em meio a tantas incertezas e problemas, observa-se, também, a urgente necessidade da atuação dos espaços voltados ao fortalecimento e à construção social e, nesse perfil, encontram-se inseridos os museus, pois estes representam espaços de intervenção social nas comunidades e, portanto, necessitam atuar como locais voltados para o fortalecimento do desenvolvimento de uma sociedade sustentável, haja vista que

[...] o museu deve ser uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; o museu deve contribuir para levar essas comunidades a agir [...]. (ARAÚJO, 2004, p.4).

---

<sup>5</sup>Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. Atualmente, seu nome está sendo associado à pandemia de COVID-19 - doença causada por uma nova espécie de coronavírus, o SARS-CoV-2, cujos sintomas variam desde manifestações leves, como perda de olfato e paladar, até quadros mais graves, que provocam falta de ar e podem levar à morte.

Segundo a autora, enquanto organização, os espaços museais não podem ser concebidos como locais para a comunidade e, sim, com a comunidade, pois somente desta forma é que, de fato, a “sociedade” supracitada se tornará parte integrante das ações desses espaços. Nesta perspectiva, o desenvolvimento do meio deve ser integrado à missão organizacional dos museus, independentemente de sua natureza, como enfatiza Terra (2013).

Cabe salientar que esta necessidade foi apresentada na década de 70, com a criação da *Museologia Social*, também conhecida como *Sociomuseologia*, portanto, não representa algo novo para o contexto museal. Todavia, faz-se necessário intensificar as reflexões sobre o papel social dos museus, uma vez que ainda é notado o olhar para as coleções e não para sociedade, sobretudo no contexto pandêmico, o qual exige que os museus assumam, mais intensamente, posturas proativas. Por esta razão, este manuscrito visa contribuir com o processo reflexivo acerca da participação dos museus na atual realidade da sociedade, por meio do diálogo envolvendo as teorias e práticas que envolvem as questões do papel social dos museus frente à pandemia, bem como na pós pandemia.

## **REFLETINDO O PAPEL SOCIAL DOS MUSEUS**

Em 2020, durante a pandemia mundial, período em que as sociedades sofrem a ameaça de um vírus que abala a saúde, a economia, a política, a cultura, deixando ainda mais evidentes as desigualdades sociais, o momento em que os museus fecham as portas e ficam distantes de seus públicos, somos provocados a refletir, mais intensamente, sobre o papel social dos museus.

O caminho escolhido para esse exercício, inicialmente, é o de recordar. Trazer de volta à memória, alguns legados do fazer museológico, tais como o da *Mesa Redonda de Santiago do Chile*<sup>6</sup>, que ocorreu em 1972, um dos mais importantes eventos internacionais que marcaram a história da Museologia e que abordou vários debates em torno de questões políticas, deveres e responsabilidade social, tendo como principal foco a forma de se pensar a Museologia na América Latina. Porque ao acolher os ricos legados como estes é possível estudar, discutir, melhorar e projetar um futuro na perspectiva de uma ação transformadora, como foi a proposta do respectivo evento.

Para essa caminhada de reflexão, algumas ideias essenciais que se revelaram em 72, são aqui lembradas. Entre elas, a proposição do museu integral, aquele que leva em conta a totalidade dos problemas da sociedade, aquele museu que opera acervos, patrimônios, memórias, fazeres e saberes de modo unificado, que não fragmenta, mas que trabalha as partes na compreensão do todo.

Diante o exposto, afirma-se que o museu só conseguirá trabalhar desta forma à medida que compreender os visitantes como sendo sua razão de ser, bem como a partir do momento em que atuar enquanto uma organização aberta, ou seja, enquanto uma organização envolvida ao meio em que é parte envolvente. Isto implica frisar que o espaço museal não pode, simplesmente, deixar suas portas abertas à espera dos visitantes, pelo contrário

---

<sup>6</sup> Realizado em maio de 1972, o evento reuniu especialistas e dos países latino-americanos, como Argentina, Uruguai, Bolívia, Panamá entre outros (IBRAM, 2012).

[...] todas as actividades são levadas a cabo em função desse mesmo cidadão: a conservação, a investigação e o desenvolvimento das colecções; as exposições; a divulgação dos conhecimentos; as actividades culturais e educativas; elas só ganham pleno significado quando são ou se transformam em informação que é comunicada e entendida pelo público, na sua diversidade. (GARCIA, 2003, p. 74).

Posto isto, uma organização que atua enquanto sistema aberto, corresponde aquele espaço em que estabelece uma relação e interrelação com o meio em que faz parte, isto é, volta-se para o seu entorno, com vistas a contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas que residem ao seu redor, além de continuar com as práticas tradicionais, no caso dos museus, as atividades voltadas para os visitantes nacionais e internacionais. Para tal, considera-se que:

Que a transformação das atividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis pelos museus assim como das estruturas das quais eles dependem; que, de outro lado, o museu integral necessitará, a título permanente ou provisório, da ajuda de especialistas de diferentes disciplinas e de especialistas de ciências sociais. (PRIMO, 1999, p. 3).

Dado o momento que a sociedade vive, tal assertiva torna-se um propósito, extremamente, atual e necessário diante dessa pandemia, em que muitos aspectos históricos, geográficos, comportamentais, científicos, econômicos estão envolvidos e são importantes para que a sociedade possa compreender o seu compromisso como um todo interligado. Esta perspectiva coloca o museu como espaço de memória e de discussão da sociedade, aberto às demandas que emanam das problemáticas sociais.

O museu ação, um conceito herdado da Mesa de Santiago, projeta o museu como instrumento dinâmico de mudança social, como

afirma Varine (2012, p. 144) “Patrimônio global a ser gerido em prol dos interesses do homem e de todos os homens”. A exemplo desse conceito, temos as ações educativas em museus, que relacionam ações de leitura, significação e apropriação de objetos museais com a finalidade de permitir aos visitantes uma leitura de mundo, que venha a promover transformações sociais.

Por esta razão, o processo comunicacional a ser trabalhado pelos museus necessitam conceber os visitantes não apenas como receptores passivos. Pelo contrário, os visitantes necessitam ser concebidos como sujeitos do processo comunicacional. Isto implica frisar que as programações e discursos museais necessitam refletir as necessidades culturais dos grupos sociais, cujas ações se destinam, pois somente desta forma é que ocorrerá o envolvimento do visitante com a ação proposta, tornando-se real o processo dialógico entre os sujeitos (museu e visitante), no sentido de contribuir com a ampliação da leitura de mundo, por parte dos visitantes, os quais passarão a olhar o mundo com um novo olhar e, portanto, agir sob este mundo de forma mais consciente, o que corresponde à transformação social defendida pela Museologia Social.

Nesta perspectiva, a discussão de 72 continua sendo uma inspiração para o contexto museal de hoje e, talvez para sempre, pois representa um momento de tomada de posição, no qual nos mostra que os museus estão sempre em processos para se adaptarem às necessidades do tempo e do lugar que estão inseridos. Por isso que, para Santos (apud NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2012), a Mesa Redonda de Santiago foi um marco da voz dos museus no mundo.

Corroborando com a autora, afirmamos que, sem dúvida, o ano de 1972 representou o momento crucial para o contexto museológico, no que se concerne à democratização dos museus, à atuação desses

espaços de forma integrada ao meio, ao cumprimento do seu papel social. Partindo deste contexto, nossa reflexão apresenta o seguinte questionamento: O que o encontro de Santiago inspira nesse momento de pandemia e pós pandemia?

Desde então até a atualidade, os muitos diálogos possibilitaram um outro olhar na forma de pensar os museus, colocando-os como agentes no desenvolvimento comunitário. Cabe salientar, também, que tais diálogos possibilitaram, também, a ideia de transformação do fazer museal em prol da mudança social, por meio de projetos e ações comprometidos com as realidades, na perspectiva que memória e conhecimento contribuam para a formação de pessoas com pensamento crítico.

Dentre eles, podemos mencionar a *Nova Museologia*, movimento teórico e metodológico que teve origem na década de 70 e defende o papel social dos museus, no qual o homem passa a ser o centro de todas as ações museais e não mais as coleções. Não estamos afirmando que os visitantes são mais importantes e que as coleções não possuem importância para a prática museológica. Pelo contrário, sem as coleções, o cumprimento do papel social se tornaria impossível.

O que estamos afirmando é que a atividade-fim corresponde à transformação social do homem, sendo necessário para isso, trabalhar a coleção e o discurso como atividade-meio, ou seja,

Agora, o museu necessita estar ao serviço da sociedade, contribuindo com a promoção do desenvolvimento da mesma, a partir de uma prática dialógica baseada na proposta sócio construtivista. Perante esta mudança, os visitantes deixam de ser entendidos como uma massa acrítica, passando a serem olhados como agentes ativos na construção de seus próprios conhecimentos. (TERRA, 2013, p. 31).

Melhor dizendo, as coleções deixam de ser o principal foco do museu, pois “os objetos apenas [terão] importância em razão do seu significado e da sua utilização” (ARPRIN, 2000, p. 32, tradução nossa), assim como os visitantes passam a assumir uma postura ativa, no processo de construção do conhecimento. Mas, tal fato só se tornará possível, à medida que os museus assumirem, verdadeiramente, um compromisso real com o desenvolvimento da sociedade.

Afirma-se isso, pois, caberão aos espaços museais se manterem em consonância com o contexto em que se encontram, isto é, necessitam conhecer tanto as necessidades culturais da comunidade que necessitam atender, quanto o seu processo linguístico, uma vez que os discursos e ações que serão oferecidas necessitam ser decodificadas pelos visitantes, pois somente desta forma é que ocorrerá o envolvimento esperado entre os sujeitos do processo. Isto implica destacar que, para cada grupo social, a equipe dos museus necessitará adaptar os discursos e não mais manter a prática padronizada, como se as necessidades dos visitantes fossem as mesmas.

Somente a partir do momento em que o visitante se enxergar no discurso e na ação proposta é que passará a se envolver e, de fato, construir o conhecimento. Por esta razão que, para Araújo (2012, p. 47), “[...] a *Nova Museologia* propôs-se a repensar o significado da própria instituição museu. Nessa visão, os museus deveriam envolver as comunidades locais no processo de tratar e cuidar de seu patrimônio”, sendo válido frisar que este patrimônio não corresponde apenas o prédio e as coleções. Partindo dessa perspectiva, a *Nova Museologia* propõe novos olhares acerca dos fazeres museológicos, por ela, as coleções passam a ser entendidas não mais como simples objetos, mas como patrimônio e relacionam-se com a função educadora do museu, estado ambos interrelacionados e comprometidos com a mis-

são de integrar a vida da comunidade a qual pertence.

Cabe aqui relembrar outro documento, a *Recomendação referente à proteção e promoção dos Museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade, publicada em 20 de novembro de 2015*<sup>7</sup>, esta apresenta uma série de considerações, afirmações e desafios ao fazer museal, destacamos aqui, especificamente, o desafio da função social dos museus de todas as partes do mundo. Segundo o documento:

Os estados membros são encorajados a apoiar a função social dos museus – da Declaração de Santiago – afirmando que, em todos os países é crescente a percepção de que os museus desempenham uma função chave na sociedade e constituem um fator de integração e coesão social. E, nesse sentido, podem ajudar as comunidades a enfrentar às profundas mudanças na sociedade, inclusive, as que levam a um aumento da desigualdade e à dissolução de laços sociais. (UNESCO, 2015, p. 5).

Tais questões são provocativas para o pensar e o fazer, diante dos desafios e desigualdades apresentados nesse cenário de pandemia, o que nos incita pensar em uma Museologia que seja capaz de ultrapassar os limites do fazer técnico e se lance aos desafios sociais, de forma definitiva, independentemente da natureza organizacional, pois muitos profissionais pensam que esta atuação se volta, apenas aos museus comunitários, não conseguindo compreender o real papel do espaço em que atuam perante a comunidade.

Defendemos o entendimento de que, com a pandemia, os museus e seus profissionais devem olhar para tais recomendações com mais atenção, no sentido de pensar sobre como os acervos, a me-

---

<sup>7</sup>Aprovada em 17 de novembro de 2015, durante a 38a Sessão da Conferência Geral da Unesco.

mória, as pesquisas, as exposições e demais atividades que poderão estar a oferecer à sociedade, com vistas à inclusão e, sobretudo, a transformação social dos visitantes que farão uso dos respectivos espaços.

A luz deste posicionamento, lançamos mais um documento, o qual contribuirá para os espaços museais internalizarem a reflexão trazida até aqui, no sentido de colocar em prática sua transformação, em prol do desenvolvimento do meio. Trata-se da *Declaração Córdoba*<sup>8</sup>, na qual retrata o museu como “um lugar de encontro que pode contribuir para uma cultura de paz, com voz e sem medo” (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MINOM-ICOM, 2017, p. 4). Essa assertiva destaca a função social do museu, que deve buscar continuamente a promoção, em seu espaço, da participação da sociedade, com vistas ao equilíbrio entre o pertencimento, relacionamento e a fraternidade entre as mais diversas culturas.

Defendemos, aqui, que motivados pela Declaração de Córdoba os museus necessitam contribuir com ações museológicas concretas para a defesa dos direitos humanos e da natureza. Em nível prático, citamos como exemplo, a prática desenvolvida pelo Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, durante uma de suas ações educativas. Tal ação apresentou como tema “aranhas e escorpiões”.

A temática foi escolhida não por acaso, mas pela necessidade para a proteção da comunidade. Durante o desenvolvimento da ação, uma professora que participou da capacitação na exposição sobre aranhas e escorpiões, pôde compreender o motivo do aparecimento

---

<sup>8</sup>Documento produzido durante XVIII Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), que ocorreu na cidade Córdoba, na Argentina, em 2017.

dos escorpiões no local da sua comunidade e, principalmente, aprender as orientações sobre como lidar com a situação de forma segura para as pessoas e, também, para a preservação do meio ambiente.

Em resposta à ação proposta pelo museu, constatamos que essa experiência repercutiu, positivamente, na comunidade, pois as pessoas passaram a saber lidar com diversas ações de proteção e cuidados, haja vista que sabemos o perigo que tais animais podem proporcionar aos seres humanos. Um outro exemplo a ser citado ocorreu entre as décadas de 60/70, no Anacostia Neighborhood Museum. Naquela época, a comunidade em torno do respectivo museu estava passando por um “[...] grave problema de ordem pública - a invasão de ratos - este museu promoveu uma exposição intitulada *The Rat: man’s invited affliction*, para trabalhar esta temática junto aos visitantes infantojuvenis” (SMITHSONIAN INSTITUTION ARCHIVES, 1969 *apud* TERRA, 2013, p. 52).

Uma atividade que pode parecer simples, nos casos supracitados, resultou em resultados transformadores para o contexto social, pois trouxe o conhecimento acerca de como se proteger, no primeiro caso, bem como na mudança de hábitos, no segundo caso, contribuindo, significativamente, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, cujas ações foram destinadas.

O que estamos querendo afirmar com esta reflexão? Que o cumprimento do papel social dos museus não exige ações extraordinárias, mas, ações que vão ao encontro da necessidade da comunidade, pois só assim a ação educativa dos espaços museais atingirá os impactos desejados, afinal, é para isso que os museus existem.

O Museu deve representar experiências individuais, coletivas e as relações com o meio ambiente, ou seja, trazer cada vez mais as discussões e conhecimentos para o âmbito do desenvolvimento e da

consciência sobre quem se é, sobre os outros, sobre o meio ambiente e a relação com esse. Nesta perspectiva, Leite (2019) aponta que o museu deve construir processos museológicos que permitam a criação e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre território e seus recursos, sobre memórias, sobre sociedades e sobre as relações.

Ou seja, os espaços museais necessitam ser capazes de estimular a percepção, análise e o pensamento crítico dos seus visitantes, promovendo ações que estejam articuladas com os desafios da comunidade, pois somente participando da realidade que o cerca é que se tornarão capazes de promover a construção da cidadania de forma efetiva, gerando, como proposto por Chagas (2006), o benefício de todos, colocando-se cada vez mais como agentes educativos, como veículos de participação, áreas de convergência dos saberes popular e erudito.

Não estamos afirmando que a mudança no clima e cultura organizacional é fácil de ocorrer, mas cabem aos gestores compreenderem qual é o papel social do museu, pois além dos desafios do fazer museológico contemporâneo para um equilíbrio a favor do planeta, da natureza e da humanidade, retomando-se Leite (2019), afirmamos que os museus necessitam atuar como espaços de inovação social, como mecanismos de aproximação entre diferentes públicos, de aproximação dos diversos setores da sociedade para, por meio do conhecimento e da realidade local, incrementar ações culturais no campo da economia, pensando na sustentabilidade que é responsabilidade de diferentes agentes sociais, governança pública, comunidades, gestores.

---

<sup>9</sup>O termo *cocriação* se refere a uma iniciativa de gestão, ou forma de estratégia econômica, que reúne diferentes partes com interesses em comum (organizações, grupos sociais etc.), a fim de produzir conjuntamente um resultado mutuamente valorizado.

A atuação em rede é uma alternativa para o enfrentamento das dificuldades e incertezas, pois propicia um espaço de encontro, de ligação e de relação. Na contemporaneidade, é comum observarmos a omissão do poder público em inúmeras questões de sua responsabilidade. Assim, o trabalho em rede possibilita o fortalecimento por meio das inúmeras conexões que proporcionam o conhecimento e o crescimento da sociedade. Os museus, ao atuarem em rede com a comunidade, lideranças, instituições entre outros, podem vir a multiplicar práticas e articulações afirmativas, cocriando<sup>9</sup> as ações educativas e patrimoniais, para que as comunidades conheçam suas histórias, memórias, a ciência, o patrimônio e que seja um direito cultural, como práticas de vida para a sociedade.

Nesse modelo é válido pensar redes como lugares de encontro, sejam físicos ou virtuais, a fim de criar e ligar ideias, processos, projetos, ações que contribuam para a atuação dos museus, junto às comunidades. Posicionando de forma estratégicas, os museus poderão passar a atuar enquanto instrumentos de fortalecimento de mecanismos e de participação na gestão pública.

É bem verdade que, atualmente, os museus se encontram enfraquecidos, quanto à participação nas ações da gestão pública. Por isso, mais do que nunca, torna-se necessário encontrar mecanismos de governança ou fortalecer mecanismos existentes diante de uma ordem social capitalista, a fim de atingirmos os possíveis caminhos de resistência cultural. No caso brasileiro, o fortalecimento do Sistema Brasileiro de Museus (SBM)<sup>10</sup>, faz-se necessário e iminente, pois é

---

<sup>10</sup>O SBM, criado pelo Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, tem como finalidade facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. Além disso, busca propiciar o fortalecimento e a criação dos sistemas regionais de museus, bem como propor a criação e o aperfeiçoamento de instrumentos legais para o melhor desempenho e desenvolvimento das instituições museológicas nacionais.

um dos poucos espaços na política pública voltado aos museus, no qual a sociedade tem representação, mas para tal, acreditamos ser preciso uma ampla reflexão, no sentido de reconstruir e desempenhar a missão para qual o SBM foi criado.

Trazendo para o contexto pós-pandemia, o que estamos passando hoje passará a fazer parte do mundo envelhecido, cabendo aos museus, portanto, guardar essa história, haja vista que Ogawa (2016, p.262) afirma que devemos “pensar no museu como local de repouso para esse mundo envelhecido [...]”, com vistas à valorização da vida. Sendo assim, no pós-pandemia o mundo envelhecido pode ser co-criado nos museus, preservando a ancestralidade, as memórias, os aprendizados, garantindo que as experiências e vivências anteriores sirvam de base para novos saberes e fazeres em que a ética, o respeito e o afeto permeiem as relações e gerações futuras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante ao atual cenário mundial de tantas incertezas, os museus necessitam estar atentos à busca de novos modelos, capazes de promover diálogos em prol das mudanças sociais, agindo, em seu cotidiano, como ferramentas de construção da consciência crítica e da solidariedade para com as comunidades que se destinam atender.

Há muito já não é mais possível se pensar um espaço museal limitado a um prédio, uma localização geografia ou coleções, porém o momento em que vivemos clama, urgentemente, por iniciativas e ações que aproximem conhecimentos, culturas, saberes e vivências. A palavra de ordem no mundo atual é empatia, principalmente, nos espaços de formação social como os museus. Nesta perspectiva, é

hora de pôr em prática todos os conceitos e discussões pré-existentes de como se fazer um “museu verdadeiramente social”.

Afirmarmos isso, pois, nesse momento, a solidariedade se torna uma das mais eficazes armas contra o aumento das desigualdades sociais, e o papel social dos museus é estar, ainda mais, junto à comunidade e de forma ativa neste cenário, caso contrário, qual o sentido da existência desses espaços? Caso contrário, os espaços museais perderão sua essência, restando-lhes, apenas, fechar suas portas.

Afinal, um espaço que tem como missão comunicar, educar, preservar e difundir a história do homem e da sociedade não pode se excluir ou estar à margem da realidade circunstanciada pelo novo corona vírus, pelo contrário, deve integrar-se aos desafios que surgem, diariamente, nas comunidades e que afetam a vida das pessoas. Durante o ano de 2020, observamos inúmeras iniciativas de museus que foram capazes de identificar como poderiam engajar-se em ações solidárias em benefício de suas comunidades. Por meio de parcerias, conseguiram atuar de forma direta no auxílio à comunidade, provando, assim, que é possível, real e palpável a construção de uma museologia comprometida com o papel social e participativa na transformação social.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Rev Elet PPG-PMUS UNIRIO**, v. 5, n. 2, p. 31-54, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/159/199>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ARAÚJO, Karin Fernandes. **Museus e sociedade**: por uma museologia social. São Paulo: ECA/USP, 2004.

ARPRIN, Roland. La révolution tranquille des musées. In JAUMAIN, Serge (ed.). **Les musées en mouvement**: nouvelles conceptions, nouveaux publics. Bruxelas: Universités Libre de Bruxelas, 2000.

CHAGAS, Mario de S. **Há uma gota de sangue em cada Museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mario de S. **Língua de fogo ou antes que o mundo acabe**. Rio de Janeiro: RTC Edições e Publicações, 2008.

CONFERENCIA INTERNACIONAL DE MINOM-ICOM (18. : 2017 : Córdoba, Argentina). **Declaração de Córdoba**. 2017. Disponível em: [http://www.minom-icom.net/files/minom\\_2017\\_-\\_declaracion\\_de\\_cordoba\\_-\\_esp-port-fr-ing\\_0.pdf](http://www.minom-icom.net/files/minom_2017_-_declaracion_de_cordoba_-_esp-port-fr-ing_0.pdf). Acesso em: 27 jun.2021.

GARCIA, Nuno Guina. **O museu entre a cultura e o mercado**: um equilíbrio instável. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2003.

LEITE, Pedro Pereira. Museologia nômade e economia solidária: Intervenções de educação popular patrimonial. **Lugar Comum**, n. 56, p. 96-112, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/42013141/Museologia\\_n%C3%B4made\\_e\\_economia\\_solid%C3%A1ria\\_Interven%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_educac%C3%A7%C3%A3o\\_popular\\_patrimonial](https://www.academia.edu/42013141/Museologia_n%C3%B4made_e_economia_solid%C3%A1ria_Interven%C3%A7%C3%B5es_de_educac%C3%A7%C3%A3o_popular_patrimonial). Acesso em: 02 mar. 2021.

MINHA VIDA. **O que é Novo coronavírus?**. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/novo-coronavirus>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OGAWA, Yoko. **O museu do silêncio**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

PAMUK, Orhan. **O Museu da Inocência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais: organização e apresentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, p. 95-104, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofo-na.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>. Acesso em: 27 jun. 2021.

SANTOS, Paula Assunção dos. A Mesa de Santiago para pensar o futuro. In: NASCIMENTO JUNIOR, J.; SANTOS, Paula Assunção dos; TRAMPE, Alan. (org.) **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos emn el mundo contempóraneo: Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972 – Volume I**. Brasília: Ibraminc; Prorama Ibrmuseos, 2012.

TERRA, Guilhermina de Melo. **Atuação do museu enquanto sistema aberto: uma realidade possível**. 2013. 372 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. 2013.

VARINE, Hugues de. Em torno da Mesa Redonda de Santiago. In: NASCIMENTO JUNIOR, J.; SANTOS, Paula Assunção dos; TRAMPE, Alan. (org.) **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos emn el mundo contempóraneo: Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972 – Volume I**. Brasília: Ibraminc; Prorama Ibrmuseos, 2012.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Simone Flores Monteiro**

Graduada em História, pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Sociedade, Economia e Política, pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Museologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Museologia, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Portugal). Coordenadora de Projetos do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

### **Guilhermina de Melo Terra**

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Católica Dom Bosco. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Pós-doutora em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora da Universidade Federal do Amazonas.

## **3.2 REVIVENDO MEMÓRIAS #EMCASA**

### **MINIMIZANDO O ISOLAMENTO SOCIAL COM UMA BOA PROSA**

Daniel Magnanelli de Araujo  
Thaís Lima Trindade

#### **INTRODUÇÃO**

Em 16 de março de 2020, a fim de prevenir a propagação do coronavírus, era anunciado que o Museu do Futebol, junto a todos os museus pertencentes à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, precisaria fechar suas portas para o público.

Sem ter ideia de quanto tempo duraria a pandemia e, por conseguinte, por quanto tempo o museu ficaria fechado, foram realizadas reuniões emergenciais com a equipe para idealizar possíveis ações para que o museu permanecesse desenvolvendo sua função social com seu público, quando era percebida uma maior necessidade de preservar a reflexão, o diálogo e, principalmente, os laços afetivos.

Pensando nisso, o Núcleo Educativo desenvolveu o Revivendo Memórias #EmCasa, um projeto para a realização de encontros online com pessoas idosas, pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade social. Para os encontros, realizados por videochamadas, os educadores do Museu do Futebol desenvolvem roteiros personalizados de acordo com o perfil e os interesses trazidos pelos participantes ou responsáveis no momento do agendamento.

Mesmo com o museu reabrindo para o público em 15 de outubro de 2020, o Revivendo Memórias #EmCasa foi mantido, pois era sabido que os educadores poderiam chegar a pessoas que, mesmo

em situações normais, não iriam ao Museu do Futebol por fatores como distância, limitações físicas, condições econômicas ou mesmo afinidade com o conteúdo.

Este artigo tem como objetivo compartilhar os processos e as experiências de um projeto que nasce provocado pelo contexto de uma das piores crises sanitárias mundiais e aliado a um olhar para as necessidades básicas do ser humano quando se trata do convívio social: pertencer e se relacionar com pessoas!

## **HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO**

Inaugurado em 29 de setembro de 2008 e localizado no avesso das arquibancadas do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, popularmente conhecido como Estádio do Pacaembu, o Museu do Futebol possui uma exposição de longa duração com cerca de 6.000 m<sup>2</sup> que narra a relação do futebol com a história e a cultura do país de maneira interativa.

Com a premissa de ser um museu para todos, a escolha do Estádio do Pacaembu não parte apenas por estar localizado em uma região central da cidade de São Paulo, mas também pelo vínculo afetivo e as memórias que o estádio, fundado em 1940, traz enquanto patrimônio cultural e esportivo, não se limitando aos torcedores e interessados por futebol.



Fonte: MUSEU DO FUTEBOL (2021).

A exposição principal do museu, distribuída em um percurso único com 15 salas, instiga os visitantes a ter um olhar leve e, ao mesmo tempo, reflexivo sobre a história do futebol e do Brasil. Por outro lado, a proposta da curadoria para cada sala proporciona uma sensação de pertencimento, visto que muitas memórias, sejam elas individuais ou coletivas, são despertadas pelas imagens, vídeos, áudios e pelo próprio projeto expográfico.

Primeiro museu do Estado de São Paulo a ser planejado para ser totalmente acessível, o Museu do Futebol oferece em sua expografia, conteúdos e linguagem que atendem a uma preocupação de propiciar experiências para o maior número de pessoas, independentemente das condições físicas, intelectuais e sociais. A fim de romper as barreiras invisíveis, o museu conta com projetos e formação continuada a seus profissionais para que estejam capacitados ao atendimento humanizado e atento às diferenças. Dentre os projetos, po-

demos citar o Museu Amigo do Idoso, o Aproximações e o premiado Deficiente Residente, que serão tratados mais adiante. Por considerar que ser acessível, também é levar em conta aspectos socioeconômicos de nossa sociedade, o museu tem uma política de isenção de ingresso para pessoas com deficiências - estendida ao acompanhante - para escolas públicas, instituições sociais sem fins lucrativos, entre outros.

Em 2013, foi inaugurado o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), que tem como principais objetivos pesquisar, documentar e preservar a história e memória do futebol no Brasil, além de gerenciar um dos maiores acervos públicos especializados com livros, periódicos e midiateca da América Latina.

Para aprofundar as discussões que permeiam assuntos direta e indiretamente ligados ao futebol, o museu conta com uma vasta programação cultural para variados perfis de público. De palestras e mesas redondas, a ações em datas comemorativas como Festa Junina, Carnaval e um espaço de atividades e recreação no período de férias escolares - Férias no Museu -, o museu oferece uma série de possibilidades para que o visitante identifique o equipamento cultural como espaço de uso contínuo.

Para incentivar o público a retornar com uma maior frequência, o museu tem, em sua história, a realização de exposições temporárias que complementam e aprofundam alguns dos conteúdos presentes no acervo e/ou que estão sendo discutidos em uma esfera social. Como exemplo, a exposição “Pelé 80 - O Rei do Futebol”, homenageando o atleta do século e “Contra-Ataque! As Mulheres do Futebol”, que trouxe a história e as reflexões sobre o futebol feminino e a presença da mulher dentro e fora de campo.

## AÇÕES E PROJETOS DESENVOLVIDOS ANTES DA PANDEMIA

O Núcleo Educativo do Museu do Futebol é responsável pela mediação do acervo e transposição de linguagem para estimular o público ao diálogo, a reflexões voltadas ao futebol e sua relação com temas transversais presentes na sociedade de maneira interdisciplinar. Com uma equipe de formação multidisciplinar, o núcleo é responsável por acolher os visitantes de forma humanizada e acessível, propondo diversos olhares para o acervo do museu a partir de visitas mediadas, atividades, jogos, oficinas, entre outras maneiras de abordagem educativa sobre assuntos propostos pela equipe e pelo público.

Fazem parte do público atendido pelo Núcleo Educativo: estudantes, professores, famílias, profissionais de diversos segmentos, turistas, idosos, pessoas em situação de vulnerabilidade social, pessoas com deficiência, estrangeiros, entre outros. E, para a mediação entre o acervo e o público, são desenvolvidos ações e projetos que promovem a inclusão social, trazendo para o Museu grupos sociais diversificados, marginalizados e com maior dificuldade no acesso aos equipamentos culturais. Dentre os projetos estruturados e gerenciados pelo Núcleo Educativo, destacam-se:

- Projeto Deficiente Residente: com o objetivo de qualificar a equipe e os recursos de acessibilidade do museu, a partir da imersão na convivência com pessoas com deficiência, periodicamente são contratadas uma ou duas pessoas para trabalhar, não apenas como consultores, mas como parte integrante da equipe do museu. A fim de avaliar e pensar em melhorias “com” a pessoa com deficiência e não “para”, o projeto, iniciado em 2010, já contou com a residência de consultores para qualificar o atendimento em: deficiência visual,

intelectual, auditiva, física e saúde mental. Do desenvolvimento de atividades e propostas de mediação a ajustes na exposição de longa duração, o projeto contribui para que o Museu do Futebol seja para todos, respeitando as potencialidades e limitações físicas ou intelectuais de cada um.

- Projeto Museu Amigo do Idoso: o projeto segue a mesma estrutura e objetivos do Deficiente Residente, com foco no público acima de 60 anos. Para a primeira edição do projeto, em 2016, foram contratados dois idosos de perfis significativamente diferentes para uma maior representatividade e olhar reflexivo durante a imersão com a equipe do museu. Para exemplificar esta representatividade buscada para o projeto, enquanto um residente era do gênero masculino, engenheiro ainda no mercado de trabalho, frequentador de museus e morador de uma região nobre de São Paulo, a outra residente contratada era do gênero feminino, fazia trabalhos voluntários - o museu foi seu primeiro emprego remunerado - não tinha o hábito de frequentar espaços culturais e é moradora de uma cidade próxima à cidade de São Paulo, em uma região periférica. Durante o projeto, foram desenvolvidas, conjuntamente com os idosos, atividades educativas, avaliação para o público idoso sobre o museu e cartilha para formação de novos orientadores com olhar atento e humanizado para as possíveis demandas e necessidades do público acima de 60 anos.

- Projeto Aproximações: como o próprio nome do projeto traz, a intenção foi aproximar as pessoas aos espaços culturais, focando principalmente naqueles que se encontram excluídos por questões e barreiras sociais criadas ao longo da história dos museus. A equipe de educadores realizou uma série de encontros com pessoas em si-

tuação de vulnerabilidade social e trabalhadores informais que habitavam ou trabalhavam na Praça Charles Miller e no entorno do Estádio do Pacaembu, onde está localizado o Museu do Futebol. Muito além de trazer os participantes do projeto para uma visita ao museu, foi necessário um trabalho de escuta e de trocas para que se chegasse a uma compreensão de que eles pertenciam e tinham direito de acesso àquele espaço museal, assim como qualquer outra pessoa.

- Projeto Conviver: desenvolvido para os colaboradores do Museu do Futebol, tem como objetivo a consciência funcional a partir do diálogo, reflexão e, primordialmente, do afeto. As equipes do museu, contratadas e terceirizadas, são convidadas para encontros entre si e com outros núcleos para participar de momentos lúdicos e reflexivos que estimulam uma apropriação do local de trabalho e um olhar sobre o importante papel de cada indivíduo atuando dentro do museu.

- Espaço Dente de Leite: ainda que museus sejam espaços familiares, é comum presenciar que a expografia e o acervo dos museus não estimulam visitantes pertencentes à primeira infância. Pensando nisso, o Núcleo Educativo criou, dentro da exposição, uma área com trilha sonora, mobília, brinquedos e materiais artísticos exclusivamente voltados para crianças de, no máximo, 3 anos e seus responsáveis, a fim de estimular a interação e o vínculo destes em um espaço cultural.

## **AÇÕES E PROJETOS QUE FORAM DESENVOLVIDOS DURANTE A PANDEMIA**

Em março de 2020, com o anúncio de que o Museu do Futebol ficaria temporariamente fechado como forma de minimizar a propa-

gação da Covid-19, a gestão e a equipe do museu viram a necessidade de inovar e pensar em ações para o público, sem contar com o espaço físico do museu e com as relações presenciais que eram cotidianas durante as visitas ao museu. Estas atividades se davam pelos projetos educativos, pelas ações da programação cultural e pelas atividades do CRFB.

Com o esforço da gestão do museu em manter o quadro de funcionários em um cenário de incertezas econômicas, os regimes de trabalho foram reorganizados de modo que parte da equipe foi colocada em suspensão de contrato e outra parte em redução de jornada. Com isso, coube à equipe que permaneceu trabalhando representar os colegas que entraram em suspensão de contrato buscar soluções para fortalecer as missões do museu de preservar, investigar e comunicar o futebol de modo a levar os conteúdos e as discussões, antes realizadas no museu, para a casa das pessoas.

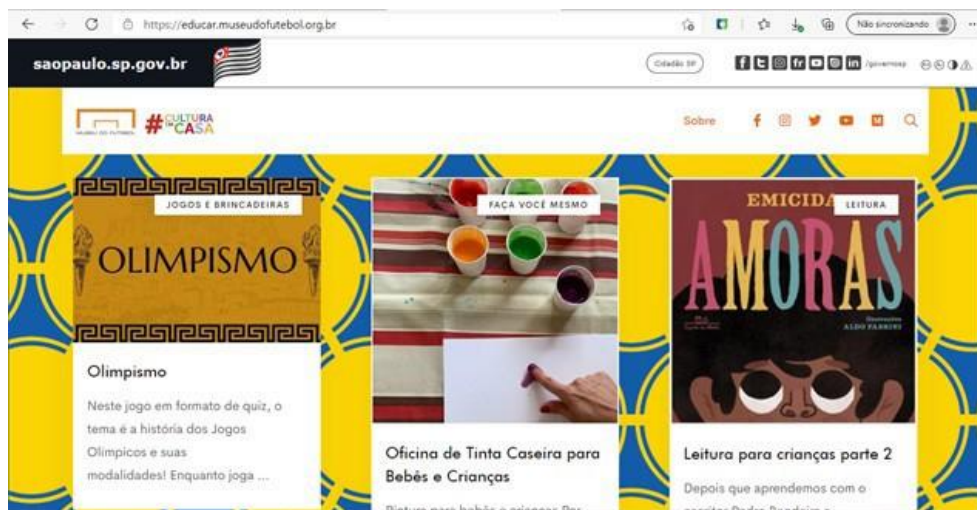
Como parte da campanha #CulturaEmCasa, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, uma das primeiras ações durante a pandemia foi a criação do hotsite<sup>11</sup> Educar Museu do Futebol. Desenvolvido para reunir um leque de conteúdo para todos os públicos e faixas etárias, o hotsite concentra jogos, oficinas, publicações e vídeos que proporcionam ao público momentos de reflexão, informação e diversão.

---

<sup>1</sup>Site temporário para uma ocasião específica, está associado à instituição, porém não se trata do site oficial.

<sup>2</sup>Plataforma de publicações híbridas, estilo blog.

Imagem 2 – Tela do hotsite Educar Museu do Futebol.



Fonte: MUSEU DO FUTEBOL (2021).

Para seguir com as discussões acerca de todas as formas de expressão do futebol, foi desenvolvida uma programação cultural com webinários, bate-papos virtuais, sessões de filmes e documentários com a participação de convidados para gerar debates nas redes sociais e seguir alimentando o público com conteúdos de qualidade.

Durante a pandemia, o Núcleo Educativo seguiu com algumas ações rotineiras como reuniões de equipe, pesquisas sobre o acervo e o público, além da escrita de posts educativos nas redes sociais que, no final de 2020, se tornariam publicações utilizando a plataforma *Medium*<sup>2</sup>. Por outro lado, a fim de se adequar às novas realidades sociais, a equipe de educadores se debruçou na criação de jogos, atividades e oficinas para o hotsite educar, citado anteriormente. Em alguns casos, jogos e atividades já existentes, oferecidos ao público durante a visita ao museu, foram reestruturados, tiveram sua jo-

gabilidade repensada e ganharam uma nova roupagem para serem acessados virtualmente.

Além disso, iniciamos o projeto Revivendo Memórias #EmCasa, que será aprofundado no tópico seguinte, promovendo o encontro entre educadores e idosos, pessoas com deficiência e em situação de vulnerabilidade social, a partir de instituições ou pelo contato direto dessas pessoas ou de parentes e responsáveis. E com o sucesso do projeto Revivendo Memórias #EmCasa, somado ao retorno das escolas que estavam em suspensão, iniciamos o projeto Interações Educativas, encontros on-line com instituições de ensino formal no âmbito nacional a fim de construir, por meio do diálogo e de propostas lúdico-pedagógicas, memórias e reflexões com os alunos a partir do acervo do museu por meio de videochamadas pelas plataformas Google Meet e Zoom.

## **REVIVENDO MEMÓRIAS #EMCASA**

A proposta do projeto Revivendo Memórias #EmCasa surgiu no início da pandemia, em meados de abril de 2020, a partir das experiências adquiridas durante o projeto Revivendo Memórias, ao longo de 2019, quando iniciamos uma parceria com a equipe do Núcleo de Neurologia Cognitiva e do Comportamento do Hospital das Clínicas, no atendimento presencial a pessoas com a doença de Alzheimer e com Comprometimento Cognitivo Leve (CCL).

Para uma melhor compreensão do projeto desenvolvido remotamente durante a pandemia, é importante compreender a essência e a proposta do projeto presencial. Neste projeto, um grupo de idosos com Alzheimer, acompanhados de seus familiares, cuidadores e médicos, se reunia no Museu do Futebol para uma visita mediada por

dois educadores, de modo a estimular as memórias dos participantes sobre sua vida e lembranças pessoais relacionando o acervo presente no museu, juntamente com materiais educativos previamente preparados de acordo com o perfil e os interesses dos participantes.

Imagem 3 – Projeto Revivendo Memórias realizado de forma presencial.



Fonte: MUSEU DO FUTEBOL (2020).

A fim de possibilitar o diálogo e a fala dos idosos, o grupo era formado por cerca de 10 idosos conjuntamente com seus familiares ou cuidadores, que participavam estimulando e auxiliando com histórias pessoais que conheciam. Para um melhor aproveitamento dos conteúdos do museu, a visita era dividida em cinco etapas:

- Acolhimento: momento em que o grupo se reunia em frente ao Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho - Estádio do Pacaembu, para uma conversa informal com os educadores, enquanto aguardava o restante do grupo. Momento em que algumas barreiras, preocupações, inseguranças e ansiedades eram minimizadas, na medida em que os idosos compreendiam que o objetivo da visita ao museu seria ter momentos prazerosos e leves.

- Biblioteca: No segundo momento, com o grupo completo, o grupo era encaminhado para a biblioteca do CRFB, para que todos pudessem se sentar para dialogar. Neste momento, era pedido que cada um se apresentasse, falando seu nome, seu time do coração, sua relação com o futebol e com o estádio do Pacaembu e com outros estádios. Em seguida, eram apresentadas algumas fotos de estádios, de times da seleção e de clubes em épocas vitoriosas e de grandes jogadores para que os idosos trouxessem suas memórias a partir daquelas imagens.

- Visita ao acervo: após este momento de respiro, apresentação e escuta, os idosos eram levados para uma visita para o museu, de modo que os educadores realizavam uma breve apresentação de algumas salas e direcionavam o olhar dos idosos para instigar a memória e a fala deles sobre o assunto.

- Atividade Encontre a Personalidade: na sala Copas do Mundo, área do museu com totens, imagens, vídeos e músicas que remetem às copas e ao contexto histórico, social e cultural de cada época. Os educadores realizavam a atividade “Encontre a Personalidade” com os idosos, utilizando cartas com imagens e breves biografias de várias personalidades presentes no acervo. Os idosos eram estimulados a

procurar as respectivas imagens e responder algumas pergunta-chaves: “Quem é esta pessoa?”, “O que conhece sobre ela?” e “Qual a relação desta pessoa com a sua vida?”. Dentre as celebridades selecionadas, havia pessoas de várias áreas, como por exemplo: os jogadores Pelé e Zagallo; os apresentadores Hebe Camargo e Silvio Santos; os atores Dercy Gonçalves e Os Trapalhões; os esportistas como Ayrton Senna e Hortência, entre outros.

- Fechamento: Para finalizar a visita, os idosos eram encaminhados novamente para a biblioteca do museu. Neste momento, os idosos eram estimulados a falar sobre as experiências que tiveram no museu, o que acharam da visita e o que mais chamou a atenção deles. Em seguida, para finalizar o encontro, os idosos eram convidados a uma atividade lúdica chamada “Escale sua Seleção”. Nela, as cartas das personalidades utilizadas na proposta anterior “Encontre a Personalidade” eram dispostas em uma mesa de futebol de botão para que cada idoso escolhesse uma ou duas personalidades para criar um time de futebol do grupo. Para colaborar com a escolha e o diálogo, os educadores utilizavam algumas pergunta-chaves como: “Em que posição jogaria?”, “Quais habilidades esta pessoa teria que o ajudaria no futebol?”, “Que outra função poderia desempenhar? Treinador, árbitro, presidente do clube?”. Como a proposta estimula olhares concretos para os jogadores presentes na atividade e olhares abstratos para as personalidades de outras áreas, os educadores conduzem a atividade de forma muito leve e lúdica, para que o encerramento do encontro remeta a um momento coletivo prazeroso.

Grande parte do sucesso do projeto Revivendo Memórias se deu pelo constante diálogo entre educadores e médicos antes e após os encontros, a fim de realizar ajustes na visita como um todo para uma melhor experiência dos idosos. Em uma construção conjunta, as

equipes traziam um olhar crítico sobre o roteiro, o conteúdo, a duração e os aspectos físicos, como uso dos bancos presentes no museu, a iluminação de salas escuras, a abertura e o fechamento da visita, sentados em cadeiras, entre outros.

Em 2020, o projeto Revivendo Memórias estava estruturado para ter início na segunda quinzena de março, momento em que a rápida propagação da Covid-19 desencadeou o cenário pandêmico e, com isso, o fechamento dos museus. Desta forma, surgiu a intenção de migrarmos a essência do Revivendo Memórias do presencial para o remoto, utilizando videochamadas para estimular a memória dos idosos e minimizar os impactos do isolamento social.

Para ampliar o leque de pessoas beneficiadas com o Revivendo Memórias #EmCasa, além de pessoas com doença de Alzheimer e CCL, o museu passou a divulgar o projeto para todos os idosos (inclusive sem Alzheimer), pessoas com deficiência, familiares e cuidadores, pessoas em situação de vulnerabilidade social e instituições que atendem estes públicos, como casas de repouso, centros de acolhida, abrigos e entidades sociais.

Os encontros são mediados pela equipe do Educativo do Museu do Futebol e, como principal objetivo está o estímulo às memórias afetivas dos participantes a partir do futebol e de outros assuntos presentes no acervo do museu, como músicas, novelas, filmes, entre tantos outros.

Para facilitar o acesso do público interessado, o projeto Revivendo Memórias #EmCasa ocorre por meio das plataformas Google Meet ou Zoom, havendo a possibilidade de a equipe utilizar outras plataformas de acordo com a facilidade e frequência de uso por parte dos participantes e das instituições. Como exemplo, já foram realizados encontros pelo Whatsapp Vídeo e mesmo por chamada telefônica.

ca, quando uma chamada de vídeo não foi possível por problemas de conexão. Além disso, o projeto conta com uma humanização da equipe durante os primeiros contatos, tendo em vista que muitos idosos não possuem familiarização com a tecnologia dessas plataformas.

Em grande parte dos encontros, a equipe se depara com idosos que estão participando de uma chamada de vídeo pela primeira vez, havendo necessidade de uma orientação sobre como instalar o aplicativo, como utilizar os botões para abrir e fechar câmera, microfone e desligar a conexão. Para auxiliar neste processo, o assistente administrativo responsável pelos agendamentos realiza as orientações por meio do diálogo ou de um documento tutorial com ilustrações e textos que auxiliavam o idoso durante todo o processo de instalação e utilização das ferramentas.

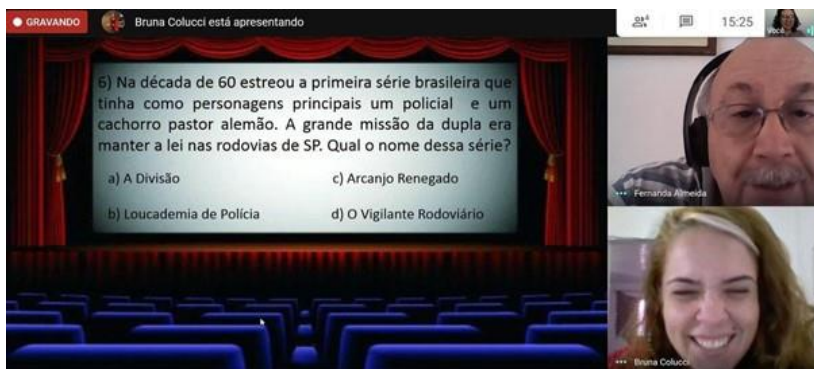
Para garantir a qualidade do projeto como um todo, desde o primeiro contato com a pessoa interessada até a documentação dos encontros, foram estabelecidas etapas estruturadas dentro de três momentos importantes: planejamento; encontro e pós-encontro.

Na fase de planejamento, o assistente administrativo é responsável pelo agendamento ativo e passivo dos participantes e instituições, de modo a colher dados importantes para um controle quantitativo sobre o perfil do público e dados importantes para a equipe de educadores conhecer um pouco mais sobre os participantes, levantando informações sobre idade, deficiências ou comprometimento físico e intelectual, gostos e hobbies, sugestão de temas e sua relação com o futebol. Também é corresponsável, junto à coordenação e supervisão, pela gestão dos dados quantitativos que, somados aos qualitativos, são muito importantes para a prestação de contas, ampliação do projeto e busca por parcerias. Semanalmente, a equipe de educadores se reúne para a distribuição dos atendimentos e para

uma troca de experiências sobre os atendimentos realizados na semana anterior, de modo a realizar um olhar crítico e pensar em novas possibilidades de propostas educativas para os encontros. Por fim, nesta fase de planejamento, são desenvolvidos roteiros personalizados para cada encontro.

Na fase do encontro com os participantes, os educadores realizam testes de conexão minutos antes do início do encontro e dialogam com os participantes, caso seja necessária alguma orientação técnica para o uso da plataforma. O encontro tem duração média de 1 hora, de acordo com a participação e interesse dos participantes, e conta com a participação de todos (educadores, participantes e acompanhantes), promovendo uma troca afetiva e um protagonismo ao participante. De maneira leve, os educadores trazem reflexões, interações e desafios lúdicos por meio de conversas, jogos, atividades, contações de histórias, entre outros. Ao final do encontro, o participante é estimulado a avaliar como foi o encontro e como se sentiu durante as propostas.

Imagem 4 – Vídeo chamada do Projeto Revivendo Memórias #EmCasa



Fonte: MUSEU DO FUTEBOL (2021).

Na fase pós-encontro, é o momento de documentação e verificação de um novo agendamento com o participante. Ao encerrar a participação, os educadores realizam uma avaliação qualitativa sobre as interações com o público agendado. Na semana em que ocorre o encontro, o assistente administrativo entra em contato com o participante, responsável, cuidador ou familiar para uma avaliação em forma de conversa, registrando como foi sua análise e, também, para a tentativa de garantir uma constância de participação no projeto, sabendo a importância de uma continuidade, a fim de preservar o contato social com outras pessoas e estimular a memória e a conversa sobre assuntos amenos durante a pandemia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Revivendo Memórias #EmCasa é, antes de qualquer definição técnica, um respiro para os tempos de pandemia. Em um cenário de isolamento social, de mudanças bruscas de rotinas e de muitas incertezas sobre o futuro que impactam em toda a humanidade e que, certamente, são potencializadas em pessoas idosas, o projeto foi idealizado para poder dialogar sobre as memórias e os gostos pessoais e para poder saborear desafios lúdicos e reflexivos sem qualquer expectativa ou obrigatoriedade. Em tempos de pandemia, o projeto estimula os participantes a viver o momento, compartilhando suas experiências de vida e trazendo à tona memórias que estavam guardadas e que, por vezes, nem os mais próximos tiveram acesso.

O projeto Revivendo Memórias #EmCasa proporciona à equipe de educadores do Museu do Futebol uma aproximação com pessoas que fazem parte do não público do museu: idosos que não se sentem pertencentes a um espaço cultural ou que encontram barreiras físicas e sociais que os impedem de estar em um museu fisicamente.

Para aqueles idosos que não frequentavam o museu por opção, as interações fazem brotar um genuíno interesse de entrar no Museu do Futebol, desde que acompanhados pelos educadores que participam dos encontros, para dar sequência ao contato que, antes, se dava apenas pelas telas do celular e do computador. Para aqueles que não frequentavam por outras barreiras, uma sensação de rompimento dos limites físicos possíveis com a tecnologia atual permite que se sintam dentro de um museu e possibilita que um grupo de jovens educadores entrem em suas casas, ainda que no imaginário de um universo virtual, para um café com bolo, sentados no sofá.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Amaury Costa; CARDOSO, Ialê; CONTINELLI, Marcelo. **Projeto Aproximações**: ampliando o potencial de inclusão do Museu do Futebol. 2017. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/projeto-aproxima%C3%A7%C3%B5es-ampliando-o-potencial-de-inclus%C3%A3o-do-museu-do-futebol-a054190c97f7>. Acesso em: 9 mar. de 2021.

CARDOSO, Ialê; CONTINELLI, Marcelo. **Projetos Educativos do Museu do Futebol**: experiências na acessibilidade e inclusão. 2018. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/projetos-educativos-do-museu-do-futebol-experi%C3%Aancias-na-acessibilidade-e-inclus%C3%A3o-205346b2ec26>. Acesso em: 6 mar. de 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **#culturaemcasa**. 2020. Disponível em: <https://educar.museudofutebol.org.br>. Acesso em: 4 jan. 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **#culturaemcasa**: sobre. 2020. Disponível em: <https://educar.museudofutebol.org.br/sobre/>. Acesso em: 10 mar. de 2021

MUSEU DO FUTEBOL. **Interação Educativa Online**. 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acesibilidade/reviven-do-memorias/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **Museu Amigo do Idoso**. 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acesibilidade/museu-amigo-do-idoso/>. Acesso em: 6 mar. de 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **Projeto Deficiente Residente**. 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acesibilidade/projeto-deficiente-residente/>. Acesso em: 6 mar. de 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. **Revivendo Memórias**. 2021. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acesibilidade/revivendo-memorias/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Daniel Magnanelli de Araujo**

Graduado em Educação Física, pela Universidade Bandeirante de São Paulo. Pós-graduado em Gestão de Negócios, pela União Business School. Supervisor Educativo do Museu do Futebol.

### **Thaís Lima Trindade**

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gestão de Arquivos Empresariais, Mestre em Ciências da Comunicação, ambos pela Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (PPGCINF/ UnB).

### **3.3 É POSSÍVEL UM MUSEU ATUAR ENQUANTO SISTEMA ABERTO?**

Eliene Dourado Bina  
Guilhermina de Melo Terra

#### **INTRODUÇÃO**

Quando se fala em atuação de museu, comumente, as pessoas pensam em algo voltado para a guarda de objetos que narram a história de uma determinada época histórica, passando a ser concebidos como lugares de “coisas velhas” e, portanto, sem graça. Tal fato ocorre, devido a prática de atuação voltada, exclusivamente, para as coleções e não para o público.

Com o objetivo dos espaços museais assumirem seu lugar na sociedade, enquanto instrumento de transformação social, na década de 70, tem-se o surgimento da Museologia Social, cujo foco passa a ser o público, a partir do uso das coleções. Isto implica frisar que as coleções não serão mais importantes, pelo contrário, por meio delas é que o papel social dos museus se tornaria possível.

A diferença passaria a ser o olhar museal, isto é, o seu foco de atuação, a partir da inclusão, na missão organizacional dessas instituições, o termo “desenvolvimento do meio”, com vistas a contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que residem, junto ao entorno dos respectivos museus.

Acrescido à Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, a Declaração de Quebec, em 1984, na década de 90, em nível de gestão, os arquivos, as bibliotecas e os museus passaram a ser instituições integradas ao Terceiro Setor da sociedade (TERRA, 2013). Isso implica frisar que ações dos espaços museais necessitam, mais

que nunca, estar voltadas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que fazem uso de tais espaços informacionais, haja vista que organizações do terceiro setor frisam, como lucro, a melhoria da qualidade de vida do público destinado a atender.

Nesta perspectiva, a prática defendida pela Nova Museologia ou Sociomuseologia ganha mais força, independentemente da natureza da organização museológica. Afirma-se isso, pois, muitos profissionais, ou pensam que a aplicabilidade da museologia social se destina às organizações mais inclinadas para âmbito social, ou pensam que se incorporar o desenvolvimento do meio na missão organização do museu em que atua, ele perderá a sua razão de ser, já que atua como um Museu de Arqueologia, por exemplo.

Na verdade, o espaço museal que passa a incorporar os princípios da museologia social em sua prática, tornar-se-á muito mais enriquecido, além de se transformar, em definitivo, patrimônio local para a população de seu entorno, uma vez que passará a ser utilizado como uma referência positiva para os moradores, como um suporte à formação pessoal e profissional, por se tornar um espaço de comunicação e aprendizagem.

Um exemplo de que tal fato é possível, volta-se à prática de alguns museus que, desde o surgimento da museologia social, novo paradigma da Museologia na época, já vem atuando de forma integrada à sociedade, de modo a atender as necessidades locais, a partir do diagnóstico de um problema e, por meio das ações ofertadas, orientações para solucionar tal problema começam a surgir, a fim de serem aplicadas no cotidiano da comunidade.

Assim como outros museus passaram a incorporar atividades

que, aparentemente, nunca poderiam ser desenvolvidas pelos museus. Como exemplo, citam-se: o *Philadelphia Museum of Art*, o qual passou a oferecer, às sextas feiras, espetáculos de jazz, assim como o *Museum of Modern Art* passou a oferecer aulas de yoga, no sentido de atrair novos visitantes, sem perder suas essências, como citado por Sozanski (2010).

Em nível nacional, várias organizações museológicas estão atuando de forma integrada. Mas, o ideal seria que todas as organizações assim atuassem, em prol do cumprimento do papel social que os museus necessitam estabelecer perante o meio em que fazem parte, pois como bem ilustrado por Rego (1999), o espaço museal, por fazer parte da sociedade, vista como um grande sistema, assim como acaba exercendo influência sobre o meio, acaba sendo influenciado por ele, a partir do processo dialógico estabelecido, direta ou indiretamente, pelos sujeitos que compõem este grande sistema.

Um exemplo de que a atuação de forma parceira com os demais grupos sociais que compõem a sociedade pode ser possível, neste capítulo, será apresentado a atuação, antes da pandemia, do Museu Eugênio Teixeira Leal/Fundação Econômico Miguel Calmon, localizado no centro histórico da cidade de Salvador, estado da Bahia, mais especificamente na comunidade do Pelourinho, região considerada, desde 1985, Patrimônio Mundial, pela UNESCO (IPHAN, 2014).

## MUSEU EUGÊNIO TEIXERA LEAL/FUNDAÇÃO ECONÔMICA MIGUEL CALMON (METL/FUMICA)

Inaugurado em 11 de dezembro de 1984, pelas mãos do Dr. Ângelo Calmon de Sá, como parte do programa comemorativo dos 150 anos do Banco Econômico S. A., o Museu Eugênio (ME), como carinhosamente é conhecido, foi instalado num casarão do século XIX, adquirido da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, no início da década dos anos 80.

Imagem 1 – Detalhes do METL/FUMICA.



Fonte: As autoras (2019)

Com o propósito de funcionar como um centro cultural a serviço da educação do Estado da Bahia, o prédio passou a abrigar não só um espaço museal, como também um arquivo, uma biblioteca, um cineteatro, duas salas para exposições temporárias e um espaço multiuso. Ademais, possui um acervo com mais de 5.000 peças, das quais se destacam, moedas, medalhas, condecorações nacionais e

estrangeiras, medalhas militares, mobiliário, pinturas, placas e troféus expostos em salas climatizadas (sendo importante frisar que este é o primeiro museu, na região do Pelourinho, a utilizar tal recurso), contando também de elevador, a fim de permitir o deslocamento do público com mobilidade reduzida.

Administrativamente, o ME é gerido pela Fundação Econômica Miguel Calmon, a partir do Conselho Consultivo, que por sua vez, é formado por mais três conselhos. Destes, cada um tem um objetivo particular em prol da manutenção, da organização e da fiscalização da Fundação, sendo assim, definido o Conselho Curador, o Conselho Diretor e o Conselho Fiscal.

Durante um bom tempo, o ME oferecia suas programações para um público seletivo, o qual possuía poder aquisitivo para frequentar, por exemplo, as sessões de cinema, cujos ingressos eram vendidos. Diante de tal prática, este espaço museal reforçou ainda mais sua imagem de “museu do dinheiro”, haja vista que mantém a coleção de numismática, cuja exposição permanente narra a história tanto do Banco Econômico, focando o período de criação e desenvolvimento da instituição, quanto do dinheiro.

Imagem 2 - Exposição sobre a história do Banco Econômico.



Fonte: As autoras (2020)

Tato fato pode ser constatado na fala de uma moradora da Favela Nova Esperança, durante a entrevista cedida para o estudo doutoral, no ano de 2012, quando frisou:

É...meu nome é M., sou aqui da comunidade do Pelourinho, moro aqui, né? Cresci aqui e...antes eu não sabia, até cinco anos atrás, eu não sabia que...é...o museu e várias coisa aqui...vários espaços...é...eu não sabia que podia...é...ser frequentado, né? Muitos eu achava que era só pra turista<sup>12</sup>.

Cabe salientar que as casas e moradores da respectiva favela se mantêm escondidas dos turistas por detrás das belas fachadas localizadas no Pelourinho. Assim, o contexto de desemprego, violência, evasão escolar, marginalidade, prostituição e demais variáveis comuns em regiões periféricas passam despercebidas pelos milhares de visitantes nacionais e internacionais que passeiam pelas ruas do “Pelô”.

Ao mencionar o espaço temporal “cinco anos atrás”, o que seria o ano de 2007, reforça a fala da diretora do museu, quando deixou claro, em sua entrevista, que a mudança na forma de atuação do ME, no que diz respeito à inclusão da comunidade do Pelourinho nas suas práticas, foi iniciada em 2001, mas intensificada no ano de 2007, quando contou com o apoio da Alta Administração, o que, sem dúvida, fez toda a diferença, pois, à medida que a busca de melhoria de atuação, em prol da sociedade parte das instâncias

---

<sup>12</sup>Informação verbal de entrevista cedida por uma mãe, cujo filho frequentava as atividades do ME, em 2012, a fim de compor a tese de doutorado a ser defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2013.

organizacionais superiores, a transformação do clima e cultura organizacionais se tornam mais brandas.

Assim, com o objetivo de passar a atuar como uma organização aberta, isto é, de forma integrada à comunidade do Pelourinho, sem, contudo, descartar as práticas museais tradicionais, o ME passou a defender a missão de “contribuir para a preservação, a difusão e a apropriação do patrimônio cultural, aplicando ações museológicas e atuando como referencial para o exercício da cidadania”. (FUNDAÇÃO ECONÔMICO MIGUEL CALMON, 2020, p. 1, grifo nosso).

Por entender que o exercício da cidadania se voltava, sobretudo, para a população local (moradores da Favela Nova Esperança), o ME deu início às ações destinadas a contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da referida favela. Para isso, passou a estabelecer mudanças internas, onde, pelo processo dialógico, a equipe do museu foi começando a estruturar as programações que, de fato, atenderiam as necessidades imediatas da comunidade, cujas ações se destinavam.

Com a consciência de que as ações só iriam ir ao encontro das expectativas dos moradores locais, à medida que eles se enxergassem nelas, a busca de parcerias com os vários grupos sociais que tanto faziam parte da região, quanto os que, igualmente, encontravam-se em situação de vulnerabilidade social, mesmo não fazendo parte do “Pelô” foi se fortalecendo progressivamente, ao passo da equipe do ME ser unânime em defender que era obrigação do museu atender qualquer visitante bem e com o mesmo respeito e profissionalismo, independente

[...] de raça, cor, classe social, faixa etária, interesses culturais etc. Assim, a criança, o idoso, o negro, o branco, o rico, o pobre, a pessoa com deficiência, o homossexual, o heterossexual, o católico, o protestante, o espírita, o ateu, a mãe de família, o desempregado e tantos outros integrantes da comunidade [...]. (TERRA, 2013, p. 251).

Assim, o espaço do ME foi se abrindo a todo grupo social que necessitava do seu espaço. Todavia, em decorrência da pandemia, assim como os demais espaços museais, o ME foi obrigado a fechar suas portas. Por esta razão, as ações e programações a serem apresentadas a seguir correspondem ao período histórico antes pandemia, no sentido de demonstrar como é possível uma organização museológica, independentemente de sua natureza, atuar de forma integrada ao meio em que é parte integrante.

## **AÇÕES REALIZADAS PELO METL/FUMICA**

A partir do momento em que a equipe do ME internalizou a importância do espaço museal para o bem-estar da sociedade, o envolvimento com as programações se tornou algo, extremamente, positivo, bem como tais programações foram atraindo cada vez mais tanto o público desejado (moradores e artistas locais), quanto públicos além do perímetro do museu.

Diante de tal fato, além das ações e programações diárias, foram surgindo a oferta de projetos anuais, realizados em datas específicas e que acabaram por fazer parte da programação fixa do ME. Assim, o museu passou a abrir seus espaços para programas so-

cioeducativos, projetos educativos, encontros culturais e exposições temporárias.

Isto implica frisar que “[...] paralelamente, às ações tradicionais, programações direcionadas às crianças, adolescentes e jovens da comunidade começaram a fazer parte da prática do METL/MBE” (TERRA, 2014, p.260), haja vista que a atuação do espaço museal, enquanto organização aberta, isto é, integrada ao meio, em prol do seu desenvolvimento não se pode descartar nem as práticas tradicionais, nem o olhar para as coleções, pois estas continuam sendo a essencial museal.

Por esta razão, o ME agregou às suas ações programas e projetos a serem desenvolvidos durante todo o ano, no sentido de atender as necessidades imediatas da população local, bem como contribuir para o bem-estar das crianças e adolescentes, a fim de permanecerem no espaço museal, em lugar de ficarem à mercê dos perigos da rua, como bem frisado por uma outra mãe entrevistada, quando apresentou a seguinte resposta, ao ser indagada sobre o que achava de seu filho estar frequentando o ME:

[É...meu filho J. V... hum!?...depois do museu, ele...é...daqui pra casa. Ele vem...quer dizer, ele vem toda hora, né?... (risos)...ele não esquece, então eu fico tranquila, porque eu fico no bar trabalhando com minha mãe. Eu nem me preocupo mais...é daqui pra casa. (TERRA, 20213, p. 360).

Corroborando com o exposto, outra mãe destacou a importância do ME para a segurança de sua criança, pois antes do museu abrir suas portas para a comunidade, ela ficava pelos sinais da cidade de

Salvador. Neste contexto, torna-se fundamental às organizações museológicas tomarem para si a aplicabilidade de seu papel social, pois como parte da sociedade, necessita atuar para e com a sociedade.

Afirma-se isso, pois, segundo Dodd (2001, p. 22), os espaços museais atingirão suas missões à medida que conseguirem oferecer, junto às ações e programações, algo que, de fato, vá ao encontro das expectativas do público, cujas ações se destinam. O autor quer frisar, com isso, é que se torna necessário aos museus procurar estabelecer programações baseadas nas necessidades do público externo (comunidade) e não mais a partir do achismo oriundo do que seria o esperado, vindo do público interno (equipe do museu).

Foi, exatamente, por esta razão que o ME substituiu a expressão “o que oferecer” por “como oferecer”, haja vista que somente desta forma poderiam apresentar algo que fosse ao encontro tanto da necessidade, quanto do processo linguístico do grupo que seria atendido, como destacado pela chefe do Setor Educativo:

[o Museu sempre busca] adequar da melhor maneira possível a linguagem, a forma de explicar, procurando também interação com o público, porque não adianta você chegar numa exposição, explicar tudo sobre aquilo ali e não procurar saber sobre o conhecimento prévio daquela pessoa, seja de que lugar for, seja daqui, do entorno, de outros bairros, de outras estados e países, se você tem essa preocupação de extrair do visitante algum tipo de conhecimento prévio que ele tenha, isso aí já vai ser um ponto extremamente positivo, porque a pessoa vai se envolver e vai perguntar, vai interagir com você. (TERRA, 2013, p. 223-4).

Posto isto, os programas socioeducativos que o ME passou a ofertar, de forma diária ou anual, com vista ao cumprimento do seu papel social, foram:

**a) Parceria com artistas locais:** com o objetivo de ajudar os artistas iniciantes, os quais não possuem condições financeiras para alugar espaços para suas exposições, o ME liberava, de forma gratuita, a Sala de Exposições Temporárias para que os artistas pudessem expor seus trabalhos. Mas, em contrapartida, tinham que oferecer, também de forma gratuita, algum curso ou oficina à comunidade, como visto na ilustração a seguir.

Imagem 3 – Exposição e oficinas dos artistas iniciantes.



Fonte: As autoras (2018)

**b) Parceria com Universidade:** com o objetivo de contribuir com a formação da comunidade educativa dos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Museologia, o ME abria seus espaços para as atividades de Estágio Supervisionado.

Imagem 4 – Atividades de estágio dos cursos de graduação.



Fonte: As autoras (2005).

**c) AEIOUubro – criança, cultura e cidadania:** semana dedicada ao público infantil de escolas públicas localizadas no centro histórico e subúrbio de Salvador, com o objetivo de promover a educação sociocultural a crianças em situação de risco, através das várias linguagens artísticas, tais como, peça teatral, teatro de fantoches, música, dança, bem como brincadeiras, enfatizando o resgate das tradicionais, em desuso nos grandes centros urbanos, tais como: amarelinha, anel–anel, elástico, estátua, hora do conto, jogos da memória, pega-varetas, peteca, pião, roda, dentre outras. É realizada no mês de outubro, anualmente, próximo ao Dia das Crianças.

Imagem 5 – Atividades AEIOUubro.



Fonte: As autoras (2010).

**d) Inclusão Sociodigital:** oferece o acesso livre à Internet disponibilizando cinco computadores para estudo, pesquisa e entretenimento dos estudantes e pessoas da comunidade local, que vêm aprender informática, uma das ferramentas mais importantes na atualidade. Como resultado, essa atividade ampliou a percepção do melhoramento linguístico, geográfico e interpessoal; foi e é, mais um instrumento de incentivo ao hábito da leitura; aumentou consideravelmente a frequência à biblioteca. Era realizada de terça a sexta-feira, das 09hs às 18hs, na Sala de Leitura da Biblioteca Inocêncio Calmon.

Imagem 6 – Atividades de inclusão sociodigital.



Fonte: As autoras (2010).

**e) Projeto Moral da história:** com o objetivo é despertar nas crianças e adolescentes as boas ações, através de uma discussão informal sobre os valores éticos e morais, o ME exibia filmes para o público infanto-juvenil, na terceira terça-feira de cada mês, em duas sessões diárias, às 9:30h e 14h.

Imagem 7 – Exibição de filmes Projeto Moral da história.



Fonte: As autoras (2009).

**f) Programa Museu-Escola:** criado em 1988, com a finalidade de receber e realizar visitas programadas no Museu e nas escolas, esta ação visava promover a aprendizagem de forma interativa, didática, divertida e lúdica, através de recursos audiovisuais, visitas monitoradas às salas de exposições e vivências com o acervo, a partir da interação com a estrutura curricular das escolas.

Imagem 8 – Ações do Programa Museu história.



Fonte: As autoras (2007).

**g) Revista em Quadrinhos – imagem, palavra e balão:** este projeto era uma ação cultural da Biblioteca que visava proporcionar mais uma motivação para o hábito da leitura, onde os participantes liam as revistas que traziam informações sobre avanços tecnológicos, os problemas socioculturais, políticos e econômicos de uma forma divertida, colocando, assim, a criança e o adulto frente ao mundo da imaginação, da fantasia e do conhecimento.

**h) Projeto Varal Cultural:** o objetivo desta ação era integrar os usuários, os elementos culturais e a Biblioteca, por meio de leituras, apresentações musicais, poesias, exibições de slides, desenhos, recortes, colagens de revistas e visitação exploratória, visando a criação de uma exposição pelos participantes. Para isso, era desenvolvida a prática da pesquisa de forma prazerosa, visando o incentivo ao hábito da leitura.

Imagem 9 – Ações do Projeto Varal Cultural.



Fonte: As autoras (2007).

**i) O Natal em Você:** este projeto visava propor a ação de resgate aos valores morais e culturais que foram substituídos em nome da modernidade. Considerando a perspectiva dos participantes sobre o significado da festa natalina, pretendia-se desenvolver atividades que facilitassem a troca de experiências e a construção de conhecimento das tradições do Natal, de forma participativa, buscando a integração e a reflexão sobre a importância desta época para cada um.

Imagem 10 – Ações do Projeto Natal em Você.



Fonte: As autoras (2007).

**j) Projeto Ritmos e Ritos das Culturas Populares da Bahia:** com o objetivo de manter viva as tradições, o ME passava mostras de vídeos sobre manifestações folclóricas desenvolvidas no Estado, em quatro sessões diárias, bem como contava com a parceria de grupos folclóricos, os quais faziam suas apresentações pelas ruas do Pelourinho.



Fonte: As autoras (2005).

**k) Outras Ações:** o ME sempre visando oportunizar o uso de seus espaços pelos vários grupos sociais, começou a oferecer oficinas, cursos, congressos, seminários, além de permitir atividades diversas em seu auditório, sendo que estas poderiam ou não ser cobradas, dependendo do foco a ser trabalho. Tal ação foi uma forma encontrada pelo museu em obter recursos financeiros complementares para a aquisição dos kits de higiene que distribuíam às crianças e adolescentes, dos materiais a serem utilizados nos projetos e programas fixos, haja vista que o ME

era um dos poucos museus do Pelourinho que não cobrava ingresso.

Imagem 12 – Ações do Projeto Ritmos e Ritos das Culturas Populares da Bahia.



Fonte: Acervo Museu Eugênio Teixeira Leal (2005).

Quanto aos projetos educativos, o ME passou a oferecer, desde 2008, o “Projeto Passaporte do Futuro: o Saber Digital, Educação e Cidadania”, a fim de contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos jovens locais e o despertar da cidadania e responsabilidade desses jovens, bem como com a sua preparação para o mercado de trabalho. Assim, o ME passou a oferecer um curso preparatório de guia de museus aos jovens da comunidade, os quais, graças à parceria entre a Fundação Econômico Miguel Calmon e o Instituto Cooperforte, recebiam uma bolsa, como ajuda de custo. Ademais, mantinham outros projetos, tais como: Oficinas sobre Museus e Turismo, de Se-

gurança do Patrimônio Cultural e de Expografia, além de ser responsável pela edição e lançamento dos livros da Coleção Memória da Bahia.

Parafraseando Terra (2014, p. 263), é notório que como “[...] toda organização, o METL/MBE apresenta limitações, bem como aspectos positivos e negativos”, necessitando melhorar, principalmente, a partir deste contexto. Tornar-se-á, mais do que nunca, adaptações importantes, haja vista que a busca em contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população local, sem dúvida, será um desafio ainda maior. Mas, o importante é nunca desistir e buscar desempenhar a prática museal da melhor forma possível.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O espaço museal só conseguirá cumprir seu papel social, a partir do momento que se transformar em um lugar de comunicação e aprendizagem. Lugar de comunicação, no sentido de se fazer entender pelos visitantes, sendo necessário para isso, apresentar em seus discursos o mesmo processo linguísticos dos sujeitos, cujas ações se destinam, de modo a se verem neles e, lugar de aprendizagem, no sentido de permitir o envolvimento entre o discurso e os valores trazidos pelos visitantes, a fim de, pelo processo dialógico, ocorrer tanto a troca desses valores, quanto fazer com que os visitantes passem a ver e agir no mundo de forma mais reflexiva e, portanto, crítica.

Isto implica frisar que a ação museológica necessita despertar no visitante o interesse pelo envolvimento com o discurso apresentado, motivando o início do processo dialógico, capaz de permitir a construção do conhecimento pela troca de experiências pessoais, ideias e valores e, assim, sua transformação social. Para isso, os dis-

cursos a serem trabalhados durante as programações museológicas necessitam ser propostos e não impostos. Devem ser construídos e não apresentados como um produto pronto e acabado pela equipe dos museus, já que o ato de conhecer resulta da proposta socioconstrutivista. E, como instituição cultural por natureza, o museu necessita transformar os seus discursos em algo “autêntico” para o visitante, pois somente assim, este passará a confiar na mensagem transmitida.

Assim, por mais elitista que seja o edifício, por mais espaço- so e grandioso que seja o seu interior, por mais majestoso que sejam seu mobiliário e por mais inibidora que seja a sua imagem, quem transforma o espaço museal em patrimônio local da comunidade são as pessoas que lá atuam e que acreditam que a ação museológica só atingirá o sucesso esperado, à medida que o envolvimento com a comunidade passe a ser uma realidade.

## REFERÊNCIAS

DODD, Jocelyn et al. **Including museums**: perspectives on museums, galleries and social inclusion. Leicester: University of Leicester, 2001.

FUNDAÇÃO ECONÔMICO MIGUEL CALMON. **Nossa história**. 2020. Disponível em: <https://www.museueugenioteixeiraleal.org/sobre-o-museu>. Acesso em: 27 jun. 2021.

REGO, Arménio. O museu como sistema aberto: três reflexões. **Gestão e Desenvolvimento**. N. 8, 205-215, 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/guilh/Downloads/675-Texto-1757-1-10-20190924.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SOZANSKI, Edward J. Art: What is art's place in the picture? **The Philadelphia Inquirer**, Califórnia, 2010. Disponível em: [http://www.philly.com/inquirer/entertainment/20100815\\_Art\\_What\\_is\\_art\\_s\\_place\\_in\\_the\\_picture\\_.html](http://www.philly.com/inquirer/entertainment/20100815_Art_What_is_art_s_place_in_the_picture_.html). Acesso em: 11 jul. 2021.

TERRA, Guilhermina de Melo. **Atuação do museu enquanto sistema aberto: uma realidade possível**. 2013. 372 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. 2013.

TERRA, Guilhermina de Melo. Parceria entre o museu e a comunidade: prática museológica desenvolvida pela Museu Eugênio Teixeira Leal/Memorial do Banco Econômico. In: Seminário Brasileiro de Museologia (2014: Belo Horizonte). Anais[...]. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: **Anais - I Sebramus. 2014.pdf** - Google Drive. Acesso em: 11 jul. 2021.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Eliene Dourado Bina**

Graduada em Museologia, pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia.

Doutora em Estudos do Patrimônio, pela Universidade do Porto.

Diretora Executiva do Museu Eugênio Teixeira Leal – Salvador/BA.

### **Guilhermina de Melo Terra**

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Católica

Dom Bosco. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Pós-doutora em Museologia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Professora da Universidade Federal do Amazonas.

### **3.4 MUSEU CASA BUMBA MEU BOI EM MOVIMENTO**

#### **A ARTE DO SABER FAZER, DO CATIRI PARA O MUNDO**

Auricélia Padilha Mercês  
Thaís Lima Trindade  
Luiz Augusto da Rocha Vaz

### **INTRODUÇÃO**

Localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, o bairro Bangu, um dos mais populosos do município, abriga vários bairros, entre eles a Vila Catiri, ou somente Catiri, formado em sua origem por famílias de imigrantes nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida.

Essa região do Rio de Janeiro recebeu, nas últimas décadas, grandes fluxos populacionais. Dessa forma, com o rápido aumento de sua densidade demográfica e distância do centro cultural e administrativo da cidade, a região possuía poucas ou quase nenhuma opção de lazer e entretenimento. Combinado a esse cenário, no final da década de 1990, tem início um movimento comunitário de resistência política e cultural para fixação territorial de um grupo de moradores dessa região desprestigiada por ações governamentais.

Chamado de Comunidade do 80, esse grupo era formado por famílias compradoras de lotes na região e que têm a legitimidade dessa aquisição questionada pelas empresas herdeiras da antiga Fábrica Bangu. Esse processo de luta e organização comunitária resulta na conquista dos direitos de posse e propriedade da terra junto à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, reflexo de uma ação cultural proposta pela família Mercês, que gerou o Espaço Cultural Raízes de Gericinó e apoiou o processo de organização comunitária (VAZ, 2017).

A partir da Comunidade do 80, consolida-se o bairro do Catiri,

que atualmente conta com cerca de 22.000 habitantes, uma região periférica com várias famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade. É nessa realidade que o movimento popular Raízes de Gericinó se consolidou como resistência, tendo origem em 1999 a partir de ações populares lideradas pela família de Dona Rosa Mercês e que, posteriormente, em 2010, formalizou-se como uma organização não governamental (ONG), intitulada Centro Cultural Raízes de Gericinó. A ONG mantém o Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento, um museu de base comunitária, que integra e promove continuamente diversas ações com o objetivo de fortalecimento e crescimento social, preservação da memória e cultura da comunidade do Catiri.

## **RAÍZES DE GERICINÓ**

Em meio à luta diária pela sobrevivência, surgiu entre os moradores da comunidade o sentimento da necessidade de manter vivas as lembranças e tradições que carregavam em suas origens. Por isso, mesmo enfrentando as dificuldades e saudades de sua terra, a família de Dona Rosa, ex-quebradeira de coco Babaçu no Maranhão e uma fiel transmissora da tradição do Bumba Meu-Boi-Maranhense, mais tarde ficando conhecida como Mestra Rosa, no ano de 1999, deu início a um movimento cultural na comunidade, por meio de festejos que eram realizados de acordo com as tradições de sua terra natal, o Maranhão.

Os encontros aconteciam anualmente no mês de junho, no bairro de Bangu, em frente à casa de Dona Rosa. A celebração era realizada com músicas nordestinas e pratos típicos da cultura maranhense, os participantes vestiam-se de caipiras conforme a tradição nordestina. O evento passou a ganhar notoriedade e atraiu morado-

res próximos que passam a aderir a tradição do festejo e seguiam a proposta da celebração, vestindo-se a caráter e trazendo comidas típicas de sua cultura natal. Aliado a esse contexto, a comunidade enfrentava um forte embate contra a Fábrica Bangu, uma luta coletiva pelo direito à moradia na região do Catiri, o que resultou na constituição de uma comunidade cercada pela Avenida Brasil e por indústrias, virando uma autêntica aldeia urbana.

Em resposta a tantas batalhas e pela união da comunidade, originou-se o movimento Raízes de Gericinó, que faz alusão às tradições trazidas do Maranhão para a comunidade do Catiri. Tal movimento congregava, além do festejo anual, também o desenvolvimento de outras atividades culturais junto à comunidade.

A partir dessas ações comunitárias, foi criada a ONG Centro Cultural Raízes de Gericinó, que por sua vez deu origem a trabalhos de cunho social na comunidade, como as oficinas para criação de peças e indumentárias típicas da festa folclórica do Bumba Meu Boi que integra a cultura do Maranhão. O Bumba Meu Boi é uma festa folclórica brasileira, com origem no nordeste do país e mescla dança, teatro e música. No Maranhão, a festa é celebrada em junho, dura 30 dias e conta a lenda de um boi que é morto e volta à vida. A festa tem o boi como protagonista, representado por um boi produzido em madeira e coberto por tecidos e materiais coloridos, tendo em seu interior um homem que reproduz os movimentos do animal.

Com base nessa tradição maranhense, o movimento Raízes de Gericinó criou o grupo de dança Bumba Meu Boi Estrela de Gericinó, o que consolidou o evento como uma tradição da comunidade local.

Fotografia 1 – Apresentação do Grupo de dança Bumba Meu Boi Estrela de Gericinó.



Fonte: Acervo Centro Cultural Raízes de Gericinó (2017).

Além dos festejos e da tradição do “Boi” que compõem o movimento, sua fundação nasceu da necessidade de atender as crianças e jovens da comunidade do Catiri e seu entorno. A ONG possui uma biblioteca infanto-juvenil, um cineclube, um grupo de capoeira formado por crianças, jovens e adultos, o Capoeirando e um acervo museológico que busca preservar a memória e o patrimônio da comunidade, além de dinamizar as ações comunitárias e do grupo folclórico para turistas, estudantes e migrantes nordestinos. Tendo como áreas de atuação: cultura popular, o turismo de base comunitária, museologia,

educação e cidadania, saber popular, memória e identidade. Quanto ao planejamento estratégico está definido da seguinte forma:

- **MISSÃO**

Contribuir para transformação social visando o benefício da Zona Oeste do Rio de Janeiro, por meio da cultura popular, no viés da arte e educação, promovendo a diversidade cultural na convivência familiar e comunitária, por meio de programas destinados a mulheres, crianças, jovens e adultos.

- **VISÃO**

Ser reconhecido como instituição que promove ações socio-culturais, mobilizando e integrando a comunidade para contribuir em benefício do desenvolvimento local.

- **VALORES**

- Conhecer e respeitar a diversidade cultural;
- Convivência comunitária;
- Vivências culturais e acesso à inclusão;
- Garantia de seus direitos;
- Acessibilidade à inclusão social.

- **OBJETIVO GERAL**

Fortalecer o orgulho e pertencimento pela diversidade cultural, por meio do folclore brasileiro do Bumba Meu Boi maranhense, nas tradições da arte do saber fazer, artesanato, hábitos e costumes da culinária, aproximando pessoas e promovendo convivência e união comunitária, além de possibilitar o acesso à inclusão social por meio de programas, projetos e parceiros que atendam a demanda do território.

- **OBJETIVO ESPECÍFICO:**

CULTURAL: realizar oficinas para promoção a inclusão cultural por meio da cultura popular do Bumba Meu Boi maranhense, em oficinas de dança, artesanato e corte/costura para moradores da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

SOCIAL: Possibilitar acesso a garantia de direitos em situação de vulnerabilidade social.

São desenvolvidos continuamente projetos e ações que concretizam sua missão e objetivos, entre esses podemos citar as oficinas de corte e costura realizadas com as mulheres, oficinas de artesanato, oficinas de canto e dança voltadas aos jovens e adultos moradores do Catiri e adjacências. Também são oferecidas programações de inclusão social que envolvem ações educativas e artísticas, tais como o *Cantinho da Leitura*, que oferece aulas de alfabetização e reforço escolar para as crianças da comunidade, o *Cine Clube Mestre Zé* que realiza a exposição de filmes para diversas faixas etárias. Em destaque, menciona-se o evento *Arraiá Flor da Roça*, o qual é tido como o ápice da confraternização e partilha de todas as ações realizadas no *Raízes de Gericinó*, e busca promover a inclusão, integração social e o sentimento de pertencimento na convivência comunitária na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Fotografia 2 – Arraiá Flor da Roça no Centro Cultural Raízes de Gericinó.



Fonte: Acervo Centro Cultural Raízes de Gericinó (2019).

Quanto a questão da alta vulnerabilidade social encontrada na comunidade do Catiri, a ONG desenvolve, em parceria com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) local, o Projeto Acessando Meus Direitos, que oferece aos membros da comunidade do Catiri atendimentos psicológicos e jurídicos, diretamente na sede da ONG.

Além destes, o Centro Cultural Raízes de Gericinó realiza e participa de diversas outras ações sociais e culturais em parceria com instituições tais como Banco da Providência, Projeto Luz, Casa Rua do Amor, Mulheres de Pedra, Associação Semente da Vida, Compartilhar, Colegiado Gestor, Alto Negras, que buscam promover a inclusão social e redução das desigualdades entre jovens, adultos e famílias que vivem em situação de pobreza extrema na comunidade do Catiri.

## MUSEU BUMBA MEU BOI EM MOVIMENTO

Anexo ao núcleo administrativo, o Centro Cultural Raízes de Gericinó congrega o Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento (MCBMBM), que atua com o olhar da Sociomuseologia ou Museologia Social descrita na Declaração Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), como sendo:

Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória [...] (MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA, 2013, p. 1).

A partir dessa perspectiva, os museus passaram a desenvolver iniciativas e ações em resposta ao quadro de abandono e desertificação cultural que os cercam, exatamente como ocorreu na comunidade do Catiri, que durante muito tempo permaneceu “invisível” aos serviços e investimentos públicos e privados do Rio de Janeiro (VAZ, 2019).

A gestão do Museu Casa do Bumba Meu Boi, bem como do Espaço Raízes de Gericinó, conta principalmente com as mulheres da família de Dona Rosa Mercês, sua filha Auricélia Mercês é pedagoga e a principal articuladora da ONG. O trabalho comunitário desse espaço, além de reunir e expor em seu acervo adereços do folgado do Bumba Meu Boi do Maranhão, realiza anualmente a montagem do evento Arraíá Flor da Roça, que mescla ritos de dança, canto e interpretação dramática, congregando membros da comunidade do Catiri, formada em sua maioria por famílias nordestinas (VAZ, 2019).



Fonte: Acervo Centro Cultural Raízes de Gericinó (2019).

As atividades e programações realizadas no MCBMBM contam com a participação maciça dos membros da comunidade, o que gera a apropriação destes, no campo da representação do museu, como um espaço de memória e construção de valores junto à sociedade. De tal feita, o MCBMBM busca relacionar em seu fazer cotidiano valores éticos e valores afetivos, enraizados em sua estrutura física e na convivência comunitária.

Em sua estrutura física, o MCBMBM constitui-se de espaços destinados a exposições, salas de atividades educacionais e de leitura e oficinas dos mais diversos tipos de arte. Conta também com uma cozinha característica de uma casa habitada, na qual, sempre que possível, são preparadas comidas típicas da culinária maranhense, parte do acervo intangível desse espaço museal.

A materialidade e imaterialidade do acervo é percebida de imediato nesse lugar de memória, desde sua nomenclatura pelo uso dos

termos “museu casa”, sugerindo a ideia de acolhimento e afetividade. O acervo material e intangível do MCBMBM é formado a partir das peças produzidas nas oficinas de costura e bordado, que também representam tradição do “saber fazer”, utilizadas durante os ensaios da realização de eventos de apresentação do Bumba Meu Boi.

Fotografia 4 – Oficina de artesanato: indumentárias.



Fonte: Acervo Centro Cultural Raízes de Gericinó (2015).

A principal característica desse acervo é possuir uma exposição permanente, na qual é permitido aos visitantes tocar (grande parte) e fotografar as peças. Os depoimentos orais das mulheres da família Mercês: Dona Rosa, Auricélia, Érica (filha de Auricélia) e Roselécia (filha de Dona Rosa), sobre suas vivências no Maranhão e no Rio de Janeiro também compõem o acervo imaterial do museu (VAZ, 2019).

No espaço Sala dos Bois, encontram-se em exposição os artefatos produzidos nas oficinas de artesanato, costura e bordado, entre elas estão vestimentas, instrumentos e acessórios utilizados nos festejos do Bumba Meu Boi Maranhense. Em destaque estão dois bois folclóricos, um carrega aspectos característicos do Maranhão, uma

réplica dos bois utilizados na tradição do festejo. Em contrapartida, o outro boi possui alegorias que remetem ao carnaval carioca. O encontro dos dois bois nessa sala representa a mistura das duas culturas, a união das tradições maranhense e cariocas que fomentaram a construção patrimonial da comunidade do Catitiri. A *Sala dos Bois* emana o afeto colocado na fabricação das peças produzidas pelas mãos da comunidade.

Fotografia 5 – Sala dos Bois.



Fonte: Acervo Centro Cultural Raízes de Gericinó (2019).

O espaço denominado Sala da Saudade dispõe também, em seu interior, de artefatos que representam a ancestralidade e a imaterialidade simbólica das memórias trazidas do Maranhão e das lutas enfrentadas pela comunidade na construção de sua trajetória. A Sala da Saudade traz o seguinte texto logo em sua entrada:

A sala da saudade reúne um conjunto de objetos e práticas que fazem parte do patrimônio da cultura material e imaterial do nosso país. Referências materiais, sonoras e visuais permitem recuperar histórias vividas pela família Mercês. Objetos de valor sentimental e histórico para essa família que veio do Maranhão, trazendo raízes da cultura local. As memórias mais profundas e saudosas do povo maranhense estão nesse acervo formado por peças que recuperam as práticas de modo de fazer de vários sujeitos que ajudaram a projetar a cultura maranhense na identidade cultural da Comunidade do 80, no Gericinó. Ao passar por este espaço museal, visitantes constroem suas identidades individuais ou coletivas. Ao alcance dos olhos estão objetos incomuns na cultura carioca, como os tapitis e cuias usadas para produzir a farinha, os buritis e os babaçus que constituem fonte de renda das quebradeiras de coco e algumas peças e objetos que podem ser conhecidos [e re-conhecidos] neste pequeno recanto de memória maranhense. O traço cultural indígena constitui parte das raízes maranhenses trazidas para o Gericinó. A presença indígena se expressa na crua precisão das cestarias, na leveza das penas usadas e instrumentos musicais e no colorido barroso de utensílios domésticos. Antigas raízes culturais estão representadas em objetos reunidos nesta sala. Alguns deles não são mais usados, deixaram saudades em quem conheceu e podem ser conhecidos pelos mais jovens ou por aqueles que vivem distantes do território maranhense. Para o Museu Casa Bumba Meu Boi, a Sala da Saudade é um cantinho especial. Antigos frutos da cultura maranhense despertam curiosidade e promovem conhecimentos, enraizando saberes maranhenses no constante processo de construção de memórias e emoções que marcam a identidade maranhense no Rio de Janeiro.

Na *Sala da Saudade* são realizadas leituras de cordel que contam histórias sobre a vida dos nordestinos que fundaram a comunidade, simbolizando lembranças de dores e alegrias vivenciadas, os sentimentos, a força e os saberes construídos pela comunidade do Catiri.

A partir dessas experiências, os visitantes dimensionam o uso da palavra saudade como parte da nomenclatura desse espaço, pois nele memórias e saudades andam lado a lado. A palavra "saudade" tem origem no latim e existe em diversas línguas, porém com significados distintos da língua portuguesa. Em outros idiomas a palavra está relacionada à nostalgia de um lugar ou um lar. Porém, na língua portuguesa, a palavra tem uma abrangência muito maior, estando relacionada à ausência de lugares, pessoas, grupos, vivências, entre outros. O termo saudade na língua portuguesa pode ser definido como:

Sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis (MICHELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2021, p. 1).

A Sala da Saudade representa um espaço de destaque no MCBMBM, pois nela são realizadas leituras de cordel contando a vida dos nordestinos que fundaram a comunidade. Simboliza lembranças de dores e alegrias vivenciadas, os sentimentos, a força e os saberes construídos pela comunidade do Catiri.

Ainda nas dependências do MCBMBM, localiza-se o Cantinho da Leitura, espaço reservado a atividades lúdicas, de leitura e debates desenvolvidos com crianças da comunidade. Tais atividades são propostas a partir de leituras que tenham relação com questões sociais, sustentabilidade, direitos e deveres que fazem parte da rotina dessas crianças e da comunidade. Esse espaço busca orientar as crianças para o desenvolvimento da cidadania e da importância da coletividade.

O MCBMBM oferece uma visita guiada que integra todos esses espaços e experiências, a visita dura cerca de duas horas, na qual os visitantes são recepcionados com versos de literatura de cordel e são apresentadas as tradições maranhenses por meio da “arte do saber fazer”, o histórico da comunidade, a chegada da família Mercês, exposição dos adereços e indumentárias do bumba meu boi. Todos os acontecimentos são relacionados às referências locais, propiciando um diálogo entre os dois estados: Maranhão e Rio de Janeiro, e fortalecendo os laços entre as duas culturas.

Ao fim da visita, um outro rito reforça essa aura de ancestralidade e identidade cultural, são distribuídos aos visitantes o *chocolate de coco babaçu*<sup>14</sup>, bebida típica maranhense produzida pelas mãos da comunidade. Uma forma de manifestar gratidão e acolhimento aos que por ali passam e para que possam levar consigo parte da essência do museu.

O cerne do MCBMBM como museu de base comunitária consiste justamente em ter um “acervo vivo”, um acervo que integra pessoas, saberes, relações e objetos da comunidade.

O reconhecimento quanto a atuação desse espaço museal tem sido significativo, uma vez que esse integra a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, além de participar de diversas ações, premiações e eventos nas áreas de museologia social, educação, patrimônio, desenvolvimento social e outros. Entre eles, destaca-se a participação na 18ª Semana Nacional de Museus, realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que aconteceu entre os dias 18 e 24 de maio de 2020 e teve como tema “Museus para a Igualdade: diversidade e inclusão”, no qual o MCBMBM foi um dos destaques pelas

---

<sup>14</sup>Produzido a partir do mesocarpo, parte fibrosa que fica entre a casca e amêndoa do coco babaçu.

ações de mobilização no combate à fome e conscientização quanto aos cuidados no enfrentamento ao corona vírus, junto à comunidade do Catiri.

Menciona-se ainda a participação em uma exposição internacional no Museu Nacional Antropologia de Madri, na Espanha, que aconteceu durante o mês de fevereiro de 2020 e mostrou um pouco da história do MCBMBM e do Centro Cultural Raízes de Gericinó. Além da apresentação do MCBMBM durante a XX Conferência Internacional Galaico-portuguesa MINOM do Conselho Internacional de Museu (ICOM), realizado em julho de 2020.

## **AÇÃO SOCIAL – COVID-19**

No ano de 2020, com o início da pandemia causada pelo coronavírus - COVID-19, o Brasil foi obrigado a adotar medidas restritivas de isolamento social em todas as partes do país. No Catiri, em especial, foi desolador, por tratar-se de uma região que lida diariamente com os impactos da pobreza e as desigualdades sociais. Tal realidade agravou de forma brutal a situação da comunidade.

O MCBMBM teve que fechar suas portas sem previsão de retorno às atividades e com a constante preocupação: “como se fazer presente e apoiar a comunidade nesse momento tão difícil?”. No Catiri a fome era tão letal quanto o novo vírus, pessoas catando alimentos no lixo, morando em carros abandonados, entre tantas outras situações de miséria foram presenciadas na comunidade. O museu, que durante anos esteve presente no fortalecimento e crescimento comunitário, agora se via impossibilitado de suas atividades, era preciso agir.

Tomados por esse sentimento de urgência, comunidade e museu se reinventaram, partiram em buscas de apoios e parcerias com empresas e lideranças locais, que pudessem, de alguma forma, ajudar nas necessidades básicas dos moradores do Catiri.

Por meio da potencialização das ações humanas, foram possíveis parcerias que resultaram na Ação Social – COVID-19, realizado pelo Centro Cultural Raíces de Gericinó e o MCBMBM, com o apoio e colaboração de 40 agentes sociais e várias organizações tais como: Instituto Ekloos, Instituto PHI, Banco da Providência, Ação da Cidadania, E-solidários e Comitê da Cidadania dos funcionários do BNDES, Ovos Mantiqueira, Elseve e Natura, foram arrecadadas doações de cestas básicas, kits de higiene, limpeza e máscaras de proteção que foram distribuídos para 5.000 famílias da comunidade e impactaram cerca de 20.000 pessoas.

Fotografia 6 – Cestas básicas arrecadas por meio da Ação Social – COVID-19.



Fonte: Acervo Centro Cultural Raíces de Gericinó (2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de políticas públicas e opções de cultura e lazer em áreas periféricas, geralmente, dão origem a movimentos populares comunitários. Eles surgem como resistência à realidade de abandono e indiferença em relação a iniciativa pública e privada enfrentada pelas comunidades carentes.

Há cerca de duas décadas, a comunidade do Catiri foi construída à margem da pobreza e da exclusão. Desta feita, originou-se o movimento comunitário Raízes de Gericinó, que buscava representar a comunidade perante o poder público e deu início a mobilização comunitária de base em prol das lutas e reivindicações para o desenvolvimento local.

O movimento que, inicialmente, se direcionava à questão da conquista territorial das famílias da Comunidade do 80, cresceu e ganhou força em outras dimensões, passou também a integrar as questões culturais e de bem-estar social da comunidade. Na busca pela potencialização das relações humanas entre os moradores, é fundado pelo movimento comunitário Raízes de Gericinó o Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento, espaço que surgiu da necessidade de preservar as memórias pelos imigrantes dos seus locais de origem, bem como para o fortalecimento da construção da memória coletiva compartilhada nessa nova jornada. O museu de base comunitária carrega em sua essência as práticas da Museologia Social, um espaço de memória comunitária que congrega atividades de educação popular, artística, cultural e social.

Com a adoção de valores tais como a convivência comunitária, o fomento ao turismo de base comunitária, a garantia de direitos, o acesso à inclusão e o respeito à diversidade cultural, o MCBMBM

passa a cumprir seu papel social como instituição cultural, por meio dos processos de construção das exposições e das ações sociais que carregam a história da comunidade do Catiri. O museu transmite a força do trabalho em rede como potência comunitária.

Dessa maneira, o MCBMBM fomenta diariamente a construção do patrimônio material e imaterial do Catiri, atuando nas raízes da Museologia Social e materializando-se como um museu que verdadeiramente é afeto, é ancestralidade, é pertencimento da e para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

MICHELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORUGUESA. **Verbetes saudade**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7mGOR>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA. **Declaração MINOM Rio 2013**. Rio de Janeiro: MINOM, 2013.

PAPEL social dos museus: como continuar na pandemia?. [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (01:39:24 min). Publicado pelo canal Grupo de Pesquisa em Informação e Comunicação GRUPIC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aP7DOAfE1wE&t=2880s>. Acesso em: 27 jan. 2021.

VAZ, Luiz Augusto da Rocha. **Linhas filosóficas para a ação cultural do Centro Cultural Raízes de Gericinó**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Raízes de Gericinó, 2017.

VAZ, Luiz Augusto da Rocha. **Zona Oeste do Rio. Ocasos e alvoreceres. Um estudo sobre Cultura, Memória e Cidade**, 2019. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) - Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Auricélia Padilha Mercês**

Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão de Projetos. Gestora e Coordenadora de Projetos do Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento e da ONG Centro Cultural Raízes de Gericinó.

### **Thaís Lima Trindade**

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gestão de Arquivos Empresariais, Mestre em Ciências da Comunicação, ambos pela Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (PPGCINF/ UnB).

### **Luiz Augusto da Rocha Vaz**

Mestre em Memória e Acervos pelo PPGMA da Fundação Casa de Rui Barbosa, especialista em Leitura e Crítica da Literatura Infantojuvenil e bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



# GRUPIC

GRUPO DE PESQUISA EM  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

---